

COLLEÇÃO ANTONIO MARIA FERREIRA



*Trinobrya - Michel*

*—*  
**DOLOROSA**

N.

241

L.

# OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR das suas principaes obras em 80 volumes  
In-8.º de 200 a 300 paginas  
impressa em bom papel, typo elzevir  
200 réis em brochura e 300 réis encadernado

- 1 — Coizas espantosas.  
2 — As tres irmans.  
3 — A enfeitada.  
4 — Doze casamentos felizes.  
5 — O esqueleto.  
6 — O bem e o mal.  
7 — O senhor do Povo de Ninões.  
8 — Anathema.  
9 — A mulher fatal.  
10 — Cavar em ruínas.  
11 e 12 — Correspondencia epistolar.  
13 — Divindade de Jesus.  
14 — A doida do Gandal.  
15 — Duas horas de leitura.  
16 — Fanny.  
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.  
20 e 21 — Horas de paz.  
22 — Agulha em palheiro.  
23 — O olho de vidro.  
24 — Annos de prosa.  
25 — Os brilhantes do brasileiro.  
26 — A bruxa do Monte-Cordova.  
27 — Carlota Angela.  
28 — Quatro horas innocentes.  
29 — As virtudes antigas.  
30 — A filha do Doutor Negro.  
31 — Estrellas propicias.  
32 — A filha do regicida.  
33 e 34 — O demonio do ouro.  
35 — O regicida.  
36 — A filha do arcebisgo.  
37 — A neta do arcebisgo.  
38 — Delictos da Mocidade.  
39 — Onde está a felicidade?  
40 — Um homem de brios.  
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.  
42, 43 e 44 — Mysteries de Lisboa.  
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.  
47 e 48 — O judeu.  
49 — Duas épocas da vida.  
50 — Estrellas funestas.  
51 — Lagrimas abençoadas.  
52 — Lucta de gigantes.  
53 e 54 — Memorias do carcere.  
55 — Mysteries de Fafe.  
56 — Coração, cabeça e estomago.  
57 — O que fazem mulheres.  
58 — O retrato de Ricardina.  
59 — O sangue.  
60 — O santo da montanha.  
61 — Vingança.  
62 — Vinte horas de liteira.  
63 — A queda d'um anjo.  
64 — Scenas da Foz.  
65 — Scenas contemporaneas.  
66 — O romance d'um rapaz pobre.  
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxerlado.  
68 — Noites de Lamego.  
69 — Scenas innocentes da comedia humana.  
70 e 71 — Os Martyres.  
72 — Um livro.  
73 — A Sereia.  
74 — Esboços de apreciações litterarias.  
75 — Cousas leves e pesadas.  
76 — THEATRO: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.  
77 — THEATRO: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flores. — Purgatorio e Paraizo.  
78 — THEATRO: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!  
79 — THEATRO: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.  
80 — THEATRO: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

Aos Camillianistas recommendamos a aquisição da seguinte obra

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Typos e episodios da sua galeria)

Apreeiações e criticas das obras do immortal escriptor

POR

SERGIO DE CASTRO

3 vols. no formato e typo da nossa Collecção das Obras de Camillo — br. 1\$500 rs., enc. 2\$000 rs.

## COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes in-16.º de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume

### VOLUMES PUBLICADOS

- |   |  |
|---|--|
| 1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A. Daudet. | 8 — O amigo Fritz, por Erckman Chatrian.     |
| 2 — Pedro e João, por Guy de Maupassant.  | 9 — Vogando, por Maupassant.                 |
| 3 — Sergio Panina, por Jorge Ohnet.   | 10 — Um romance de mulher, por Pierre Mael.  |
| 4 — O sonho, por E. Zola.   | 11 — Um coração de mulher, por Paul Bourget. |
| 5 — Soror Philomena, por Edmond e J. Goncourt.  | 12 — Ventade, por J. Ohnet.                  |
| 6 — O medico assassino, por Octavio Fére.   | 13 — O Nababo, por A. Daudet.                |
| 7 — Os milhões vergenbosos, por Heitor Malot.   | 14 — Beatriz, por R. Haggard.                |
|   | 15 — O crime, por d'Annunzio.                |
|   | 16 — Lise Flauron, por Ohnet.                |
|   | 17 — Os dois rivales, por A. Lapoint.        |
|   | 18 — O ultimo amor, por Ohnet.               |

- 19 — Um bulgare, por Ivan Tourguenoff.
- 20 — Memórias d'um suicida, por Maxime du Camp.
- 21 — Forte como a morte, por Guy de Maupassant.
- 22 — A alma de Pedro, por J. Ohnet.
- 23 — Camilla, por G.-Ginisty.
- 24 — Trahida, por Maxime Paz.
- 25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
- 26 — Magdalena Férat, por Zola.
- 27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
- 28 — Divida de odio, por Ohnet.
- 29 — Mentiras, por Paul Bourget.
- 30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
- 3 — A montanha do diabo, por Eugenio Sue.
- 32 — A Evangelista, por Daudet.
- 33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
- 34 e 35 — Odio antigo, por Jorge Ohnet.
- 36 — Parisienseal... por H. Davenel.
- 37 — Ao entardecer!... por Ivesing Rambaud.
- 38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmiento.
- 39 — Um casamento no mosteiro, por A. Assoland.
- 40 — Os párius, por Francisco da Rocha Martins.
- 41 — O abade de Favières, por J. Ohnet.
- 42 — A agonia de uma alma, por Ossip Fehubin.
- 43 — Memórias de um burro, por Madame Ségur.
- 44 — A nihilista, por C. Mendés.
- 45 — O grande industrial, por Jorge Ohnet.
- 46 — Morta de amor, por Delpit.
- 47 — João Sbogar, por C. Nadier.
- 48 — Viagem sentimental, por Sterne.
- 49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
- 50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
- 51 — O romance de um principe, por Pierre de Lano.
- 52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
- 53 — Amor de Miss, por J. Blain.
- 54 — A sogra, por Laforest.
- 55 — Colomba, por P. Merimée.
- 56 — Katia, por L. Tolstoi.
- 57 — Alma simples, por Dos-toiewajky.
- 58 — Duplo amor, por Rosny.
- 59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
- 60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
- 61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
- 62 — Manon Lescaut, pelo Abbede Prevost.
- 63 — O romance do homem amarello, pelo general Tchengk-Ki-Tong.
- 64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
- 65 e 66 — Nemrod & C.<sup>a</sup>, por Jorge Ohnet.
- 67 — Prisma de amor, por Paul Bonhomme.
- 68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
- 69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
- 71 — Depois do amor, por Ohnet.
- 72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
- 73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
- 75 — Uma ondina, por Theuriot.
- 76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
- 77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
- 78 e 79 — A filha do Dr. Joffre, por Marcel Prevost.
- 80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
- 81 — Dezeseis anno C. Philips.
- 82 e 83 — O Destronado, por A. Ribeiro.
- 84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
- 85 — Bodas Diniz.
- 86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
- 87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy.

COLLEÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 55.º Volume

---

# DOLOROSA







FRANCISCO ACEBAL

---

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA.

---

FRANCISCO ACEBAL

---

# DOLOROSA

---

TRADUCÇÃO DE CAIEL



LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — Livraria editora

*Rua Augusta, 50, 52 e 54*

1905

20.  
50241

COMPRA

R. 187297

---

1905

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a vapor

Da PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua dos Correios, 70 e 72, 1.º

LISBOA

## FRANCISCO ACEBAL

Ignoro quando este escriptor começou a escrever com intenção de publicar.

A sua actividade litteraria, que todos conhecemos, começou a manifestar-se em 1900.

Quando n'esse anno o *Blanco y Negro* abriu um concurso literario, destinado a premiar a melhor novella original, inedita, que se apresentasse, Acebal concorreu com *Huella de almas* e obteve o premio.

N'este primeiro livro vinham já assignaladas as qualidades typicas do autor: sinceridade no processo e na fórma; minuciosidade de analyse, observação fina, acurada; estylo sobrio, avesso a divagações prolixas; preferencia marcada pelos conflictos sentimentaes com abstenção calculada das grandes theses que envolvem os problemas modernos; e, impregnando a obra toda, uma funda tinta de melancholia, como uma submissão resignada á fatalidade implacavel, porque Acebal é um asturião em quem os impetos do sangue estão temperados por uma ingenita displicencia paciente e scismadora.

Em 1901 fundou a revista mensal *La Lectura*, uma das poucas excellentes revistas que se publicam em Hespanha e da qual ainda hoje é director.

E successivamente foi dando a publico as seguintes obras :

— *De buena cepa* — novella que constitue o volume XXV da *Biblioteca Mignon*.

— *Frente á frente* — novella publicada na revista barceloneza *Hojas Selectas*.

— *De mi rincon* — contos, 1902.

— *Dolorosa* — o romance com cuja traducção a Parceria Pereira agora apresenta o autor ao publico portuguez, 1904.

— *En el remanzo* — novella actualmente em publicação em *Hojas Selectas*.

— *Nunca* — comedia dramatica que constitue a estreia de Acebal no theatro e que se está representando todas as noites na *Comedia* com insistentes applausos ao autor e ao principal interprete, o grande actor catalão Borrás.

Alguns criticos muito sabios — os criticos são quasi sempre muito sabios — rebuscando nos escâninhos da erudição e remirando a olho frio esta peça, affirmam que Acebal procurou imitar algum grande mestraço da dramalogia. E, como entre os apreciabilissimos funcionarios que exercem a nobre profissão da critica ha sempre muita discrepancia, uns assacam-lhe modelo nacional, outros estrangeiro. Ora eu que não tenho as espinhosas obrigações dos criticos profissionaes digo que, a meu vêr, um dos verdadeiros meritos d'este escriptor muito probo é não procurar imitar ninguem.

A pallidez que se pôde notar por vezes na sua obra,

certa falta de côr expressiva, quiçá intencional, é sua; mas também lhe pertence por inteiro a delicada subtilidade com que passa pelos assumptos, deixando ao leitor o adivinhar muita cousa que elle evidentemente não quiz dizer-lhe; e também considero pertença sua, talvez um traço espontaneamente symptomatico de uma idiosyncrasia, certo retrahimento com que elle evita os problemas complicados, fazendo uma *arte* que podemos chamar puramente *sentimental*, tirando á palavra toda a acceção assucarada, *dulzona*, como se diria em Hespanha.

Tenho ouvido dizer a algumas pessoas que o romance *Dolorosa* acaba mal, e até a outras que não acaba. É a observação não me surprehende.

Durante muito tempo foi costume escrever romances que *acabassem*, o que se chama *acabar* clara e officialmente. D'aqui a phrase suprema no julgamento definitivo de um romance ou de uma peça de theatro: *Acaba bem; acaba mal. Acabar bem* queria dizer quasi sempre chegar, depois de maiores ou menores peripecias, á união matrimonial de duas pessoas tornadas sympathicas ao leitor e ás quaes se predizia n'essa altura uma incomensuravel felicidade.

As obras de Acebal estão effectivamente no polo opposto a este systema. *Dolorosa* é um pedaço de vida que o autor colheu n'um momento que lhe pareceu interessante, e que abandonou n'outro momento em que julgou ter completado um livro capaz de interessar o leitor como interessam scenas da vida real que todos os dias contemplamos, sem que pretendamos, por essa simples observação, resolver os intensos problemas, profundar as difficilimas theses que hoje agitam a vida social.

Tomaremos estrictas contas a Acebal porque com este

seu livro não veio resolver nada? Seria absurdo. A obra não póde ser mais do que o autor pretendeu: um livro honesto, interessante e original, que fortaleceu os seus creditos literarios, e que supponho poderá, apesar dos inconvenientes da traducção, attrahir-lhe em Portugal as sympathias que merece.

Madrid, janeiro, 1905.

CAIEL.

Da rua, a loja de Inchaurrendieta parecia antro cavernoso aberto na fachada de uma casa antiga. Em dias de sol a escuridão d'aquelle buraco contrastava de tal modo com o ambiente luminoso, que se apertava a alma ao entrar de repente em tão denegrida caverna.

Aquelle armazem de ferro era para o freguez o menos attrahente e appetecivel que dar-se podia. Despresava até no exterior louçanias e galas com que outros estabelecimentos aliciam o transeunte, especie de isca em ostentosa exhibição. A loja de Inchaurrendieta nem mostrador tinha; nem sequer a taboleta era legivel, apagada como quadro velho por uma capa negra, verdadeira crosta de ferrugem. A porta, ampla, completamente destituida de adornos, lembrava a abertura de uma mina. Entrar ali em busca de ferro era como infundir-se nas proprias entranhas do monte para extrahir o mineral vermelho.

E todavia, quasi todos que transpunham aquelles humbraes eram camponios e aldeões dos que vivem sobre a terra de Castilla, alagada de sol, sem vislumbrar sequer o trabalho de outros homens que extrahem em lobregos

subterraneos aquelle ferro que elles utilisam para todas as suas fainas.

Assim, penetrando na acanhada loja, surgia logo lentamente uma reminiscencia da vida campesina entre a variegada fazenda que abarca o largo ramo do commercio ferrageiro. Pendurado pelas paredes, empilhado aos cantos, pendente do tecto, alinhado nas prateleiras do fundo, transbordando da porta, quasi invadindo o passeio, obstruindo o balcão, impedindo a passagem, até aos vãos e recantos, via-se o ferro lavrado toscamente, sem polimento, á pancada, a martello, negrejando com reflexos azulados. E, de companhia com o ferro, os seus proximos parentes no negocio; o cobre e o zinco, o estanho e o chumbo, em desordem, amontoados no estreito recinto. Revestiam as paredes correntes de anneis retorcidos, e lá em cima, no tecto, rolos de arame, friso decorativo de corôas e grinaldas phenomenaes, que, com o seu pallido fulgor, tornavam ainda mais triste a escuridão do recinto. Vendiam-se aquellas correntes para segurar ao estabulo os animaes de trabalho; o arame, para cercar prados, que é tambem uma maneira de segurar a propriedade. Os chocalhos e os mólhos de guisos para guiseiras pendiam do tecto em cachos como estalactites de metal em gruta tenebrosa. Aos lados da porta, em grossas columnas apoiadas ás hombreiras, pilhas de baldes que vinham ao chão com estrepito e se renovavam diariamente no tempo da vindima. De pilha para pilha uma restea de candis enfiados, e pendentes da cimalha como franja de metal. Em baixo, formando base, uma fila de aguilhões para os arados; aos cantos ceiras a transbordar de ferragens; aqui, panelas e trempes que evocam noutes invernosas em cosinhas de aldêa; além,

os cepos para alimarias damninhas ; ao fundo, revestindo a parede, as prateleiras sujas, negras, de divisões estreitas, ostentando cada uma por fóra a amostra do que tem dentro. Encravado entre as prateleiras, sobre a portinha que comunica com o interior, um nicho envidraçado encerra a imagem triste da Senhora das Dôres, a *Dolorosa*, de manto de veludo bordado a prata, sentada entre dois florões de lata que parecem um artigo mais n'aquella loja triste.

## 11

Por trás do balcão barafustam incessantemente seis homens, todos novos, mas pallidos, de face macilenta, como se a ferrugem lhes imprimisse no rosto o aspecto da lividez. Vão e vem com passos surdos, levando e trazendo as peças de ferro, que, ao cair na balança, ressoam n'aquelle cubiculo como resoaria o sino de uma cathedral n'um subterraneo ; ou deitam no prato da balança os pregos, as tachinhas, a munição, que se espalha como granizada sonora ; ou estendem sobre o balcão as laminas de zinco que irradiam tibio e prateado fulgor, com resplendores de lua ; ou acarretam os arros pesados ; ou estendem as barras de estanho, brilhantes, argentinas como laminas de prata ; ou despenduram correntes, que, movendó-se, produzem um rumor tetrico ; ou alcançam no alto uma restea de guisos, que, ao cair, enchem o ar de notas alacres.

A fazenda sae a jorros do estabelecimento, mas este não se esvasia nunca. Artigo que transpõe a porta da rua é logo substituído por outro que vem pela portinha de comunicação com o interior, vasto armazem de re-

serva que por seu turno recebe alimento diario do subterraneo, pelo alçapão que lhe dá accesso. Assim está a loja sempre alimentada com provisões das suas proprias entranhas, abastecendo-se por seu turno o subterraneo por uma claraboia gradeada na soleira da loja. Aquillo é um constante vaivem da mercadoria que desce e sobe com os movimentos regulares e o chiar de uma nora.

Faz mover todo este mechanismo e inspecciona-lhe a marcha D. Indalecio Inchaurrendieta, dono da ferraria. Por isso se não vê Inchaurrendieta em parte nenhuma do estabelecimento e se vê sempre, porque vae e vem, entra e sae, sobe e desce, espiando sem cessar os movimentos, o curso rhythmico d'aquelle organismo ferreo. Era um homem alto, de hombros quadrados, bem provido de carnes, cabeça redonda, cabello aspero, hirsuto, que os cincoenta annos mudaram de castanho em cinzento; uma d'essas cabelleiras que, sem deixar o tom escuro, parecem, mais que encanecidas, pulverisadas pelo pó de uma estrada. Usava a barba rapada, e, como o rosto era grande, corado e rochunchudo, tinha D. Indalecio a propriedade de trazer ao espirito a idéa vaga de um semblante episcopal. Justamente quando andava pelos cincoenta notaram os caixeiros, e até os freguezes assiduos, que se accentuava a expressão beatifica que sempre havia irradiado na face do ferrageiro; em logar de empedrenir-se com a idade e com a aspereza d'aquella vida, em perpetuo contacto com os metaes mais duros, dulcificou-se, tornou-se risonha. A chave de tanta placidez estava no mais recondito do estabelecimento, para lá do armazem de reforço. Atravessava-se este para chegar ao domicilio de D. Indalecio, cinco ou seis divisões com vista para um pateo escuro e estreito. Ora, d'aquella

estancia chegava ás vezes até á loja, abafado através do armazem, o choro de uma criança recém-vinda ao mundo. O mesmo era ouvil-o que illuminar-se logo de um sorriso enlevado a face de Inchaurrendieta. Olhava, um por um, os seus subordinados, repetindo a todos: «O Jorge! O Jorge!» Deixava o freguez com a palavra na boca diante do balcão, e enfiava pela portinha do fundo, mettendo a caneta atrás da orelha, ou levando entre as mãos, inconsciente, aturdido, uma lamina de ferro ou uma barra de chumbo.

O estabelecimento continuava a sua marcha compassada. Aquillo lá de dentro não tinha na loja mais resonancia que os berrositos do pequeno, cortados pelo arrastar e bater do ferro.

### III

Ao lar de D. Indalecio não chegava o sol. As janellas abriam para um patio estreito e fundo; e, como tinham grades, nem sequer era cousa facil, lobrigar, olhando para cima, um pedaço de ceu. Os toscos barrotes augmentavam a tristeza, a impressão sinistra, presidiaria, d'aquelle lar sombrio. Na casa do jantar, com ser o compartimento mais claro, era necessario o auxilio do candieiro para jantar ao meio dia. Só no verão, por julho e agosto, se jantava ali dentro á luz natural, ainda que sempre desfigurada por tons de dia nublado e chuvozo. Era realmente tetrica aquella residencia que á Vicenta, mulher de Inchaurrendieta, parecia uma toca a que nunca se acostumava. Como havia de acostumar-se uma valenciana áquella tristeza de masmorra! Elle que de rapaz se mettera ali dentro e que vinha da região voscongada

de ceus cinzentos, accommodou-se sem esforço. Ella, porem, cujos grandes olhos parecia reflectirem, como dois espelhos negros, a luz levantina, não pôde nunca avezar-se áquillo. Supportava-o resignava por amor ao vaso, e para levar melhor aquella escuridão, esmerava-se com afinco em suprir a luz com a limpeza.

Assim, Vicenta poz a casa toda como movel velho a que se dá apparencia de novo á força de verniz. Com um raio de sol que recebesse, a casa resplandeceria, tão esfregada andava, tão espanejada e tão brunida. As paredes caiavam-se quatro vezes ao anno, campando Vicenta quando as via ensopadas e bem lustrosas. Terminado porém o reboliço e calor d'aquella faina, a reacção era triste, porque a valenciana, ao ver as alvas paredes d'aquelles quartos, lembrava-se das paredes das choças levantinas, reluzentes, a cegarem a gente com a intensa reverberação do sol. Era um tormento cair a sua casa para vel-a sempre cinzenta e triste, como se as proprias paredes recém-caiadas sentissem a nostalgia do sol. Ao contrario, ao Indalecio, quando vinha do armazem, dava-lhe nos olhos o apurado da sua casa, parecia-lhe que as proprias paredes davam claridade, que era d'ellas que brotava a luz.

Jorge cresceu ahi dentro. Infancia triste, meninice sem sol, ouvindo a toda a hora o ruido que da loja chegava até á casa: bater de barras, arrastar de cadeias, rumores que através do armazem se ouviam lá dentro apagados, sem sonoridade metalica, mas povorosos, tetricos.

Ali cresceu Jorge.

## IV

Não se imagine que com a vinda d'aquelle ser ao mundo se alterou a marcha compassada do estabelecimento de Inchaurrendieta. D. Indalecio não era homem que de pé para a mão intromettesse mudanças na sua vida. Movia-se esta com o peso d'aquellas barras que os caixeiros arrastavam do armazem para a loja. Era um viver remansoso, como se todo o ferro armazenado de portas a dentro servisse de lastro á alma do ferrageiro, dando-lhe aprumo e equilibrio. Continuou n'um andamento lento a dirigir o seu negocio, e, passado o alvoroço dos primeiros dias, foi delegando na Vicenta todos os cuidados e todas as caricias.

Aquelle rolo de carnes frescas e rosadas, aquella cabecita coberta de felpa encrespada e loura, aquelles olhotos de pupila humida que verdejavam tremulos como gotas de agua, os labios vermelhos, as mãos sempre inquietas, não pareciam cousas para ser afagados por um ferrageiro. Contentava-se com olhar para elle sem se atrever a tocar com as mãos callosas e enferrujadas n'aquella carinha mimosa. Mirava-o, isso sim, com olhar doce e acariciador. Com o olhar D. Indalecio atrevia-se a acaricial-o. Sobretudo quando o encontrava a dormir envolvia-o n'um olhar atirando-lhe beijos paternaes. Mas as mãos quietas. Para evitar tentações levava-as atrás, inclinava o rosto e permanecia mudo, com ar de respeito quasi de veneração, como diante de alguma cousa superior, mysteriosa, inesperada.

Ao levantar a grande cabeça, o vasconço via a mulher diante de si, olhando-o satisfeita, agradecida áquelle

retrahimento. A aceiada valenciana temia que o contacto do ferro roçasse de leve o seu filho. Por isso Inchaurrendieta nem lhe tocava.

A's vezes o ferrageiro trazia da loja dois guizos dos que vendiam para as guizeiras. Fazia-os tilintar diante do pequerrucho, que estendia as mãos, os pesitos, todo o corpo, n'um grande desejo de apanhal-os.

Mas interpunha-se logo a Vicenta.

— Não; isso não, Indalecio. . . Isso suja.

E n'aquella mesma noute, quando vinha cear, notava que Jorge tinha pendurado ao pescoço um lustroso breloque de prata.

— Exacto. Muito bem pensado. Não lhe faltará tempo para se acostumar ao ferro. Muito bem pensado. Para agora prata.

— Ferro! Ferro para o meu filho?! — exclamou Vicenta com tal ar de desprezo pelo nobre metal que Indalecio não se atreveu a replicar. Olhou para ella atônito, perplexo. Ella propria foi quem respondeu.

— Nunca. Parece-te que estas mãos de principe se fizeram para trabucar com *isso*?

E da boca da valenciana saiu a phrase, aspera e fria, como se a tivesse forjado com o ferro e com o chumbo que tanto desprezava. Indalecio não proferiu uma palavra. Desde aquella noute teve por certo que o filho não seria ferrageiro.

## V

Todas as manhãs paravam á porta da ferraria os carros serranos de Buitrago, de Miraflores ou Lozoyuela, que vinham durante dois ou tres dias arrastando-se len-

tamente, em preguiçosos balanços pela estrada. Eram grandes e espectaculosos, como navios de tres pontes; atracavam á beira do estabelecimento, quasi entaipando a porta. A escura lojinha ficava então envolta em sombras mais densas. Os transeuntes mái se atreviam a passar pela vereda que deixava a ponderosa embarcação entre a parede e a roda; uma roda de dezeseis raios, de largo aro e avultado eixo, que pouco lhe faltava para metter-se dentro do estabelecimento. O vistoso toldo, de canhão e lona, arqueava-se em ampla curva, tão alto que tapava meia fachada da casa. Nas traseiras caía a cortina tambem de lona branca, mas adornada com as iniciaes do patrão e labores de couro cosidos com fio encarnado, muito vistoso sobre o tecido fluctuante que resguardava do pó da estrada as mercadorias. Os varaes grossos e fortes, com borradelas verdes, azues e amarellas, como os paus e traves que nas subidas do caminho sujeitavam a carga quando a galera ia abarrotada. Eram carros de *alto bordo*, feitos para atravessar os vales, e por isso, em lugar do travão vulgar tinham já o seu maquinismo de corrente com fortes peças que comprimiam o aro, fazendo-o chiar com gemidos dolorosos. As bolsas vinham sempre carregadas a ponto de fazer estalar as prisões de esparto. Pela frente não faltava nunca a lanterna, bamboleando-se nos tombos, ao compasso da marcha, com o vidro coberto por espessa camada de immundicie e de pó. Na retaguarda, amarrado por causa de duvidas, o guarda de tudo aquillo, um mastim felpudo.

O carreiro entrava na loja e com elle parecia que penetrava ali uma baforada de ar serrano. Todos lhe falavam de lá, da aldêa; perguntavam por todos sem conhecer ninguém. Todos na serra eram freguezes de D. Inda-

lecio por intervenção do carreiro. Também na serra não conheciam Inchaurrendieta e, todavia, perguntavam por elle e por D. Vicenta. E, quando Jorge veio ao mundo, do mesmo modo perguntavam por Jorge os labregos da serra. O pesado carro levava e trazia, além de pacotes, fardos, caixas, sacos, alforjes, canastras e cestos, uma mysteriosa carga de comprimentos patriarchaes.

Aquelle ferrageiro sabia o que eram fainas rusticas. Não se póde pagar hoje? Pois ámanhã se paga; mas lá vão as ferragens, porque sem ellas não se póde lavrar; lá vão as ferragens, porque sem ellas não se póde ferrar; lá vaé tudo, que tudo se irá pagando conforme a terra lhes fôr pagando a elles também.

D. Indalecio conhecia, a um por um, a sua clientela. Aquella liberalidade complicava-lhe muito as enredadas contas. Exigia até maior gasto de cadernos, dilatava as horas de escriptorio e com ellas a hora da ceia. Mas, em compensação, aquillo era confiança, era augmento de freguezia, popularidade no mercado, o que o commercio de hoje chama — propaganda. Aos freguezes da cidade Inchaurrendieta não fiava nem um simples candil; mas com os camponeses não regateava.

Assim também eram longas, copiosas, as listas de encomendas que lhe traziam os carreiros em papeis sujos, amarrotados, gordurentos. Carro á porta, era sabido: movimento febril na loja, no armazem, no fundo subterraneo do estabelecimento; remoção de barras e laminas, arrastar de pranchas e correntes, acarretar de miudezas; os candis, as trempes, as correntes de cozinha, o ferro tosco, mal polido, que saía resoante e buliçoso da triste lojinha para ser conduzido ás moradas campesinas.

Até Vicenta, sem sair de casa, adivinhava as manhãs

de carro. Ouvia a bulha do ferro, as vibrações metálicas que lhe chegavam abafadas, pancadas mysteriosas, sons agudos e prolongados, um rumor tetrico que a enchia de tristeza. Mas tinha que supportal-o porque todo esse metal que se arrastava ali fóra, valia o outro metal que entrava para casa, Parecia ferro o que soava, não parecia? Pois era ouro puro, brilhante, lustroso.

Tomava nos braços o pequerrucho, estreitava-o contra o seio, comprimia-lhe o tenro corpinho como se aquelles lugubres rumores fossem um perigo.

— Não faças caso, principe da minha alma, lindo, não tenhas medo. Com esta caverna do ferro havemos de fazer para ti um palacio de prata com incrustações de ouro. E ha de ser lá, na minha terra, ao sol valenciano, no meio da *huerta*, com muitas laranjeiras. Lindo, lindo, não tenhas medo. São pancadas que dão á construir-te o palacio.

E a ardente imaginação da levantina chegava a ver um palacio sumptuoso em meio da *huerta* valenciana, dourado pelo sol, rodeado de laranjaes, e o aroma da flôr de laranja perfumando voluptuosamente a vida do seu filho.

O ferrageiro, entrando ao meio dia, dissipava a visão levantina, e a ferrageira achava-se de repente n'aquella logrega masmorra, no lar sombrio. Inchaurrendieta apresentava-se risonho, com o contentamento de uma boa manhã. A ampla cara redonda abria-se-lhe n'um sorriso bonacheirão, mais ennegrecida que outras vezes pelo pó do ferro. Trazia na mão um cestinho de vimes, coberto com um guardanapo muito branco, com a franja a saí-lhe pelas bordas. Apresentava-o á mulher, erguendo-o muito alto. Ella, tomando-o, perguntava :

— Hoje quem veio ?

— Hoje, Lozoyuela.

— E que vem aqui ?

— Uma caneca de leite e duas duzias de ovos. Vê, vê. Para o principe Inchaurrendieta. Que te parece, Vicenta ? E' da D. Blasa. Está agradecida. Já se vê que são agradecidos, coitados.

A mulher de Inchaurrendieta, mettendo a cara na cesta, cheirava o presente, sorvendo o balsamico aroma serrano que o perfumava. Era o guardanapo, eram os vimês, era o leite ; tudo rescendia a rosmaninho e alfazema. Punha diante do filho a offerta campesina e fazia que os rusticos effluvios chegassem até á criança como se fossem emanções de saude e de vida sã.

— Olha, amor, é para ti ; mandam-te da serra . . . Vê que bom cheiro . . . Mandam-t'o os camponezes, os pastorinhos dos montes . . . Sabes, os pastores que foram com as suas ofertas a Bethlem ? É assim mesmo, principe da minha alma, exactamente assim.

## VI

Os maiores amigos dos Inchaurrendietas eram os Láinez, donos do estabelecimento de roupas brancas na *calle del Rey*, esquina da *plaza de la Feria*. Estes Láinez eram rebento de uma emaranhada linhagem de commerciantes de roupa branca. Outros do seu apellido dirigiam e governavam nada menos de sete estabelecimentos, tão semelhantes entre si os sete como o eram os seus donos. E ainda mais semelhantes, porque todas aquellas lojas

pareciam gêmeas, quasi juntas, quasi na mesma rua, quasi no mesmo passeio.

A que apparentava mais independencia era a dos amigos de Inchaurrendieta. Os amplos mostradores davam para a praça da Feria, e, como esta era espaçosa, aquellas grandes vidraças enguliam luz a jorros e com ella toda a alegria da rua. As outras seis lojas, mettidas em velhos casaões da *calle del Rey*, tortuosa e estreita, eram escuras, e os objectos ricos expostos em mostradores mesquinhos, em logar de roupa branca pareciam roupa velha.

Só á noite com os grandes focos incandescentes se igualava a iluminação dos sete estabelecimentos; mas logo que caía o crepusculo, o negocio tornava-se mortifco. Fazia ahi falta a luz solar para deixar ver a brancura, a nitidez da obra. Por isso o da esquina era o mais concorrido. Ali paravam carruagens com braço, ali tinham o seu posto quadrilhas de mendigos que choramingavam avidos á passagem das damas ricas, succedendo que diante d'aquelles mostradores de grandes vidraças tinham um contacto momentaneo as rendas e os farrapos, o veludo e o andrajo.

Ali não entrava a classe media; ali tudo era caro. Bastava olhar de fóra, através das altas vitrinas para comprehender que ali todos os preços seriam muito altos. Aquellas carruagens tão lustrosas, as parelhas fortes e inquietas, os lacaios, grandes mocetões de libré até aos calcanhares, aquella innundação de brancura que se via através dos vidros, as proprias letras douradas que brilhavam sobre os grandes espelhos dizendo *Pascual Laines*, e até a requa de mendigos, davam á loja um não sei quê senhoril, afastando os burguezes timidos.

E dentro Pascual Láinez, um respeitavel senhor de barba grisalha, luneta de ouro, boné de seda preta e fato preto tambem, que tinha ainda maior realce na loja alvissima. Por trás dos baicões, que pareciam brunidos de limpos, nove rapazes, muito penteados, muito esca-nhoados, esmerando-se em servir e attender as senhoras.

N'um canto, meio occulta por discreto biombo, Rita Láinez, esposa e prima de Pascual Láinez, sentada n'um banco, com o trabalho entre as mãos, vigiava toda a loja.

Os que entravam não a viam; ella via os que entravam. De vez em quando Rita saía da toca. Pouco depois voltava. Pode dar-se por certo que levava entre os dedos encommenda de algum novo enxoval de noiva ou de recém-nascido.

Corria o biombo, deitava mãos á obra... e até que chegava outra.

## VII

A amizade dos Láinez com os Inchaurrendietas era uma de tantas cousas cuja origem se perde na noute dos tempos. Vicenta Agrasot, quando veiu de Valencia, casada com o vasconço que a escolheu para esposa, achou-se com aquella amizade imposta. E' verdade que os Láinez resumavam o orgulho da sua ostentosa loja, é verdade que ao entrarem na caverna dos ferrageiros, faziam mais trigeitos e denguiques do que valia realmente a pena: ella arregaçando as saias, elle cuidadoso de não roçar o fato apuradissimo nos objectos de ferro. Mas, decorridos dois minutos de cavaco, o calor da amizade derretia o gelo das vaidades mundanas e uma doce confiança

penetrava através da tagarellice feminina. Ali quem dava á taramela eram as mulheres. D. Pascual e D. Indalecio eram dois silenciosos, dois sybaritas do ouvido, e, escutando o cacarejar das esposas, as horas corriam-lhes amenas.

Tinham ambas a mesma idade e, todavia, Rita Láinez podia passar por mãe de Vicenta. Esta apparente differença de idades não provinha só de envelhecimento da Láinez, senão também da frescura e louçania da ferageira.

Parecia que aquella atmospheria enferrujada, diariamente respirada, enriquecendo-lhe o sangue, prolongava aquella juventude de valenciana pallida, de olhos negros, de uma negrura aveludada, que no seu rosto de um branco mate sobresaíam mais, como o fato do Láinez eptia a roupa branca da sua loja.

Esta impressão de negrura intensa produzida por aquellos olhos era sem duvida reforçada pelo traço energico dos sobrolhos finos, sedosos, lindamente arqueados como asas de corvo. Era um rosto de belleza crepuscular, triste, melancolico. O corpo mal começava a desenhar linhas de matrona; gracil e airoso, posto que vestido com modestia, com abandono e desprezo da moda, tinha esse ar suave e pudico da mulher honesta, a discreção suprema da formosura, um recato gracioso.

A da roupa branca foi sincera admiradora d'aquella belleza; affirmava rotundamente que não entrava na sua casa senhora mais bonita que a Vicenta — Se ás vezes nem a gente sabe porque se encarrega de lhes fazer a roupa! As modistas, afinal, sempre podem lançar mão de certas artes postiças... Agora cá a gente! Digo-te que até dá vergonha. E tudo, tudo culpa da vida que levam.

Magras, murchas...! Tomaram ellas! Agora mesmo temos entre mãos a marquezinha do Socorro. Um batoque! Os artigos que se nos estragam, dou-os á Pascualita para a sua *Pepitona*.

Vicenta enlevava-se ouvindo a animada tagarellice da amiga. Era a revelação de um mundo longinquo, echos sonoros de vida, repercutindo no fundo lugubre d'aquella triste morada de ferrageiros. Escutando a Rita Láinez, a valenciana sentia o vulcão da sua imaginação entrar n'um periodo de tumultuosa actividade. Idéas, anhelos, illusões borbulhavam em cachão e caiam-lhe como lava no coração, abrasando-o de intensos desejos. Não por ella; isso nunca. Pelo seu Jorge. Aquelle, aquelle era o mundo de Jorge. Para esse mundo caminharia como um principe chegado de longes terras, de regiões mysteriosas, mais admirado, mais querido pelo proprio mysterio da sua origem; um principe lindo, louro, branco, altó e de tal esbelteza que aquellas grandes senhoras nunca teriam visto outro igual... Ah! ellas seriam, como dizia a Rita, pequenas, avelhentadas, magriselas, enfeadas, mas eram assim á força de delicadeza senhoril. Essas bellezas ostentosas, provocadoras, descaradas, eram cousa plebeia, de seres inferiores que pasmam encantados diante de caras rechonchudas. As bonecas são lindas, mas não deixam de ser bonecas. Monos, espantalhos! Aquellas condessinhas, aquellas nobres duquezas, para que queriam n'este mundo a carta de recommendação da formosura carnal? Bonita cousa ir dizer a uma d'aquellas senhoras: que bella mulher! Ordinarismos plebeus, cousas de gente baixa, galanteios da chusma!

Quando a ferrageira de tal guisa dava livre curso á torrente da fantasia, de innegavel procedencia levan-

tina, já Jorge Inchaurrendieta era um bello rapazote de doze annos. E a mãe tinha razão; o desembaraço natural, a esbelteza graciosa, os cabellos louros, repartidos em duas madeixas iguaes, que caiam como cascata de anneis sobre as orelhas, a brancura da tez, o verdejar aquoso das pupilas, com o olhar insistente, penetrante e frio, um olhar entre desdenhoso e provocador, o porte, os gestos, e até o preguiçoso andar, com a lentidão e confiança de quem sempre chega a tempo, envolviam-no n'uma atmosphera como de aristocratismo. Era, com effeito, um bello principe que tinha nascido na lobrega e mysteriosa caverna de uma ferrajaria.

Os grandes principes chegam sempre assim... de região ignota, do palacio de cristal e prata, do antro tenebroso, do desconhecido.

## VIII

N'aquella idade Jorge acostumou-se a frequentar o alègre estabelecimento dos Láinez. Na ferrajaria nunca punha os pés; infundia-lhe dolorosa impressão de-medo. Nem para entrar e sair lhe servia a loja. Preferia ir de roda e esperar que abrissem a portinha velha, de almofadas, carunchosa á falta de uso.

O armazem de roupa branca era outra cousa: grande, cheio de sol, com as suas vidraças immensas, por onde se viam as arvores da praça, umas acacias muito verdes, uns platanos muito altos, uma estatua de marmore no meio e duas fontes aos lados com muitos jorros de agua que partiam de uma penha collocada, como ágreste promontorio, ao centro de cada tanquesinho. Aquillo dava

gosto, e Jorge inchaurrendieta sentia um intimo bem-estar entre a pureza de tanta roupa alvissima, entre aquella brancura de neve. Ali mettido, vinha-lhe á mente a lojinha paterna surgindo como visãõ tenebrõsa, a fazer-lhe saborear pelo contraste todo o deleite d'aquelle paraíso branco, luminoso, alegre. Nem os ouvidos eram atormentados pelo tetrico arrastar de barras e correntes, nem a vista soffria com a horrida exhibiçãõ das toscas ferramentas, nem o rosto se curtia com uma camada de pó ferreo. Ali tules esponjosos, ali rendas como espuma, manequins vestidos de tão immaculada brancura que pareciam flocos de nuvens primaveris ou graciosos toucados com tons de rosa, matizes celestes e suaves côres de pallida violeta. Em algumas epochas do anno a folhagem da praça fronteira, em plena louçania, banhava a tenda d'um clarão esverdeado como se estivesse submergida no fundo de um lago. Era uma grata impressãõ de bem-estar e frescura, que convidava a mandriar ali dentro, gosando do rumorejante vozear da clientela, do incessante vaivem d'aquelles rapazolas apurados que desdobravam sobre os balcões cataratas de roupa, do revolver de tantas senhoras que entravam risonhas, carejantes, saturando o ambiente com os voluptuosos effluvios dos seus perfumes.

A valenciana animou quanto pôde, discreta e sagaz, aquellas inclinações do filho que lhe pareciam annuncio de altas aspirações na sua carreira.

— Vae, filho, vae — dizia, sempre amorosa e acariciadora — vae para casa dos Láinez, põe-te lá em contacto com o superfino da nossa aristocracia; foge d'aqui, onde tudo é grõsseria, aspereza, gentalha, plebe e só plebe: ganhões, arrieiros e carreiros. Chega-te para aquellas se-

nhoras, a ver se se te pegam as boas maneiras; trata de adquirir boas maneiras. Aprende, filho, que aquella é a boa escola; rico príncipe da minha alma, aprende com ellas.

O príncipe ia aprendendo, e á tarde, ao entrar na enferrujada masmorra dos ferrageiros, invadia-o uma tristeza estranha, a nostalgia melancholica das cataratas de roupa branca, dos flocos de nuvens purpureadas como annuncios da aurora, das fachas fluctuantes que azulejam entre a brancura, das rendas de neve, dos tules de espuma.

Á noute, a mãe, sentada á beira da cama, via-o adormecer, pensando que o somno de seu filho o submergia n'ama atmospherã vaporosa, branca e azulada.

## IX

Depois de o adormecer ia até á loja, unica hora em que ali entrava. Já tinham fechado a porta; quasi ás escuras os caixeiros desoccupavam o balcão, punham em ordem as prateleiras. Pairava um rumor leve de pregos derramados, de tachas espalhadas; ultimos echos do ferro que, recolhendo-se, escondendo-se, esperava o dia seguinte para renovar a sua sonoridade metalica. A loja inteira, sumida nas trevas nocturnas, entregava-se ao somno. Inchaurrendieta, occulto atrás de um vigamento de madeira com suas cortininhas verdes e sujas, em pé, diante de uma secretária carunchosa, a uma luz debil e enfumarada, esgarafunhava numeros sobre papel côr de grão. Ouviã-se em geral o aspero esgaravatar da penna, que era de ave.

Saiam os caixeiros, e os esposos ficavam sós: Indalecio, atrás do vigamento de madeira, que parecia não ter outro objecto mais que servir de gaiola aos numeros esgarafunhados com traço desastrado; e Vicenta, de joelhos junto ao balcão, servindo-se d'elle como de genuflexorio, com a fronte apoiada na taboa denegrida. Diante d'ella estava a Senhora das Dôres, a *Dolorosa*, a padroeira da loja, com os seus ramos de latão aos lados. Na escuridão, a imagem da Mãe dolorida era mais triste, mais commovedora. Vicenta, sem erguer o busto, levantava o olhar para a Virgem e via-lhe a face pallida, o gesto lacrimoso com a expressão terrivel de uma dôr maior que todas as dôres. Por detrás do tabique ouvia-se em crepitação constante o atrito da penna sobre o papel amarello; Inchaurrendieta ouvia o sussurro de uma oração. De quando em quando um suspiro.

Vicenta resava immersa em commoção intensa; punha n'aquella prece todo o fervor que do seu peito ascendia como ardente anhele de que a escutasse aquella mãe dolorida sobre cujo manto de velludo brilhava uma espada prateada. Algumas noutes, a meio da oração, a valenciana sentia os olhos humedecerem-se-lhe, as lagrimas sulcarem-lhe o rosto. Eram lagrimas de piedade, de vehemente desejo de ser attendida.

— Sim, mãe do ceu, que seja santo, que seja bom, que seja feliz, ditoso, o meu principe. . .

A penna, com o seu esgaravatar escarminho, sublinhava a prece da ferrageira — Feliz e bom. Para mim nada; bem vês, mãe dolorosa, para mim nada. Para o meu Jorge tudo, tudo.

Dépois de longa oração, doridos já os joelhos, endireitava-se e, com voz firme, reveladora de intimo re-

pouso, dizia já perto do armazem : — Indalecio, a ceia.

Uma noute, porem, em lugar de annunciar a ceia, abriu a portinha que dava accesso ao cacifo dos algarismos e metteu-se lá dentro. Mal cabiam os dois. Era tão insolita a entrada de Vicenta na guarita das finanças que Inchaurrandieta se quedou abstracto, ergueu a grande cabeça de cabelleira empoeirada, abaixou os oculos até á ponta do nariz, e com olhos de sobresalto inqueriu do motivo d'aquella grande mudança nos costumes de Vicenta.

— Não te assustes, Indalecio. E' uma cousa que ando para dizer-te ha uns dias. Tu, sempre aqui mettido, não reparas. Tu não ; mas eu tenho o dever de reparar e reparo. Sabes que o Jorge fez ha poucos dias quatorze annos . . .

— Completos. Está um homem.

— Espera, Indalecio. E tambem sabes que o Jorge passa horas mortas, como um palerma, em casa do Láinez.

— Sim, Vicenta ; bem sei. Gosta mais da loja lá que d'esta. E' mais limpa, mais alegre.

— Não te falo da loja ; da casa dos Láinez, do Pascual e da Rita Láinez. Tambem eu julguei que aonde elle ia era á loja e dizia : anda com Deus, que ahi reune-se o mais principal d'essa gente da aristocracia. Mas, como tenho o dever de reparar, reparo, e digo-te agora que aonde o Jorge vae é á sobreloja, ouves ? . . . á sobre loja . . .

E o pobre Incharraudieta abrindo todo o rosto a um olhar muito rasgado, pousando sobre a secretaria carunchosa os oculos e a pena, repetiu com um quê de mysteriosa admiração :

— A' sobreloja!

— A propria Rita m'o disse... Escuta, Indalecio: a propria Rita... muito satisfeita, muito ancha: «A minha Celia e o teu Jorge parecem mesmo dois pombinhos.» Que te parece esta a ti? Dois pombinhos! Tu a isto, acho que dirás como eu.

— Tu que dizes?

— Ainda m'o perguntas? Isso... nunca. Isso... nunca... Que tal está a costureira!

## X

Por aquelles dias atravessava Jorge uma d'estas crises de adolescente, episodios na apparencia ligeiros que apenas roçam a vida voando, mas que muitas vezes, lhe truncam a marcha, lhe mudam o rumo.

Era uma manhã em que Madrid appareceu tiritando sob um manto de neve. A aragem da serra, glacial e fina, endurecera a crosta que envolvia casas e ruas; o ceu, desanuveado, despejava luz a jorros, e a terra, com o esmalte da nevada, devolvia-lh'a em reflexos de prata. Na atmospherã nitida e pura palpitavam reverberações intensas.

Jorge, contra os preceitos hygienicos de mãe, quiz sair a gosar o ambiente luminoso que, como rajada de alegria, passava sobre a terra. Nem as manhãs de verão eram diaphanas como aquella. De mais a mais o ar, que parecia espicaçar o rosto com agulhas de gelo, mettia-se pelos poros, entrava pela alma, agitando-a com impulsos volateis.

\* Com quatro pernadas poz-se na praça da Feria. Os

platanos e as acacias, cobertos de neve, pareciam arvores mormoreas como a estatua do centro; as rusticas penhas dos tanquesinhos estavam vidradas pelo cristal dos caramelos, e os jorros d'agua, surprehendidos pela nevada, eram estalacrites de gelo. O sol intenso envolvia a praça n'um nimbo de luz resplandecente.

Jorge entrou na loja dos Láinez. Por tras do biombo estava Rita, com o trabalho nas mãos. N'aquella manhã o estabelecimento parecia um prolongamento da praça, como se ali dentro tambem tivesse nevado.

A Láinez, sem sair do esconderijo, annunciou ao pequeno que era esperado lá em cima. E lá se foi Jorge para cima por uma escadinha que, como serpente, se enroscava n'um tronco de ferro. Mal surgiu pela escotilha da sobreloja, achou-se rodeado e aclamado pela copiosa e buliçosa prole dos Láinez. Desde a mais tenra infancia até á adolescencia mais medrada, havia ali representação de todas as idades da vida.

— Já cuidavamos que não vinhas.

— Vimos-te da janella.

— Parado como um pateta diante da praça!

— Julgava que era de assucar.

— Queria dar-lhe lambedelas.

— Queria comer uma arvore.

— Queria chuchar um rebuçado dos repuxos.

— O que chuchava era frio.

— Escuta Jorge, da tua casa aqui quantos trambulhões deste?

— Tiveram que levantar-te com uma alavanca porque a mamã traz-te mais estofado!

— Fóra o *cache-nez*! Fóra o *cache-nez*! Fóra!

Resoou por toda a casa aquelle grito de guerra; e des-

ceu até ao armazem em voltas pela escada de caracol. Atiraram-se todos a Inchaurrendieta, desenrolando o *cachenez* que o embuçava; e surgiu de tanto abrigo a cara muito vermelha. Começava a virilizar-se o rosto de Jorge com traços firmes de linhas varonis. O verdejar dos olhos era cada dia mais vivo; as madeixas louras guarneciam ao desdem a fronte lisa e pallida; sobre o labio superior, um tanto grosso e vermelho como ginja, debuchava-se uma pennugem de ouro e seda.

Celia, ao vel-o desabrigado, soltou uma gargalhada. Jorge arremeteu com impeto para ella, propondo-se descarregar em alguém a furia que lhe produzia a pesada brincadeira.

—De que te ris? De que te ris?

Ante a violenta arremettida, Celia retrocedeu assustada. Esbarrou contra a parede. Inchaurrendieta continuou o ataque, acoçando-a quando a viu encurralada.

—De que te ris?

—Não sejas bruto—disse a pequena.

O filho dos ferrageiros levantou a mão.

—De mim ninguém se ri.

Houve um Láinez valente que, com um salto de hyena, se arremessou ao ferrageiro e, agarrando-se-lhe ao gasnete, o fez queixar-se com doloroso alarido. Celia, levantando-se, atirou-se aos combatentes; os tres rolaram no chão. Ouviam-se sopapos, respiração arquejante; mas sobretudo o que se ouvia era a voz vibrante de Celia dizendo ao irmão:

—Não lhe batas, não lhe batas.

Quando se poz em pé, Jorge tinha o rosto ensanguentado. Um silencio de medo e angustia paralisou a todos. Só Jorge, apalpando o fio de sangue que tingia o buço

de seda e ouro, se mostrou sorridente, sereno. Aquelle aprumo do ferido levantou os animos. Uma onda de admiração e respeito cingiu Inchaurrendieta de uma auréola de heroe. Celia, tomando-lhe a mão :

—Vem ao quarto. Vem para te lavarmos.

Todos seguiram em bando, silenciosos ; e foram rodear a bacia onde Celia, com as suas proprias mãos, lavou aquelle rosto de principe formoso, murmurando entre dentes :

—Se a tua mãe soubesse !

—Como ha de saber ! És uma pateta ! Imaginas que vou para casa a chorar ? Os homens não choram.

O bello rosto de Inchaurrendieta saiu resplandecente da esfrega. A agua, além do sangue, lavou todo o rancor. Dado tudo ao esquecimento, os Láinez projectaram ir brincar com a neve para a Moncloa. Um clamor de alegria acolheu a idéa.

—Á Moncloa, á Moncloa !

De todo aquelle rapazio separaram-se os tres maiores. Á Moncloa ! — gritavam, como podiam gritar. — Ao polo, ao polo !

Prepararam-se como expedicionarios que partem para as regiões antarcticas. Póde dizer-se que só lhes faltava o trenó. Cão levavam ; ia a *Centelha*, que, em saltos e piruetas, dava a entender que seria tambem da partida.

—É tu, Celia ?—perguntou Jorge.

—Eu, não. A mãe não me deixa.

—Póis o anno passado deixava-te.

—Mas desde o anno passado para cá... já vês... passou um anno.

—Que pateta ! Dizes umas pateticas ! Vens ou não vens ?

— Ia.

— Pois vem.

— Já te disse. . .

— Sim. Já me disseste que tinha passado um anno.  
Á Moncloa, á Moncloa!

A escadinha de ferro oscillou; uma avalanche ameaçou derribal-a. Os quatro rapazes saíram porta fóra e a *Centelha* com elles. Cruzaram em diagonal a praçasinha da *Féria*; iam em fila, guiando-se uns pelas pégadas dos outros. A cadela adiante, abrindo a marcha.

Da janella, por cima do letreiro dourado da rouparia, Celita viu-os atravessar a praça. Com o rosto unido á vidraça via-os chapinhar na neve; primeiro a *Centelha*, depois Inchaurrendieta e a seguir os irmãos. Nenhum se voltou para olhar para ella, para ver através dos vidros a sua carinha de anjo de Murillo. Ella era quem os via através das arvores nuas.

Iam andando. . . andando sobre a neve, com a cadela adiante, como temerarios exploradores, como fantasticos personagens de contos de fadas, como sombras que deslissassem em silencio por uma paisagem de prata. A *Centelha* brincava adiante; depois ia Inchaurrendieta, distincto, gentil, como um formoso principe.

Celia perdeu-os de vista. Na praça só tinham ficado as pégadas.

## XI

Quando a expedição chegou á Moncloa, já a tinham engrossado importantes elementos: era já agora uma catterva de revoltosa rapaziada em magna folia. Ao passar nas ruas iam recrutando companheiros de escola; nem

um faltou áquella malta. O ultimo que se incorporou ás filas foi o Augustito Paternina. Vivía perto da Moncloa, n'uma casa do arrabalde, meio campestre, meio urbana. Era filho de um esculptor, de um artista de fama, que nos confins do rustico e do urbano tinha vivenda para a familia, *atelier* para as suas esculpturas e jardim para as suas flôres.

Inchaurrandieta foi o indigitado para proceder ao recrutamento de Paternina. Tinha estado ali duas vezes; os outros sentiam certo medo respeitoso ao penetrar n'aquella estranha casa que lhes aparecia envolta em mysterio. Ao abrir a porta de grade soava uma campainha, depois era preciso atravessar o jardim, depois era preciso, entre muitas portas, saber por qual se havia de entrar.

N'aquelle dia não houve duvidas para Jorge; apenas souo a sineta da gradaria, o pae do Augustito, o próprio senhor Paternina em pessoa, appareceu diante do mais amplo, do mais solemne de todos aquelles variadissimos portaes. Era um portão grande, rasgado, muito mais amplo, muito maior que uma porta de cocheira. O senhor Paternina, visto ali n'aquelle immenso umbral, parecia um senhor pequenino, um velhinho mirrado. Ostentava no ar a sua formosa cabelleira, uma mouta rizada, crespa e tão branca, que parecia estar, como a folhagem das arvores, coberta de neve.

Uns olhinhos azues e inquietos animavam-lhe o rosto rubicundo. O bigode e a perita, tambem encanecidos, completavam o adorno e a característica d'aquella face bondosa, risonha. O sol dava-lhe reflexos dourados.

—Por aqui, por aqui, cavalheirito—gritou Paternina. Jorge dirigiu-se para ali. Notou que o esculptor vestia

blusa branca, que lhe caía em pregas quasi até aos calcanhares.

Vista de perto a figura d'aquelle homem, accrescentava-se: era veneravel sem ser solemne.

Obrigou Inchaurrandieta a entrar no *atelier*. Entrou aturdido; era um mundo de marmore; tudo de uma brancura deslumbradora, comparavel á nevada de fóra e á rouparia dos Láinez. Negra, só a sua casa; santo Deus, a sua casa! Como era negra!

No meio do *atelier*, uma chaminé com brasas muito vivas aquecia o ar impregnado do aroma penetrante da terra molhada.

D'entre aquelles fantasmas de marmore, e d'entre aquelles gigantes que pareciam embrulhados em lençoes, saiu o Augustito Paternina.

— Venho buscar-te; vamos á Moncloa.

O papá do Augustito escutava com um sorriso tão bonacheirão que o ferrageiro se sentiu logo á vontade não só com aquelle senhor sympathico, mas tambem com todos aquelles espectros aterradores. O proprio senhor Paternina, com a sua alva cabelleira, a sua blusa branca, que parecia senão uma estatua mais, com a faculdade da palavra, do movimento, da vida?

Os dois amigos saíram de braço dado pelo jardim. O artista ficou a olhal-os da porta.

Aquella rapida visita deixou na alma de Jorge um surco mais profundo, mais duro que os dos seus passos sobre a neve.

A turba fez alto á entrada da Moncloa. Ali a neve tornava-se mais espessa, em camadas embrandecidas que excitavam o desejo de arremetter com ella. Empenhou-se logo um combate com projecteis gelados que se desfa-

ziam contra as cabeças e costas dos contendores. Só Jorge e Augusto desertaram da refrega para se dedicarem á arte da esculptura. O senhor Paternina esculpia as suas obras em marmores duros; elles empregariam material tão pouco consistente como a neve; mas em ardor, em fogo sagrado, o veneravel artista não lhes levaria a paima. Deparou-se-lhes um modelo que lhes pareceu causa digna de ser arremedada e metteram mãos á obra. Era o ridiculo grupo de Velarde e Daoiz, que, pouco a pouco, vae sendo expulso da heroica cidade que os dois valentes artilheiros defenderam. Já estão á porta. Mais um empurrão e . . . campo com elles.

Sem duvida, ante o perigo da expulção que a obra corria, Jorge e Augusto propuzeram-se duplical-a. Fizeram, realmente, maravilhas, e seria pouco elogio dizer que superaram o modelo. Os dois novos combatentes, apesar de amassados com neve, tinham o donairoso brio que compete áquella scena. Pena que o sol não derretesse o modelo, transformando em estatua de marmore a obra de neve que se desfez a meia tarde n'um regato de agua e alguma nevoa!

## XII

Vendo entrar o filho, Vicenta ficou consternada. Pouco lhe faltou para romper n'um alarido de espanto, n'um amargo pranto de dôr. O certo é que esteve largo tempo perplexa, vacilante, deixando passar o primeiro impulso das paixões maternas excitadas, erguidas em turbilhão. Basta dizer que a valenciana, vendo Jorge diante dos

olhos, teve impetos de pespegar n'aquelle formoso rosto a palma da sua mão branca. No relógio de parede da casa de jantar davam quatro horas da tarde; Jorge tinha saído de casa ás nove da manhã.

E de que maneira vinha! Entre todas as estampas que a arte e a industria tem reproduzido do filho prodigo, nunca houve nada que desse uma impressão mais penetrante, mais verdadeira do sujo e do esfarrapado. Todo o fato, desde o chapéu até ás botas, tinha a cobril-o uma espessa crosta de neve, de lama, de porcaria. O mais extranho, porém, foi que, ao despojar-se das cousas de abrigo, appareceu o fato interior mais sujo, mais empastado de terra barrenta, de gesso humido, pegajoso. Era a imagem viva de um oleiro. A mãe ficou atonita, sem sequer se atrever a indagar a razão de semelhantes vestígios de alvenaria. Havja que attender ao mais urgente: obrigal-o a metter-se na cama para aquecer o corpo in-teiriçadô, transido de humidade até á medula.

Emquanto Jorge se deitava, Vicenta preparou-lhe um d'esses cozimentos aromaticos a que as mães attribuem milagrosas virtudes curativas. Não sabemos qual era a herva favorita na pharmacopêa da valenciana; mas, perfilada junto á cama do filho, offereceu-lhe a poção balsamica e fumegante; e Jorge bebeu-a até ás fezes. Elle bem sabia que engulir-a dé um trago equivalia a engulir toda a zanga materna. Ao devolver-lhe a chavena, já o rosto da valenciana tinha desenrugada a torva fronte. O remedio era realmente efficaz.

—Rico filho! estás a tiritar!

Puxou-lhe para cima a dobra do lençol, agasalhou-lhe a cara, passou-lhe a mão na testa.

—Pateta, assustaste-te talvez, cuidando que eu tam-

bem me teria assustado. Bem ; isso agora já se acabou. Tu trata de suar. Logò comes . . . Tens vontade de comer, príncipe da minha alma? . . . Já disse á Nicolasa que te traga dois bifinhos de vitela . . . Faça idéa que fome !

— Nem por onde ella passe.

— Mas, parvo, tu não jantaste.

— Sim, mamã, isso jantei.

— Jantaste ! . . . Tu jantaste !

A ferrageira caminhava de assombro em assombro. Inclinou-se para o rosto do filho para ver se o suor principiava, e uma infecta baforada de ar impregnado de tabaco fel-a retroceder.

— No mesmo instante vaes-me contar tudo, tudo, tudo. Não mintas ; não me escondas nada ; agora mesmo. És um brejeiro, um garoto ; assim mesmo, um garoto é o que tu és. Não mintas ; não me escondas nada . . . De amanhã em diante ponho-te a vender arados na loja. Sim, senhor, arados. Amanhã, ato-te, sim, senhor . . . ato-te com uma d'aquellas correntes . . . De amanhã em diante a acarretar barras do subterraneo. Já amanhã, a ajudar o pae, por brejeiro, por maroto, por sem vergonha n'essa cara . . . Já estás a suar ? Dize, já começou o suor? . . . Espera, vou buscar umas botijas de agua quente.

Trouxe-as a esaldar. Poz-lh'as entre os lençoes, rodeou-o de calor, deu-lhe palmadas brandas no corpo, soltou-lhe o cabello emmaranhado.

— Começa lá. Vamos a ver. Vá ; começa sem medo ; e não me escondas nada. Não vaes para o armazem, não, meu pateta, não vaes para a loja. Não ; não vaes ao subterraneo buscar barras . . . Já está ahi á Nicolasa com os bifes de vitela. Depois tomas chá muito quentinho e dormes . . . Tudo, tudo, sem mentir, minha joia.

À dobra dô lençol prestou a Inchaurrendieta o mesmo valioso serviço que a rede no confessorario. Velando-lhe o rosto, dava compunção e ar de arrependimento ás suas palavras.

— Convidaram-me para jantar em casa do Paternina.

— Quem é o Paternina n'esta vida?

— E' um senhor que faz essas estatuas das praças; o pae do Augustito, um amigo meu. Passámos por ali, de caminho para a Moncloa... A Celia não fôï; os irmãos é que foram. Á ida entrei eu porque os outros não se atreviam. Em casa dos Láinez tambem me esperavam. Bem. Chegámos á Moncloa... A Celia não ia. Eu e o Augustito não quizemos estar a fazer asneiras. Fizemos de Paterninas. Fizemos uma estatua como aquella que te está logo em frente conforme tu vaes a entrar na Moncloa. Não sei quem foi que fez aquella. O Augustito jura e torna a jurar que não foi o pae... Eu cá digo que a fez... Está tão perto da casa d'elle!... Fizemos uma mais parecida! mais parecida!... A estas horas já ha de estar derretida?... Á volta o Augusto disse-me: Entra em minha casa; vamos fazer uma estatua que não se derreta... A casa tem jardim; agora não ha flôres, mas na primavera, diz o Augustito que ha lá mais flôres! E tambem tem arvores... Entrámos no *atelier* do senhor Paternina. É tão grande como a estação do Norte. Talvez seja um pouco mais pequeno; mas muito pouco, muito pouco. Tambem as janellas no tecto, como as da estação do Norte. Jantámos ali mesmo. Os outros tinham-se ido embora. A mim disseram-me: Janta, anda, janta cá. Pois está dito. E jantámos ali mesmo. Oh! mãã! que casa de jantar! A chaminé, como dizia o senhor Paternina, deitava chispas. Tambem

jantou com a gente a mãe do Augusto. Elles falavam e eu não os entendia. O Augustito disse-me que falavam italiano. A mãe é muito velha, mas é muito alta e muito magra. De vez em quando o senhor Paternina levantava-se. Não sei para que era que se levantava; mas sempre vinha com uma garrafa. Trouxe uma garrafa baixa e bojuda, toda coberta de letreiros. Trouxe outra garrafa muito alta, com o gargalo muito comprido; esta parecia-se muito com a senhora Paternina. Ainda trouxe outra... eu nem sei quantas garrafas elle trazia. E bebeu de todas. A mim também me deu de algumas. Não começámos por sôpa. Comeu-se dobrada. Eu gostei, apesar de estar muito picante; mas deram-me a beber de uma garrafa que tirava o ardor e fazia cócegas. Depois comemos... comemos boqueirões; e com os boqueirões, disse o senhor Paternina que era preciso tomar da garrafa grande, a tal que se parecia com a mulher d'elle... Isto da parecença é meu... Dizia que os boqueirões faziam mal se não se bebia d'aquillo. Ah! esquecia-me. Parece-me que foi antes dos boqueirões que nos deram um queijo optimo. Eu com o queijo não quiz beber nada. O senhor Paternina bebeu de outra garrafa. Depois comemos presunto de fiambre com gelatina, e depois do presunto maçãs assadas, que estavam cousa rica, papa fina, com assucar e vinho de Montilla. Sei que era vinho de Montilla porque um amigo meu chama-se Montilla. E depois das maçãs, que imaginas tu que veio? Um copo de leite para cada um... Não; não tenhas medo; não me faz mal. O senhor Paternina disse-me: «Olhe, menino, deite-lhe umas gotinhas d'esta droga e não tenha medo, que não lhe faz mal.» E deitou-me umas pinguinhas... Estava mais quente! Depois ainda

houve café. Eu já sabia que em casa do Augusto tomavam café todos os dias. O pae ganha uma quantidade de dinheiro. No café ainda me deitaram mais uns pingos não sei de quê. E em cima do café um licor delicioso, que era de uma pessoa chupar os dedos.

—E depois do licor?

—Mais nada.

—Não mintas. Depois do licor um cigarro.

—Não, mamã.

—Não mintas.

—Não, mamã. Foi mas foi um charuto.

### XIII

A tagarellice do Jorge foi-se desvanecendo entre pausas somnolentas. A mãe deixava-o ir adormecendo.

—Ha de estar moido, estafado!

Em meio da somnolencia falava ainda:

—Ao senhor Paternina pareceu-lhe que a minha obra era coisa acabada. Dizia assim: «Que bonita! que bonita!» Eu amassava o barro com os dedos. Sabes, mamã? Com os dedos... E a final, as estatuas de marmore não as fazem os esculptores... Tem graça! O senhor Paternina, enquanto estava a trabalhar, tinha ali ao lado, em cima de uma gaveta muito suja, uma garrafa; digo mal, duas garrafas... O pae do Augustito é o senhor mais sympathico que eu tenho conhecido. O Augustito disse-me que o pae era artista... Sim, mamã, artista... Tenho um somno!... Tambem eu gostava de ser artista... Eu já sou um artista. Amanhã volto lá... A

Celia, se visse aquelles fantasmas, tinha medo. Também eu hei-de fazer fantasmas... Eu queria... eu queria, mas era...

Adormeceu. Vicenta vigiava-lhe o somno. Ao cerebro da valenciana ficaram presas as ultimas palavras do filho: Eu queria, eu queria...

Não\*comprehendeu claramente o que o filho queria, mas adivinhava-o com maternal instincto, parecendo-lhe qualquer coisa grande, qualquer coisa bella. Vicenta tinha da esculptura uma idea cahotica, intimamente relacionada com as esculpturas tumulares. Mas não seria aquillo; antes coisa como as estatuas das praças, como os leões do *Congreso*, como os reis da praça do Oriente, como a *Cibeles* como o *Neptuno*. Sentiu um estremecimento de prazer pensando que das mãos do seu filho pudessem sair obras tão primorosas como aquellas.

Por isso no dia seguinte a mulher de Inchaurrendieta não se oppoz a que o filho voltasse a casa de Paternina. Pelo contrario, animou-o, incitou-o a ir. Como antes lhe dizia: anda, filho, vae para a rouparia, chega-te ali para as senhoras da aristocracia, aprende com ellas,—agora empurrava-o para o grande *atelier*, tão mysterioso para ella; de onde saiam virgens de marmore, guerreiros de bronze... —Aprende, aprende... Também tu hasde fazer guerreiros, montados em soberbos cavallos, que passam a vida com uma pata no ar; também hasde fazer fontes como a das Quatro Estações, mas com muitas cabeças de anjinhos que, de bochechas inchadas, deitem muita agua; também hasde fazer santos como os que eu vi na porta da cathedral de Valencia onde se reune o Tribunal das aguas. São assim feiarrões, mas alguma coisa têm elles, sim, alguma coisa têm... Tu, Jorge, hasde

fazer-me uma Senhora das Dores, uma *Dolorosa*. Quero-a de marmore branco, branco; toda de branco, sem manto de velludo, e em logar da espada, uma corôa de espinhos, segura com ambas as mãos. Eu já vi isto em qualquer parte; não sei onde, mas foi em qualquer parte. A corôa, já se vê, de ouro. . . Fazes-me essa *Dolorosa*? Palavra que fazes, minha joia?

Desde o dia em que a valenciana disse estas cousas, a dorida imagem de Nossa Senhora não lhe saiu mais do pensamento. Via-a diariamente diante dos olhos, de marmore branco, immaculado, sem uma mancha, e nas mãos, comprimida contra o peito, a corôa de ouro. E ainda de noute, ao ajoelhar diante do balcão da ferraria, ao apoiar na denegrada taboa a fronte de linda valenciana, parecia-lhe ver uma imagem de marmore surgindo como visão celestial entre as prateleiras atulhadas de cravos e tachinhas. Era a Virgem *Dolorosa*; a que velava pela loja; a que velava por Jorge. Arqueado o busto, quasi tocando com o rosto no sujo chão da ferraria, apertadas as mãos contra o peito, como se com ellas esmagasse uma corôa de espinhos, balbuciava arquejante: Senhora e Mãe de misericordia, permitti que elle seja um artista e que não morra!

#### XIV

Celia Láinez nunca descia a escadinha que se enroscava como serpente ao tronco de ferro. A mãe tinha-lh'o prohibido expressamente.

A Rita aborrecia os remoqueos, os olhares dengosos,

as graças d'aquelles basbaques que, por tel-a conhecido de pequena, se julgavam auctorisados a tratál-a com incorrigivel familiaridade, tu cá, tu lá. Não senhores; em cima. Os Inchaurrendietas não tinham aberto ao serviço a porta da escada? pois elles abririam tambem a porta da escada principal. Esteve a ponto de supprimir aquellè horrendo caracol que afejava a loja. — Mas não... deixal-o estar... Quando o Jorge Inchaurrendieta vem por ahi, por onde é que sobe? Pelo caracol. Nada, nada. Deixal-o estar.

Não o tiraram. E para Celia, aquella tortuosa descida chegou a ter o suave mysterio das cousas prohibidas. Mas nem por isso sentia tentação de descer á loja. Estava muito bem lá em cima, derigindo, ella sosinha, o lar ordenado, limpo, nitido, de toda a familia.

Desde pela manhã muito cedo prendia aos hombros um avental de peitilho, fino, branco, e começava a tarefa. Para attender ás cousas lá de baixo a mamã, a D. Rita, escondida atrás do seu biombo, com o eterno trabalho nas mãos. De quando em quando, Celia ouvia-a subir ligeira a escadinha. Com o passo leve da Láinez o coracol nem sequer estremecia. Vinha dar-lhe noticia de alguma obra importante que lhe tinha caído nas mãos.

— Agora mesmo, filha, agora mesmo; todo o enxoval da Villarrosales. Ella para pouco presta, miuda... um batoque... Mas querem cousa fina e deixam tudo ao meu gosto.

Ou isto:

— A Moutiel, já sabes, uma senhora, senhora em toda a extensão da palavra, nobreza a valer, nobreza velha. Acaba de decidir-se que toda a roupa de mesa e os jogos de cama, serão peças á antiga, como já se não usam,

das que já se não compram. E' preciso ser o que é a Montiel: uma fidalga, uma senhora acabada. Imagina que as toalhas são artigo que está no armazem desde o tempo do avô de teu pae. Quando foi do casamento da Ecija, propuzemos-lh'as; mas, como todas, muito bordado, muita renda. . . Na qualidade das peças nenhuma repara. Esta Montiel ainda é do pouco que nos resta. Uma senhora, filha; sim, uma senhora ás direitas. Podes bem dizer que sobre essas toalhas comeram muitas gerações. . . Que peças de roupa! Que senhora!

E pelo caracol de ferro tornava a descer outra vez á loja, para subir pouco depois.

—Filha, o enxoval para o pequenito da Torrearcas. Quem havia de dizer! Esta casa fez o do pae e o do avô. Já é serem constantes! Que bellissimas pessoas!

Com isto Celita estava sempre ao facto de quanto occorria na loja, sem nunca desattender o lar que governava com a graça e a despreocupação naturaes na sua idade, mas tambem com uma auctoridade e uma energia inacreditaveis em tão poucos annos.

Todos aquelles dotes eram precisos para governar aquelle rapazio buliçoso, desordenado, amotinador. Celia impoz-se a todos. Ver aquelle aventalinho com as tiras cruzadas em X nas costas, infundia respeito, como as correias, tambem em X, dos guardas civis, avistadas no campo pelos malfeitores. A ver quem era o valente que se atrevia a deixar a agua suja nas bacias! A ver quem era o grandissimo porco que atirava um fosforo para o chão? Pois o que deixasse uma gravata esquecida por cima da cama, sem gravata ficava durante quinze dias. Nem o pae escapava á severa disciplina. Se lhes agradava assim, melhor; e se lhes não agradava, se aquelle

regimen lhes parecia duro, ali estava o chaveiro com as suas quatorze chaves, ali estava a *Agenda*, ali estava o livro de cozinha, e que viesse outra substituil-a.

Ninguem tugia nem mugia. Nem ás horas da comida era permittido alegar que isto estava insosso, que aquillo estava salgado. Cada um comia e caíava. Mas não se imagine que o despostismo matava a alegria. N'aquella casa a ordem, o esmero, a limpeza, exhalavam como um halito de juventude, de frescura, de vida sã.

A propria Celia, no meio d'aquelles trasfegos, poz-se como nunca: as faces um pouco pallidas, coloriam-se com a azafama; todo aquelle corpinho esbelto e airoso adquiriu, no meio de tanto lidar, uma desenvoltura travessa; até o olhar perdeu a timida incerteza da adolescencia para penetrar firme, para sondar severo as cousas serias da vida.

Jorge subiu pelo caracol á sobreloja. Ainda bem não tinha surgido pelo alçapão aquella cabeça de principe formoso, já Celia estava diante d'elle com as mãositas mettidas nas algibeiras do avental, leve e fôfo como aza de pomba. Nem esperou que elle subisse; disse-lh'o de cima:

—Eh lá!... Rodar d'aqui para fóra no mesmo instante!

Inchaurrandiéta, a meio do caracol, ficou varado.

—Não ouve? Rodar já d'aqui.

—Escuta lá. Eu venho porque quero.

—Pois eu tambem te ponho na rua porque quero. Isto não são horas de vir a uma casa que tem ordem. De tarde... á hora que quizeres.

—É que hoje é domingo.

—Pois por ser domingo, muda-te já d'aqui. Vá! É ir

pescar peixes no lago da *Casa de campo*. Lá estão os amigos.

— Vinha para irmos á missa.

— Para eu ouvir missa não me és cá preciso; basta o padre. E, de mais, a missinha mais cedo.

— Deixa-me subir. Olha que se não subo não volto.

— Fóra! fóra d'aqui.

— A tua mãe disse-me que sim, que subisse. Tenho licença.

— Mostra o bilhete.

Os olhos de Jorge fuzilaram na escuridão do caracol. Celia desviou o olhar.

— Subo ou não subo?

— Vem ás duas. Iremos até ao *Canalillo*.

— Subo ou não subo?

A de cima nem sequer respondeu. O de baixo começou a descer para a loja.

O caracol rangia.

Por entre o ranger do caracol, Celita escutou uma voz que dizia:

— Não me esperes que não venho. Nunca, nunca mais.

## XV

Foram, como Celia tinha dito, até ao *Canalillo*. Iam quasi todos os Láinez *da esquina*—assim eram conhecidos—e algumas das ramificações da *calle del Rey*.

Formavam grupos, já buliçosos e palradores, já graves e sisudos.

Celia reuniu-se ás primas, duas raparigas da sua idade,

Láinez também, e que também tinham rouparia. Caminhavam as três em fila ao longo do canal. Era uma quentíssima tarde de abril; de quando em quando, por cima dos cerros, baforadas de ar serrano davam na cara. Eram frescas e vinham saturadas de aromas balsâmicos. Ao longo do canal havia duplos renques de choupos lombardos; os cimos ponteados já se encrespavam com o verdejar da primavera, a espelhar-se nas águas do canal com reflexos escuros, pantanosos.

A água tinha ali um curso lento, pesado, com o triste silêncio das águas mortas. A grandes intervallos, pontesinhas por onde passaram as Láinez, sem outro propósito mais que mudar de margem. Jam canal acima, em direcção opposta á corrente. Ás vezes eram extensas linhas rectas que se prolongavam entre as fileiras rígidas dos troncos alinhados; a facha de água via-se a distancia n'um verdejar sombrio, e em cima, entre as agulhas dos alamos symetricos, uma fita azul de céu. Outras vezes o canal segue em largas curvas; os choupos cingem sempre como bons companheiros aquelle mudo deslizar de águas pesadas, escuras. Aquillo é solitario, ignorado. Junto ás pontesinhas de pedra ha salgueiros que n'aquella tarde já reverdeciam. A folhagem languida formava abobadas sobre o caminho. A um lado o terreno desce, e nos lugares mais baixos ha hortas, ha viveiros de roseiras, cuja flôr já então rompia em milhares de botões. Ao outro lado ha lombas que ondulam, coberta a sua nudez de terra aspera por um tapete de relva. Além, no plano mais distante, os cumes azues do Guadarrama. Em alguns cimos, scintillam manchas de neve.

Celia apartou-se das companheiras.

—Sim, Jorge; disseram-m'o; escusas de negar. Sei

que n'aquella casa se toma cada bebedeira que ficam todos a rolar pelo chão. Que animaes!

— Quem te disse essa grandissima mentira?

— É mentira, Jorge? . . . É mentira?

— Quem t'o disse?

— É mentira?

O canal entaipava-se n'uma garganta estreita de taludes vermelhos. Depois tornavam a aparecer as hortas, os canteiros de rosas e do outro lado as lombas pardacentas, que começavam a vestir-se de relva.

— Se tornas a embebedar-te, nem sequer me olhes para a cara.

— Não sejas pateta. Eu nunca me embebedo. Pergunta á minha mãe.

— A tua mãe!

Jorge notou que os olhos de Celia se enturvavam; era um olhar carregado, triste, escuro, como as aguas do canal.

— Sempre és! . . . Sabes que vou fazer o retrato da tua pessoa, corpinho inteiro? E levo-te á exposiçãõ. Vês ali, á esquerda, aquella cupula tão grande, tão feia? Pois é ali. Vaes depois vel-a comigo. Que te parece? De marmore branco, corpo inteiro. Pensei primeiro em fazer-te de bronze, mas depois disse cá comigo: de marmore branco, de marmore de Carrara. Ouviste? Ponho-te em pé, muito grave, muito séria, um bocadinho carrancuda como esta manhã quando me dizias que não subisse. Já estás esboçada, mas não te mostro. Que me empiteiro! Maior mentira! O que me dá mais que entender é desenhá-la a linha do pescoço, que saia muito fina, e sobre ella collocar bem a cabeça com o monete levantado. Parece que não é nada e tem que se lhe diga. Tudo está

n'isso ; a linha do pescoço, o carrapito, a cabeça. O corpo não me dá cuidado. Já se sabe, com avental de peitilho enfeitado, e as cintas cruzadas assim em X nas costas. A um lado, caindo junto do avental com uma corrente sobre a saia, o chaveiro. Já tem titulo. Sabes que já tem titulo ? *Mi amita* <sup>1</sup>.

Jorge falava com paixão de artista, incendiado, como se a entonação esmaltasse a palavra. Celia escutava-o com os olhos postos nas aguas do canal. Parecia que corriam ali um pouco mais depressa, encrespando-se levemente á superficie. N'uma horta, um homem com grandes soços nos pés regava uns canteiros de rosas. Sobre as lombas passava, afagando-as, a aragem da serra.

## XVI

— Não, mamã ; não me embriago. Isso é mentira, refinada mentira. Disse-t'o . . . Eu bem sei quem t'o disse.

— Quem foi, filho ? quem ?

— Foi a Celia que t'o disse . . . A Láinez.

— Tu estiveste com ella ?

— Estou todos os dias.

Pelo cerebro da valenciana passou uma onda de sangue, impressão ardente que a perturbou como embriaguez.

— Mas tu então . . . todos os dias ?

— Sim, todos ; á volta do *atelier*.

— Á volta ? . . .

<sup>1</sup> Diminutivo de *ana de llaves*, que significa governante.

—E que tem isso?... É que gosto d'ella. Ouves mamã? E que eu gosto d'ella.

Jorge estava estendido sobre a cama com o fato um pouco em desalinho e o abrigo por cima. Poz-se em pé de um salto.

Os olhos chispavam, a fronte queimava, os labios cerrados tremiam, e entre os labios os dentes apertados, finos, batiam de colera.

—Que hei-de fazer, se gosto d'ella?

—Jorge... meu amor... mas eu não me opponho a que tu gastes d'ella!

—Já sei... eu já sei que tu não queres...

Vicenta tomou entre as suas as mãos do filho; estavam frias de neve. Largou-as assustada; apalpou-lhe a testa, engalfinhou os dedos pelas madeixas de ouro. A testa escaldava.

—Mas, meu amor, se eu não digo...

—Não dizes? Sim, está claro, tu não dizes nada!

—Tens calor? tens frio?

—Larga-me.

Desembaraçou-se do sobretudo, tirou o casaco: como um corpo inerte caíu sobre a cama. Com a boca para baixo, mettida nas almofadas, sentia-se que respirava com fadiga, arquejante.

Vicenta pegou n'um chale que estava aos pés da cama e estendeu-o sobre o corpo do filho.

—Dorme, que estou eu aqui... dorme, filho da minha alma.

Havia ali uma cadeira muito baixa. Vicenta sentou-se n'ella.

## XVII

Indalecio Inchaurreandieta administrava sereno, fleumático, a sua ferraria. As pancadas do ferro eram suave rumor, brando murmúrio aos seus ouvidos. Pela claraboia as ferragens iam parar ao subterrâneo; pelo alçapão do armazem tornavam a subir, hoje umas amanhã outras, como alcatruzes de nora. As pranchas de cobre e os rolos de chumbo que os caixeiros acarretavam eram imagem da sua vida, arrastando-se lenta, com ruído manso. Era feliz no meio d'aquella existência repousada. Habituará-se desde criança aos sons metallicos, aos movimentos compassados que impõe o manejo do ferro.

E as manhãs corriam-lhe alegres, agitadas, com a presença dos carros, e o falatório campesino dos carreiros. Chegavam pela manhãzinha. Mal se abria a porta já se lhe arrimava uma d'aquellas galeras abarrotadas de mercadoria serrana; a capota de lona, refulgente de brancura ao sol matutino, parecia vela de navio arriada do mastro ao atracar ao caes. Na dianteira, a lanterna coberta por crosta de lama e pó, e o mastim felpudo atado na retaguarda.

Continuavam a trazer canastrinhas que cheiravam a alfazema e rosmaninho, cheias de saborosos presentes campesinos, resguardados do pó da estrada por um guardanapo muito branco, de grandes franjas, perfumado de aromas montezes.

Lá no monte, ninguém conhecia o filho de D. Indalecio, mas, mandavam-lhe os presentes como offrendas que se enviam a um príncipe sempre ignorado e sempre querido.

Aos carreiros recommendavam-lhes muito que perguntassem sempre pelo *menino*, mas elles nunca o viam.

—Para a outra viagem hão de conhecê-lo—afirmava D. Indalecio com voz pausada.—Hoje está a dormir. . . sabem? Hoje está a dormir.

Á noute, quando cejava em casa, punham-lhe ao principio ignorado as dadivas dos labregos da serra. O principio provava.

Ao meio-dia, os ferrageiros sentavam-se sósinhos á mesa; Jorge estava na cama. Jantava depois, n'outra parte; ás vezes no *atelier* de Paternina, outras vezes na *Vina* tal ou na *Vina* qual, n'um grande *restaurant* ou n'um grande *merendero*. Era precisamente esse um dos grandes mysterios da sua vida. A mãe perguntava-lhe muitas noutes onde tinha jantado e elle respondia indicando-lhe os lugares mais mysteriosos e mais estranhos.

—Sim, mamã; fazem ali arroz como em parte nenhuma. Julgas que aquillo é alguma taverna? Sabes quem hoje estava n'uma mesa defronte da minha? Pois olha: a marquezinha de Carcedo com o Loló Liaguno. Estava cousa de se lamberem os dedos o tal arroz. Fazem-no ás quartas e sabados. Vaes ver como é. Esta quarta-feira agora mando cá trazer duas rações. Palavra que mando. . . Ora se mando, mamanzinha!

Aqui um beijo sonoro.

—Sim, filho, sim; manda, manda. Desde que saí de Valencia ainda não comi arroz bem feito, o que se chama um arroz.

No dia seguinte:

—Onde queres tu que se jante com um calor d'estes? Nos *viveros*. Fui com um amigo. Sabes, mamã? Um do *atelier*. Tu não conheces.

Com aquella irregularidade nos jantares transigiu, com vontade ou sem ella, a valenciana. Mas a desordem, a vertiginosa mudança de cozinha, chegou tambem a interessar a ceia, e a isto já ella quiz pôr cobro.

—Dás cabo do estomago.

—É que tenho fastio e só levo alguma cousa andando assim a depenicar por differentes partes.

—O pae não gosta nada quando não estás á mesa á hora da ceia.

—Bem, mamãsinha; não te zangues. Verás; amanhã, já amanhã ceio contigo.

E no dia seguinte Jorge ceiou com os paes. Ceiou pouco, isso sim, porque o estomago, o mofino estomago...

—Mas filho, pelo amor de Deus,—dizia o ferrageiro—isso não é comer. Vaes ficar com fome.

A mãe guardava silencio.

## XVIII

Quem lhe inspirou a idéa foi o bondoso Paternina; mas foi semente em campo fertil que germinou forte e pujante.

Disse-lh'o uma tarde: Você, menino, precisa vêr a arte moderna; dar um passeio pelo mundo. Ha de principiar, está claro, pela arte antiga. Você d'aqui já tirou o que podia tirar, aqui já ninguem lhe ensina mais do que o que sabe... Tome outro copinho; é da *Campagna*... Posso dar-lhe cartas para o Rodin, grande amigo meu. Mas primeiro a Italia... Miguel Angelo! E dizer que eu, na sua idade, vim de Italia para Hespanha!

Oh! lindo, lindo paiz; a Hespanha! Vim com meu pae que era canteiro. As sepulturas de Madrid estão coalhadas de obras suas. Elle trabalhava para os mortos, eu trabalho para os vivos... Quer uma pinguita?... E' *tres estrellas*. Excellente... Você é novo, tem talento... Você, filho, tem fortuna, os senhores seus paes têm fortuna... Ah! se eu tivesse tido o que você tem... A minha patria! Sabe como foi que eu alimentei annos inteiros o fogo sagrado da minha patria? Fazendo-me amigo de todos os tenores que desfilaram durante meio seculo pelo real colyseu. De algumas tiples tambem fui amigo. Cousa rara! Nunca consegui que nenhum tenor bebesse comigo nem assim. Oh! mestre! *Proibito, proibito*. Mas as tiples... essas todas, todas. Você não sabe uma cousa... uma cousa? Psss... espere... Você ha de dizer —que cousa?... que cousa?... Ella não quer que se saiba... Ella... *mia signora*... foi tiple. Oh! bellos tempos! Em 75 perdeu a voz; palavra, perdeu a voz. Ella não acredita; eu estou farto de reconhecer isto, mas não lh'o digo. *Poverina!*... Agora esta pinguinha de *Campaña*. *Disgraziata! poverina!* Ainda canta, sim, em nou-tes de lua canta... aqui sósinha. Entra a lua por cima, por ali. Eu tambem entro, mas escondo-me. Ella corre os toldos das claraboias... *La bella notte*. Entra a lua. Estas obras minhas parecem obras do meu pae, estas tuas de tumulos. Oh! que bello! que bello! E ella canta... *la disgraziata, la poverina*. Não tem voz... *ma come canta! Io l'amo... io ploro*.

O senhor Paternina sentou-se n'um banco de pinho que estava ali ao lado, mergulhou nas palmas das mãos a fronte veneravel e, entre soluços, Jorge ouvia-o dizer: *La disgraziata, la poverina!*

Depois endireitou-se, offereceu a Inchaurrendieta um copo a trasbordar de um liquido cõr de topasio e serviu-se n'outro copo que levantou muito alto. — *Questa è la vita!* — disse, e esvasiou-o de um trago.

Depois, sereno, tranquillo, tornou a falar-lhe de Rodin, de Miguel Angelo, de Klinger, de Cuerccia, de Guillaume. Era indispensavel conhecel-os a todos.

N'aquella noute Jorge chegou a casa muito pontual para a ceia. Estava locaz, alegre, expansivo. Quando se levantou a mesa, a mãe caiu das nuvens com a noticia de que elle não saia. — Sair? sair? Aonde? Se este Madrid é tão pequeno! Se não ha aonde ir! Vamos a vêr; aonde vae a gente? A um café qualquer? Morrer de aborrecimento no *centro*? Ao espectaculo da ultima hora no Apolo! Nada, nada; Madrid é pequenissimo.

A D. Indalecio parecia-lhe que Madrid não era tão pequeno como isso; mas não replicava. Elle, a final de contas, encerrado na sua loja de ferro, o que sabia?

Da pequenez madrilená Jorge passou com suavidades felinas á consideração de outras cõrtes europeas. Os paes ouviam-no encantados. Era um serão tão agradável, com o filho ali, ao seu lado!

No relógio de parede houve um murmúrio de ferragens e logo, rapidas, soaram dez badaladas. Nem D. Indalecio nem Vicenta quizeram deitar-se. N'aquella noite não tinham somno. Continuou o cavaco. De que lindas coisas lhes falava Jorge! Quem seria capaz de adormecer, a ouvir coisas tão bellas?

Quando no relógio de parede tornou a reboar um ruido de ferragens, já Jorge tinha dito tudo, tudo. Soaram onze badaladas; os ferrageiros ficaram sós: Jorge, a cair de somno, foi para a cama. A pendula, com o seu tac-tac,

parecia o dentinho de um roedor a morder no tempo. A imaginação levantinha da ferrageira, querendo voar para longe, para regiões ignoradas, acabou por pousar n'uma planície coberta de laranjaes, com as choças brancas agachadas entre a folhagem coberta de flôr de laranja.

Tornou o refugio a ranger com um ruido aspero como se se desconjuntasse. Deu doze badaladas. Foi n'esse momento que Vicenta disse:—Quasi me alegre. Correndo mundo ha de esquecer-se. . . ha de esquecer-se. O que se lhe metteria na cabeça a essa costureira de roupa branca?

E, decorridos poucos dias, Jorge Inchaurreandieta afastava-se a todo o vapor d'aquelle Madrid tão pequeno. Era já de noute quando o comboio corria entre os densos pinhaes da Serra. Jorge olhava para a paisagem mergulhada em sombras. Ás vezes via o fulgor de uma luz distante, a indicar-lhe alguma habitação campesina. Jorge, vendo aquella estrellinha vermelha, pensava: Quem sabe se d'ali me mandariam aquelles bellos presentes, aquellas lembranças perfumadas!

Por cima do pinhal assomou a lua; uma lua grande, solemne, a derramar sobre as ramarias a sua claridade palida. Da terra levantava-se uma nevoa prateada; os pinheiros pareciam envoltos em nuvens de espuma. Na imaginação de Jorge representava-se o *atelier* do mestre n'aquelle nouté de lua. Pareceu-lhe que no proprio pinhal vagueava a *signora*, a *poverina*, entre a nevoa luminosa, prateada. . . Os pinheiros embranquecidos eram fantasmas de tumulo, extranhas creações do Paternina pae; e no meio d'ellas, na *bella notte* cantava a *signora*. . . a *disgraziata*. . . a *poverina*.

## XIX

Foi n'uma manhã primaveril e quente que o carteiro, entre as costumadas cartas de correspondentes e agentes de comissões, entregou na ferraria um rolo comprido, muito apertado, envolto em cinta azul, com rotulo côr de rosa. Inchaurrendieta tomou nas mãos aquelle rolo tão bonito, apaipando-o um momento. Mas havia carro á porta e deixou-o com as cartas no cacifo dos algarismos.

Lá estava o carro com o seu toldo de lona, a sua lanterna empoeirada, e o seu mastim peludo. Foi preciso trazer ferro do subterraneo, despendurar corôas de arame, acarretar ferramentas. Soaram chocalhos pendurados em cachos, deitaram-se abaixo pinhas de guisos, e nos pratos das balanças tilintaram granizadas de munição. Era a epoca da actividade campesina. A florescencia da primavera removia as profundezas da ferraria, em quanto, por trás da grade de madeira, aquelle rolo azul e côr de rosa parecia uma flor serrana.

Por fim a galera levantou ancora, desatracou da porta, e D. Indalecio perdeu de vista o toldo, que se balançava aos tombos. Voltou então ao seu cacifo para abrir a correspondencia commercial; encommendas, contas, facturas; e entretanto o papelucho azul á espera, flor em botão, que o abrissem. As estampilhas denunciaram-lhe a procedencia: aquillo vinha de Paris. Sem mais hesitações, Inchaurrendieta, atravessando a loja, dirigiu-se á casa de jantar com o rolo na mão. Era meio-dia. Sobre a toalha muito limpa a terrina fumegava. Vicenta esperava o marido.

Entre ambos rasgaram o envoltório. Saiu um caderno grande, de capa brilhante, a côres. Ao desembulhá-lo espalhava-se um aromasinho suave, Estenderam-no na mesa sobre a toalha alvissima. Marido e mulher estavam juntos, muito juntos, com as caras quasi unidas. A terrina ao centro continuava a fumegar. Na capa d'aquelle caderno de côres brilhantes viram um letreiro, curto e sonoro, que lhes evocava qualquer recordação apagada, adormecida na memoria.

—E' o titulo de um drama — disse o ferrageiro.

—Nada. . . Estou que é titulo de uma opera. — Disse, com sagaz espirito de advinha, a ferrageira.

Abriam o caderno perfumado na primeira pagina, e ali estampado, nitido, lindo, havia um retrato. O ferrageiro e a ferrageira olharam-se de frente, com os olhos muito abertos. Depois cada um deitou mão a sua cadeira; puzeram-nas muito juntas, e sentaram-se diante do caderno. O fumo da terrina pairava-lhes sobre as cabeças.

As primeiras palavras saíram da boca da valenciana e foram estas;

—Que bonito! E com a barba toda!

Era verdade. Estava um perfeito rapaz, de elegancia muito varonil, formosura mascula, feliz mistura do vasconso e do levantino.

—Bem queriam, Indalecio, bem queriam ser assim os principes que andam retratados nos papeis!

A barba era, como o cabelo, crespa, fina. O retratado vestia caçadora de pellucia, sobre a qual caíam com gracioso desdem as pontas da gravata atada em laço de mariposa. O olhar, como sempre, penetrante, activo, quasi duro. Olhava de soslaio; parecia dirigir aos ferrageiros um olhar furtivo. Por baixo estava o nome.

O triste, o angustioso, o afflictivo para os Inchaurredias foi não poderem penetrar o que dizia aquelle caderno grande, assetinado, oloroso. Falava d'elle, só d'elle, porque, de quando em quando, surgia o nome entre as linhas compactas. Vicenta correu tôdas as linhas, uma por uma. Quatorze vezes, senhores, quatorze vezes o citavam! Mas a unica cousa intelligivel era isso, o nome.

Percorreram as paginas cheias de gravuras que tambem tinham o nome d'elle por baixo. Mas do texto, nada, nem palavra.

Jantaram pouco. Vicenta, ao mesmo tempo que comia, dava voltas a uma idea extranha, extraordinaria, mas salvadora—Aqui ninguem entende esta endiabrada lingua—pensou—aqui é só ferro, ferro. Esses caixeiros... nenhum. Quem a sabe, sei eu; quem o entende... Sim, Indalecio; eu bem sei quem entra com isto, mas não me atrevo. Sabe poucoquinho, mas é quanto basta. Sabe, sabe. Ensinaram-lh'o, não sejas parvo. Economisavam uma soldada; por isso lh'o ensinaram. A correspondencia das fabricas francezas quem a faz é ella. Aquelle negocio não é como o teu, não sejas parvo. Precisam da moda; precisam de lidar com as cousas de França. Toda a roupa branca vem de França. Cuidas que é a mesma cousa fazer a preceito camisas d'aquellas ou vender arados?

Sem acabar de jantar, levantou-se da mesa, poz a mantilha e enfiou da casa de jantar para o armazem, do armazem para a loja, da loja para a rua. Os caixeiros viram na sair com um grande caderno na mão; era desusada, extraordinaria aquella saída. Um momento depois, viram-na entrar outra vez na loja.

Abriu o caderno; pôl-o diante d'elles, perguntando:

— Quem é este? Quem é?

Todos o reconheceram logo.

— Que bello mocetão, não é verdade?

Virou a folha, voltou á rua e, ao chegar á praça da Faria, poz-se a olhar para os passaros que cantavam entre a ramaria das arvores. Alguns andavam aos saltinhos sobre os tapetes de relva. Pareceu-lhe que ia saltando ella tambem. Mas não; andava como sempre; o coração é que andava aos saltos como os passaros da praça.

Parou junto a um tanquesinho como se a interessasse o murmurio da agua, caíndo sonora nas penhas do centro.

— Pffe! — disse consigo — Que asneira! Porque não hei de entrar? Vamos, vamos para dentro.

Rita estava no seu esconderijo com o eterno trabalho nas mãos. Ao entrar Vicenta, o movimento dos bilros acelerou-se entre os dedos da Láinez.

— Está lá em cima; sobe.

— Sim, filha, é um momento. Vou vel-a. Está-me a parecer que já vae n'um anno que a não vejo.

Todos os caixeiros admiraram a agilidade e prestesa com que a valenciana, aos saltos pelo caracol, se apresentou lá em cima na sobreloja.

— Celia! Celita! Onde estás, criatura?

Ao ouvir a voz da ferrageira, Celita assustou-se. Mas logo que a viu desvaneceu-se-lhe o susto. Nas faces da Láinez estalaram dois beijos. Celia tornou a assustar-se.

Entre beijos e palavras cortadas entraram na sala.

— Celita, pelo amor de Deus... Nem que fosse eu visita de cerimonia...

Era yma salinha rectangular, de tecto baixo. As cadeiras, alinhadas com rigidez em volta das paredes, esta-

vam todas mettidas em vestimentas brancas, vestimentas de brancura deslumbrante, muito engommadas. Nas duas janelas cortiças apanhadas aos lados, de vaporosa cambraia, e pendente do tecto um candieiro tambem enfrinhado. O chão caberto de esteira, tão nova, tão limpa, que resplandecia com suaves tonalidades de ouro velho. Através das vidraças via-se a folhagem dos platanos e das acacias; a folhagem quasi roçava nos vidros.

Entrava em torrentes a luz esverdeada através das folhas. Ouvia-se o pipiar dos passaros. Vicenta accommodou-se no sofá; Celita n'uma cadeira de braços. Celita tinha, como sempre, o seu avental de peitilho branco, guarnecido, alvinitente. Estava em completa harmonia com as vestimentas brancas das cadeiras na sala nitida, de mobilia branca, claridade esverdeada, chão dourado.

Vicenta mastrou-lhe o retrato.

—Olha, olha; se não parece mesmo um principe!

Celia tomou-o nas mãos. O rosto fez-se-lhe branco, pallido, como as vestimentas das cadeiras. Os labios tentavam sorrir mas não sorriam. As franzidas hombreiras do avental agitavam-se como a espuma das ondas á brisa fresca, matutina.

—Olha, olha para diante. Verás as obras d'elle, as esculpturas.

Celita virou a folha.

Sobre fundo negro resaltava com brancura de marmore uma d'aquellas obras. Celita fez-se vermelha, côr de cereja.

—Bem, deixa essa. Passa, passa para diante.

Virou a folha; virou-a com timidez, com pudico receio.

—Não tenhas medo, pateta. Volta . . . volta.

Outro fundo negro, outra esculptura branca. Não pôde conter-se; foi um grito, foi um soluço.

— *Mi amita!* . . . *E' a mi amita!* .

Era o seu avental, o seu chaveiro, o seu monête, era ella . . . ella.

Um ramo de acacia batido pelo vento roçou nos vidros. Na grade da janella pousou um passaro; tinha as asas negras, o bico branco, o peito branco tambem.

As duas mulheres, chamada a attenção pelo movimento da acacia, volveram os olhos e viram o passarinho de asas negras e peito branco.

## XX

— Isso é impossivel, mamã, completamente impossivel. Era enterrar-me. Venho cá jantar todos os dias . . . quasi todos os dias . . . Sim, sim . . . palavra! hei de vir muitas vezes. Olha, a partir de hoje já me marcas um dia na semana; aquelle que tu quizeres; nada, nada, o que tu quizeres. Sempre o que tu quizeres, mãesinha (aqui um beijo). E no dia que eu faltar . . . multa . . . Está claro que, além d'esse dia, hei de vir uma infinidade de vezes . . . Nos *meus dias* . . . vamos chamál-os assim—nos *meus dias*, dás-me arroz e *paella* valenciana. Nem em Paris, nem em Florença, nem em Roma se pode comer *paella* á valenciana. Um dia n'um *cabaret* do bairro-latino, chamado *Os tres cravos*, vi um letreiro que dizia: *Paella* á valenciana e *metti logo o nariz* . . . é o termo, *metti o nariz*. Estive quasi a chorar lembrando-me do teu arroz, mãesinha (*beijoca*) . . . Tambem nunca percebi, não sei porque se chamava *Os tres cra-*

vos. Só se era por umas raparigas que lá serviam com cravos vermelhos no cabelo. Eram *huertanas* legítimas; mais *huertanas* que a *paella*. . . Tinham os olhos como os teus, mãesinha (*dois beijos*). . . Estive quasi a chorar. . . Mas, Santo Deus! Tive de ir jantar a outra parte. . . Que gente! Bellas obras, sim. . . Que marmores! que bronzes! Mas tu, mãesinha, sentias nostalgia da *paella* valenciana. . . Não te preocupes. Em quanto não encontrar um *atelier* em termos, durmo por ahí em qualquer parte. . . continuo a fazer vida de Paris. . . como ave de arribação: hoje n'uma arvore, amanhã n'outra. Todos os da colonia faziamos o mesmo. Havia um russo que muitas noites dormia ao ar livre; Zinki. . . Pobre Zinki! Miguel; eu chamava-lhe sempre Miguelzinho; elle chamava-me Jeorgewitch. Elle falava-me da Russia, eu falava-lhe de Hespanha. O Zinki era muito especial. Deitado em qualquer parte adormecia encolhido, protegido ao calor das melenas como os passaros ao calor da asa. . . Dizer-lhe certas cousas! Era capaz de matar-me se fãrejasse esmola. Para o Zinki a caridade não era cousa quente; era uma cousa fria, mais fria que as pedras em que dormia. Até que uma noite foi dormir ao Sena. Soubemol-o pela manhã. Quando chegamos, já o tinham tirado. Avisou-nos a Natacha, a companheira d'elle. Estudavam musica ambos. O Zinki já a tinha prevenido:

—No dia em que, quando acordares e abrires a janella, vires n'ella a minha rabeca, vae procurar-me ao Sena.

A Natacha entrou no meu quarto.

Eu estava a dormir.—Jeorgewitch, acorda. Ajudou-me a vestir. Quando chegámos já o tinham tirado; mas ainda o vimos. Tinha as melenas molhadas, pegadas á

cara como um emplastro. Notei que estava descalço, e, não sei porque, isso aliviou-me um tanto a impressão terrível que sentia... o notar que elle estava descalço... Quem sabe lá, mãe! A gente sabe lá porque é que elle estava descalço... Eu estive a vel-o... estive um bom pedaço a dar tratos á imaginação perguntando a mim mesmo—porque estará elle descalço?... Não chores, não chores, mãesinha. A ti, que te importa o Zinki?... Tinha desenove annos. Eu tinha pensado fazer uma cabeça. Era feio mas tinha uma bella cabeça... Eu por agora vou trabalhar no *atelier* do Paternina até encontrar um em termos. N'este Madrid não ha *ateliers*, não ha senão barracões. Hei de ter muito trabalho. Isto para ir e vir está muito longe... Jantar, sim. Já te disse que um dia por semana... Mas que bonita! que bonitissima está a minha mãesinha! (aqui muitas festas arteiras, muitos mimos). Vou-te fazer a *Dolorosa*, sabes? Logo que despache o busto da Penarçones e o grupo para o Salon, deito mão á *Dolorosa*, á tua Senhora das Dôres. Se tivesse podido em Florença! Que modelo! Muito me lembrei de ti! Mas em Florença não se pode. Aquella *ragazza* não era florentina, era napolitana. Só fiz um esboceto, nu, e vendi-o a um pobre norte-americano que estava abrasado no lume dos olhos da *ragazza* napolitana. Deu-me setecentas liras. Um dia convidamol-o a jantar. Fomos juntos os tres: a Esther, assim se chamava a napolitana, o norte-americano e eu. Quando acabámos, elle estava bebedo. Caiu a rolar pelo chão. Tivemos que tiral-o d'ali aos empurrões, a ponta-pé. Em casa ficou-lhe o sobretudo. Nunca mais voltou; nunca mais soubemos d'elle. Passámos revista ás algibeiras: n'uma encontramos uma pulseira de prata denegrida, com uma granada

que parecia uma gotta de sangue secco ; n'outra encontrámos um revolver pequeno com cronha de marfim e umas castanholas com muitas fitinhas das côres da bandeira hespanhola. No bolso interior quatro retratos de mulheres. Um era a Otero e estava assignado ; outro dizia *Lucy*, tambem assignado ; os outros dois eram uma esplendida mulher já não criança e uma muito nova, ambas como Deus as deitou ao mundo. Tambem encontrámos n'uma carteirinha pequena um embrulho de liras. Os retratos queimamol-os ; a pulseira ficou a Esther com ella ; com o revolver fiquei eu ; e com o dinheirò mandamos-lhe fazer exequias em *Santa Maria del Fiore* por alma de um violinista russo que tinha morrido no Sena... Olha, mãã, eu o que queria era encontrar *atelier* e casa tudo no mesmo edificio, tudo junto. Talvez encontre lá para cima para o *canalillo*, ali por onde eu ia com os Lainez aos domingos. Lembro-me de ter visto casinhas lindas, jardins muito catitas.

Eu queria um *chalet*, queria um *villino*... Sim, mãã ; é a unica cousa possivel para estarmos todos juntos... Lá para aquelles lados vi *villas* muito alegres quando ia com a Celita. Ha arvores, ha flôres ; tu é que has de cuidar das flores . . . E' verdade, mãã, tens razão... tenho que ir ver os Lainez. Mas, bem vês, acabo de chegar, como o outro que diz. E, demais, os primeiros dias eram para estar contigo, só contigo, minha rica mãesinha. A ti não te dá tristeza viver n'esta masmorra?... Eu cá, não ; eu'cá não me acostumava. Eu sou como os passaros ; preciso de luz, de arvores e de flores (beijos e mimos). Vê lá não te esqueças de falar ao paesinho... a respeito d'aquella cousa. Só para a installação... sabes?... pouco, pouco. Depois até que me

mandem dinheiro de Paris vou precisar um pouquinho mais... mas tambem pouca cousa. Ui! Madrid está carissimo! Em Paris, com ser Paris, vive-se mais barato. E depois ha mais liberdade; não andam todos a metter o nariz; cada um faz o que quer... Escuta cá: do que tu me vaes dar, importava-te adiantar-me uns dois mil *reales*?... Não, não, mamãsinha; só dois mil... Se aqui não ha modelos e os que apparecem são pela hora da morte!... Só dois mil... Se eu de um dia para o outro espero que me mandem dinheiro. Pois bem, já que insistes dá-me mil pesetas, mas não as gasto. Imagina tu: em Madrid em que é que se vão gastar mil pesetas? Escuta: parece-me que prometteste pagar-me a conta do alfaiate e das camisas. Chega uma pessoa aqui despida! Detesto os alfaiates de Paris... por isso não quiz lá fazer nada... Tudo o que me mandavas ia-o guardando e depois... depois deu-me na cabeça uma cousa muito ratona... muito triste... Não t'o digo; é muito triste... uma ratice! Havia de ser um bocado de neurastenia; excesso de trabalho. Tinha um medo muito grande, muito grande... Não t'o quero dizer... era nervoso; um medico amigo disse-me que era nervoso... Queres saber? Entrou comigo um medo, um medo horrendo de que não tornassemos a ver-nos... Vês? Já estás a chorar. Se te digo que era nervoso!... mas gastei o dinheiro todo em mandar dizer missas, pedindo a Nossa Senhora que me concedesse tomar a ver a minha mãesinha.

A valenciana soluça como uma *dolorosa*.

Jorge beija-a como filho amantissimo.

## XXI

A Láinez já sabia que nas tardes de inverno, cinzentas e tristes, não se vendia roupa branca. Cada artigo tem a sua estação, os seus dias; até se pôde dizer que tem as suas horas, marcadas pela necessidade ou pela moda. A roupa branca fina precisa de manhãs cheias de luz, tardes primaveris. Em dias assim vende-se que dá gosto, desdobram-se as hollandas e as baptistas, caem espumosas as cataratas de cambraia, parece que se transparentam todos aquelles artigos, estremecendo de goso ao receber a luz que entra em jorros pelas vidraças. Dá gosto ver o estabelecimento em taes occasiões, nos alegres dias de primavera, quando já a folhagem fronteira com o nascente verdejar começa a envolvê-lo no tom mysterioso da esmeralda.

Aquellas alvissimas peças de rouparia rica, parece derreterem-se como a neve da Serra ao sol de maio, desfazendo-se, buliçosas e crepitantes, em torrentes de brancura. E' então que se enfileiram á porta os renques de carruagens; as caixas envernizadas resplandecem reluzentes, os arreios scintillam, os cavallos, inquietos e lustrosos, escarvam o chão, os lacaios fervilham no passeio. Celita, através das vidraças da sala, vê o agitar d'aquelle mundo desconhecido; sabe que a mãe está contente, muito contente, lá em baixo, na sua guarita, de volta sempre com uma costura eterna.

De inverno, porém, a loja jaz como inteiriçada, e todos os artigos tem de resguardar-se com precaução nos

armarios. A Láinez, acostumada a estas rotações do anno, conserva-se impassivel, serena, no seu esconderijo, atrás do biombo japonês de tres folhas, uma azul, outra vermelha, outra côr de laranja, resaltando nas tres, com violento colorido, uma flora de vermelhão, de alvaiada e de púrpura. Mais de um quarto de seculo com aquella florescencia asiatica diante da vista, e ainda a Láinez a contemplava como um jardim de sonho, como visão fantastica, sem compenetrar-se bem do que viam os olhos: animaes exóticos, vegetações marinas como ás algas que viu quando, em pequena, a levavam ao mar, ou simplesmente monstros espantosos. E, todavia, o certo era que aquellas flores extranhas a acompanhavam na sua vida monotona de costureira de roupa branca. Aquellas côres chegaram a parecer-lhe projecções da sua disposição de espirito: quando estava alegre, eram alegres, brilhavam e resplandeciam com intensas tonalidades; quando estava triste, empallideciam com matrizes mortifcos.

Havia muito tempo que estavam pallidas as flores japonezas, quando uma tarde a mãe de Jorge entrou na loja dos Láinez.

— Senta-te aqui, mulher. Ditosos olhos que te vêem!  
Vicenta sentou-se.

— Sempre uma flôr! sempre tão fresca! Parece que a vida para ti não corre... Quem é assim bonita...

O formoso rosto da valenciana purpureou-se levemente, tomou o matiz da folha côr de laranja do biombo. A loja mergulhava n'uma penumbra cinzenta. Os caixeiros immoveis eram sombras rigidas. Com aquelle ceu de chumbo não se vendia.

— Dizem-me que o Jorge está um perfeito rapaz. Tem a quem sair. Eu ainda o não vi. Filha, por aqui ainda

não appareceu... mas eu dou o desconto... ha de apparecer...

—Sim, sim, disse-me que havia de vir... disse-me que tinha que vir cá... disse-me que ainda não tinha vindo...

—Pelo amor de Deus!

—Se tu não sabes!... Que dias! Se em casa nem come! se em casa nem dorme! Eu propria quasi que o não vejo.

A ferrageira falava com animação, acaiorada, como se as palavras lhe trasbordassem do peito.

O rosto, sempre pallido, incendia-se-lhe no calor da conversa, tingindo-se de suave vermelhidão; as pupilas grandes, mais brilhantes que nunca, pretendiam irradiar alegrias por entre os olhares melancolicos.

—Que vida aquella! Não se parece nada com a do pae. E agora toda a aristocracia está empenhada em ter o busto feito por elle. As senhoras fazem fila; não tens idea, todas as tuas freguezas... a Torrearcas, a Santa Monica, a... eu sei lá! sei lá quantas!

—Sendo assim, ha de ganhar um rôr de dinheiro...

—Olha, filha, por cada cabeça dão-lhe uma chapoeirada de dinheiro; mas, deixa lá, precisa de gastar muito, muito. Vês tudo isso que ganha? Pois não lhe chëga. Tem de gastar mais, e mais, e mais; tem que montar o *atelier* em grande, sabes? para que lá vá a gente da aita, ha-de ter um *atelier* espaçoso. Agora trabalha n'um *atelier* pequeno do Paternina. Vamos comprar uma casa na *Castellana*, quer dizer um pouco mais para lá da *Castellana*, ao pé do Hippodromo, pertinho do *Cana-lillo*. Já fomos vel-a; hoje assigna-se a escriptura. Tem jardim com grade, cocheira, cavallariça.

Ao receber a noticia, a Rita Láinez olhou para a cara da amiga. Resplandecia. Pareceu-lhe uma flôr japoneza arrancada ao biombo.

N'aquelle instante a loja illuminou-se com intensa claridade. Tinham dado luz; tinham acendido os focos da rua; a loja era toda uma fragoa de ouro.

—Nós dois havemos de lá ir passar temporadas. O Jorge é que vae viver lá. Vae ter um *atelier* muito grande. Podem chegar as carruagens mesmo até á porta do *atelier*. Já vês, é como fazem os esculptores estrangeiros. Tambem vae ter carruagem. Comprou já uma de duas rodas para ir e vir. O americano está longe e sae muito caro. Ali, como ha cocheira, não custa nada. O jardim é lindo; elle diz que é pequeno, mas eu acho-o muito grande. Elle quer que eu lhe trate das flores. Que duvida! não me esqueço de que sou valenciana. Oh! as flores! Diz á Celita que vamos ter uma grande quantidade de flores. Sempre que quizerem cá flores, é mandarem-me recado. Ainda para mais, disse-lhe uma senhora, nem sei qual, filha, creio que uma duqueza, a de Casa-Nieve, sim, a de Casa-Nieve, que o rei o vae mandar chamar para lhe fazer uma cabeça, um retrato... Imagino que vocês, algum domingo de tarde, hão de lá ir ter com a gente. Depois dou-te a direcção: é conforme a gente vae subindo pelo *Canalillo* acima. Eu e o Indalecio havemos de lá ir todos os domingos. Jantamos lá, e á tarde toca para a nossa casinha. Toda a minha mania desde que saí de Valencia; um jardim pequenino carregado de flores. Não deixes de dizer á Celita. E sempre que queiram, já sabes... é mandar um recadinho. Elle tambem cá ha de vir dizel-o; disse-me que havia de vir. Elle é muito amigo de vocês; lembra-se muito de to-

dos. Veiu um pouco abatido mas já está optimo. Era tambem aquella vida lá de fóra ; uma vida tão apencionada, de tanto trabalho ! e, para mais, a tristeza de estar fóra da casa. Como não estava acostumado . . . Sempre agarrado ás minhas saias . . . Em chegando a certa idade é preciso deixal-os . . . deixal-os viver . . . sim Rita, deixal-os viver . . . E a Celita ? Já ha de ter . . . Por Deus, que não vá casar para ahi com algum dos primos da *calle del Rey*. Para herdar isto tem vocês filhos bastantes. Mas a Celita não. Merece mais, Rita, acredita que merece mais. Tão trabalhadeira ! tão boa ! Eu no teu caso procurava-lhe um rapaz que tivesse futuro ; por exemplo um bom medico, um bom advogado.

Calou o bico ; estava anhelante, fatigada. A amiga, sem dar descanso aos dedos, escutava o animado discurso olhando as flores japonezas. No fim de as mirar e remirar durante trinta annos, ainda descobria ali matizes, colorações, reflexos novos. Estranhas flores ! Pareciam luminosas, inflammadas, emquanto aos ouvidos da Láinez rangia desentoadamente, com aspereza, a promessa de outras flores da ribeira do *Canalillo*.

Vicenta poz-se em pé para despedir-se.

— Adeus, Rita. Depois dou-te a direcção. Olha, chego lá a cima n'um instante a dizel-o á Celita.

— Não, não vás. A Celita saíu.

A valenciana percebeu que a amiga mentia.

## XXII

— Mestre, mestre, noticia gorda! A historia de Sua Magestade é um facto.

— Amiguinho, amiguinho, os grandes reis são os grandes mecenas. A arte é monarchica. Á arte repugna a forma republicana. A minha patria nunca será republi cana.

— E comtudo, mestre. . .

— Visto que a noticia já é official, vamos a beber juntos um copinho de *La Campana*.

Dito isto, Paternina saiu a correr. A blusa fluctuava-lhe na carreira. Reappareceu um instante depois. A mão direita empunhava uma garrafa; a esquerda trazia dois copos. Sem largar copos nem garrafa, estacou firme, com os braços no ar, a face radiante, como de illuminado, e soltou estas palavras memoraveis :

— Inchaurrandieta, para que a arte resplandeça, dê-me um despota, um tyranno, um rei a valer.

Já brilhava nos copos um liquido côr de genebra, quando elle completou d'esta maneira o pensamento :

— Com os presidentes, com os reisetes, resplandece a industria, quando muito as mesquinhas artes industriaes. Para a grande arte, os grandes soberanos.

Os dois estão no compartimento que precede o grande *atelier* de Paternina. É saleta de descanso e escriptorio; gabinete de doces intimidades. A luz desce de uma janela alta, oblonga; luz discreta, mysteriosa, coada pela cortina azul que cae cheia de pó sobre os vidros. Na

saleta ha chaminé; uma chaminé monumental, de carvalho talhado, a cortar um canto. No lar ardem uns poucos de troncos retorcidos e um braçado de aparas. As chammas aquecem o ambiente da pequena estancia. Ao lado da chaminé ha um movel grande, pesado e estranho; tem longes de secretaria e de commoda. Em cima, muitos objectos todos bonitos, mas que perdem a graça pela accumulção. A um lado uma livraria até meia parede, como um socco. Está abarrotada, carregada de livros, e devem ser excellentes livros se correspondem dignamente á belleza e brilho das lombadas. Em frente da chaminé de carvalho talhado, uma grande othomana. É ampla como uma cama, e branda como espuma; nas costas, coxins e almofadões. Varias cadeiras de braços, com assentos fundos e costas preguiçosas, convidam, tentadoramente, ao repouso.

Jorge está quasi deitado na othomana. Paternina em pé, de costas para a chaminé. Sobre uma mesa volante, ha um monte de papeis, cadernos, revistas de arte; sobre os papeis uma capa de pó. Paternina poz ali em cima os copos e a garrafa. O esculptor velho bebe um copo; o esculptor novo não bebe. O velho torna a encher o copo. Offerece ao discipulo, dizendo-lhe:

—Brindemos pela formosa cabeça de um grãde soberano. Rendo-me de admirção diante dos grandes soberanos, os que ao *popolo* lhe parecem pequenos porque os não vê com manto da purpura e ouro, com diadema na frente, com sceptro na mão. Que difficil é ser rei! E que facil ser *popolo*!... Rendo-me ante a magestade britanica com a sua andaina de quadrados, o seu boné de pala, e as suas botas de couro amarello. Rendo-me diante da gentil Guilhermina com o seu collo de cysne

e a sua carinha de *angelo*, *l'angelo* dos pacíficos holandeses; rendo-me ante *il ré* dos belgas com a sua barba de patriarcha, e as suas amantes *bellas*, classicas, como se as arrancassem para elle das *Panatenneas*; *il ré gentil uomo*, *il ré innamorato*, *il ré del Congo*; rendo-me ante o príncipe de Monaco, *qui trova piccolo* o seu reino e se lança ao mar no seu *yacht branco* que se chama *Alice*, e a bordo do *Alice* estuda o oceano, sonda as suas profundidades. *E cosa bella* sondar os mares! O príncipe de monaco diz: o meu reino é pequenino, *ma il mare* é grande.

Calou-se um momento para humedecer os lábios com genebra. Jorge aproveitou o silencio:

—E não admira Roosevelt, mestre, habitando as matas virgens, dormindo n'uma barraca, com as suas caçadas ás feras, como soberano assyrio arrancado de um relevo de Khorsabad?

—Admiro-o: Roosevelt podia ter sido um bom monarcha da decrepita Europa. *Ma é* um presidente, e, como a sua nação é grande, não tem uma *Alice* para sondar os mares. Para ser um bom *ré* é preciso ser popular e ser solemne, ser liberal e ser tyranno, interessar-se por tudo sem se entusiasmar por cousa nenhuma, mostrar o mesmo gosto pela milicia que pela philosophia, e, sobretudo, presar, amar, amar muito o que ninguem ama: os seus semelhantes. Bebamos á saude de um grande monarcha!... *Discepolo*, és um artista, a tua obra será bella. Quando a esculpires, lembra-te, lembra-te de que, desde Asurbanipal até aos nossos dias, as grandes testas que o tempo tem respeitado são as que ostentaram corôa ou cingiram diadema.

Entreabriu-se discretamente meia porta da entrada.

Appareceu uma cabecita, com um chapéu pequenino redondo, muito gracioso, o rosto coberto por um veu muito fino. Depois appareceu o busto inteiro, todo metido em pelles. Emfim appareceu a graciosa figura de uma mulher. Era a condessinha de Casa-Nieve.

— *Avante, entrate, mia signora.*

— Ai! perdõem... fez-me medo. Ouvi o senhor Paternina falar de reis... Bem vê o senhor Paternina que, falando de reis, eu... eu não podia...

— Condessa, era um canto laudatorio; era um hymno de gloria.

— Já sabe, Paternina, que Jorge foi o escolhido?

— Pois d'ahi proveu o meu hymno. A condessa tem de compartilhar a gloria. Á condessa o devemos... Oh! não diga que não, *signora*... devemos-lh'o.

— Não, não. A arte d'elle, o talento, a fama...

— A condessa, a condessa.

— Elle, só elle.

Jorge tinha-se posto de pé junto ao lume. A condessinha sentou-se n'uma d'aquellas poltronas preguiçosas.

— Eu estava-lhe justamente a dizer que os nomes dos grandes artistas andam sempre ligados aos nomes dos grandes soberanos. Amparam-se mutuamente; vão de braço dado através da historia:

— Muito bem, muito bem dito, senhor Paternina. Por isso eu puz toda a minha alma, sabe? toda, toda a minha alma em que o nosso Inchaurrendieta fosse o escolhido. Foi necessario empregar muita astucia, artes subtis, — fique isto aqui entre nós — porque a Genovés trabalhava pelo seu artista, pelo Solano, como uma leão; mas *na casa* soube-se... soube-se...

Uma gargalhada fresca, cristalina, estalou por traz do

veusinho que cobria o rosto da condessinha de Casa-Nieve. O esculptor velho abafou aquella gargalhada com a sua, grande, sonora. O esculptor novo permanecia impassivel, recebendo calor das brasas.

—Repara-se lá muito n'estas cousas... Ha policia... policia secreta, feminina, perfumada... policia que tem as suas armas finas, finas como uma agulha... olhe, como esta agulha que entra sem se sentir, assim, assim, penetrando na carne, penetrando na alma...

E, com effeito, a Casa-Nieve, tirando o chapellino, cravou o prego que o segurava no braço da cadeira, cravou-o até á cabeça, que era uma pedra verde-mar. Tirou o veu, descobrindo o rosto que estava um pouco vermelho do lume, sacudiu n'um gesto gracioso a cabeça, e levantando-se despojou-se da romeirinha de pelles, atirando-a com donaire para uma cadeira longe. Apareceu o busto, cingido por um corpinho que não occultava as linhas graciosas, de curvas suaves. Arqueou os braços, afagando com as mãos á cintura. Todo o corpo lhe palpitou n'um leve estremecimento. Depois deixou-se cair na othomana, empilhou tres ou quatro almofadas e mergulhou n'ellas o busto.

Jorge, sem voltar-se para ella, olhando para o lume, disse:

—Não a esperava, condessa.

—Por isso vim; estou cansada, estou farta das horas fixas... nem um minuto mais, nem um minuto menos... Estou farta! Isso é bom para *casa*, mas não para a vida. Um esculptor a marcar horas fixas como um destista!... Vamos a saber... O senhor Paternina quando é que marcou horas fixas? Quando?

—Condessa, o senhor Paternina nunca se dedicou a

retratos das *bellas donnas*. Fez esculptura monumental, grandes concepções, grupos, conjunctos. Hoje a arte segue outro caminho. Tire Rodin, e do meu... já não resta nada. O proprio principe Troubetzkoy concebe pequeno, *picolo*, miudesas. *E bello mas e picolo*.

Todos guardaram silencio.

A Casa-Nieve metteu os pesitos entre almofadões; o corpo descançava na fôfa athomana. Inchaurrandieta puxou uma poltrona para a beira do lume e amesendou-se n'ella, desabotoando a caçadora, de pelucia negra; por baixo alvejava um peitilho branco com iniciaes vermelhas. A gravata, formava laço debaixo da barba setinosa; o rosto recebia a reverberação vermelha das brasas. Os olhos, verdes e frios, fixaram-se com expressão penetrante, dominadora, nos da Casa-Nieve, que faisca-vam na sombra ao canto da othomana.

Paternina saiu um momento e voltou logo com um copinho limpo, de cristal purissimo. Encheu-o de genebra.

— Para V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>; condessa — disse, pondo-o sobre os papeis cobertos de pó. Aqui vejo que se descança, que se mandreia. *Io laboro... Discepolo... Condessa... Io laboro*.

Saiu da sala; fechou a porta. Percebeu-se que a fechava deveras.

### XXIII

De um salto a Casa-Nieve poz-se em pé, perfilada deante de Inchaurrandieta.

— És um indecente! Não vales nada!

Jorge endireitou o busto; sobre a face vermelha, luzia o olhar frio, de aço.

—Se torno a saber nem tanto como isto... nem tanto como isto, ouves? da Ronquillo, mato-te, palavra, mato te. Ou faço com que te matem. Faço correr a voz, digo ao marido.

Jorge encolheu os hombros. Entre os dentes finos ressoou uma exclamação bravia; depois cuspiu para as brasas da chaminé.

—Ouviste?... e então? Que dizes... Jorge, tu o que dizes?

—Pffe!... Que hei de dizer? Que sim, que és uma mulher má, capaz de o dizer.

—Gostas d'elia?

A Casa-Nieve, sem dar tempo a que Jorge respondesse, pegou na garrafa e, brandindo-a, repetiu a pergunta:

—Tu gostas d'ella?

Jorge poz-se em pé e, levando a mão á algibeira da caçadora, puxou um revolver pequenino, delgado, lustroso. A mão do artista acariciava a cronha de marfim.

—Se atiras, mato-te.

A Casa-Nieve largou a garrafa e deixou-se cair ao pé do lume, sentado no chão, cobrindo o rosto com as duas mãos abertas e dizendo em tom de desespero;

—A culpa é minha... Quem me manda a mim?... Filho de ferreiros!

Jorge tornou a sentar-se. O que pretendeu ser feroz insulto não lhe fez massa. Conservou-se placido, tranquillo. Olhava a sorrir para a Casa-Nieve; olhava-a com arrogancia de senhor. Ella, com o rosto entre as mãos, percebia que a olhavam.

—Manola... Manolita, não sejas parva... Vê, estava descarregado... olha.—E, ao dizel-o, atirava o revol-

ver para o regaço da Casa-Nieva, que, pegando-lhe, o examinou ainda assustada.

—Onde compraste isto ?

—Não comprei ; foi roubado. Se eu te contasse a historia . . .

—Faço idéa ! Ladrão é que tu és, larapio, patife, trante, escuta, escuta . . .

Sentou-se nos joelhos de Inchaurrendieta, prendeu nos braços e pescoço do artista, e ao ouvido disse-lhe palavras vagas, vãs de sentido, mas cheias de mimo infantil, tremulas, candentes.

Soltou os braços para tomar entre as mãos a cabeça de Jorge, afagando-lhe as suaves madeixas, douradas, setinosas. Beijou-lh'as ; beijou-lhe a testa, depois a barba.

—Jorge ! Jorge ! . . . Que loucura ! Não é verdade ? . . . Amo-te . . . *Io l'amo*, como diria o Paternina . . . Que loucura ! . . . Proposito, muito proposito, e vamos ao busto. Tenho que trazer cá o meu marido para o vêr. Queres ? . . . Sabes que vão fechar as Côrtes ? Hoje almoçámos juntos e disse-m'o elle. Estava maçadissimo porque vae terminar a legislatura . . . Em tambem fiquei desesperada. Se fecham, tambem nós temos de fechar . . . Meu Jorge, dar por terminada a legislatura ? Ficámos ambos furiosos . . . Ouve lá, canteiro de má morte. Convinha-te fazer o busto do Presidente ? . . . Não tenho mais que é dizel-o ao meu marido . . . Queres, queres ? . . . Não ? . . . Pois então vamos ao meu ; espera, vou decotar-me, *vestir-me* de modelo ; tirando isto . . . prompto.

Ficaram nus os hombros, os braços, o peito, nudezas brancas, que os reflexos do lume tingiam de um roseo suave.

Por cima do espartilho lilás, transbordavam rendas

em espumante labyrintho. Era uma onda branca que estremecia ao ritmo do seio.

Jorge beijou aquella carne nivea, rosada, sentindo-a estremecer, tremer ao contacto dos seus labios. Manolita, estendendo um braço, conseguiu chegar ao copo da genebra e applicou-lhe as bordas aos labios que a beijavam. Depois chegou os seus, humedeceu-os com o licor ardenté. Inclinou a cabeça sobre o hombro de Jorge e com os labios humidos beijou-lhe o pescoço, longamente, com arrebatamento.

Jorge apalpou as rendas que trasbordavam do seio nu, palpitante, bello.

—A minha Manolita veste do fino... Has-de querer que eu faça isto no marmore... Tu imaginas que o marmore é espuma?

—Sim. Quero. Cortas o busto por aqui. São lindas, não é verdade? Pois são da casa Lainez, menino, dos teus amigos.

—Tu sabes lá!

—Sei, sei, meu ferreiro... feio... São do ninho da tua pombinha branca... Vês? Tudo se sabe.

—Cala-te lá.

—A tua pombinha... os teus amorinhos de estudante. Como se chama ella? Dize, anda; como se chama? Não; tenho lá ciumes! Coitadinha! D'essa não tenho eu ciumes. Como se chama?... Como se chamava?... Queres apostar que adivinho? Pascuala, como o pae... Parvo! Se estou farta de o saber! Disse-me o Paternina: chama-se... chama-se... Celita.

—Larga, deixa, não sejas bruta. Levanta-te que me fazes doer. Que bruta! Se tornares a puxar-me pela barba, lévas uma bofetada.

## XXIV

Indalecio Inchaurreandieta, com os pés mettidos n'uns grandes tamancos, regava as begonias. Para resguardar-se dos ardores do sol tinha um grande chapelão de palha de abas muito largas. Vicenta, tambem com a cabeça coberta por chapéu de palha, espontava a murta á tesoura.

—Vicenta, Vicenta, anda cá. Vê como cresceram de domingo para cá.

—Espera, homem, que esta murta vae estando alta de mais.

Ouvia-se cair sobre as folhas a chuva do regador; ouviam-se as tesouradas na murta viçosa.

—Quem diria que ha oito dias a esponteí!

—E quem diria que ha oito dias estas bigonias quasi se não viam.

Quando se despejava um regador, o proprio Indalecio ia buscar outro, punha-o por baixo do tubo, e anhelante, em bagas de suor, dava á bomba.

Inchaurreandieta estava em mangas de camisa. O rosto, ensombrado pelas abas do chapéu, era uma brasa. Tirava o chapéu, enchugava a testa, tomava a derramar sobre as plantas a agua fresca encharcando os tamancos. Vicenta sem nenhuma azafama, serenamente, espontava a murta.

Os dois guardavam silencio. Entregavam-se cada qual á sua faina. O sol de maio aquecia o ambiente e a terra sedenta recebia o jorro do regador, chupando ávida a agua. Era perto do meio dia.

Uma paz campesina rodeava o jardim, pairava sobre elle na atmosphera azul, profunda, quente.

No chão esbranquiçado caíam a prumo as sombras duras, intensas das acacias, dos castanheiros da India, das fotínias.

N'um angulo, ao pé da bomba, havia dois ciprestes. Estes ciprestes a par eram como agulhas de uma cathedral; com a ponta aguda fendiam o ar. Eram ambos muito altos, mas um excedia a ponta do outro e era mais afilado, mais languido, mais triste. Sobretudo á tarde o mais alto era mais triste. Passava além da folhagem do jardim, além da espessura dos jardins marginaes do canal, além das lombas visinhas.

Aquella sombra ponteaguda recortava-se negra, austera; áquella hora a luz crepuscular acariciava-o suave e meiga com o seu palido matiz. Quando já todo o jardim, a casa, a grade florida era uma massa de sombra densa, sobresaía aguda a ponta d'aquelle cipreste negro, triste, no meio das estrellas que começavam a pestanejar tremulas, brilhantes.

—Indalecio! Indalecio! Não tires mais agua.

Arreda-te d'essa soleira. Indalecio! vaes apanhar alguma malina.

Ella lá continuava de tesoura em punho sobre a frescura olorosa das acacias. Elle tirava ainda uma pouca de agua, ultima rega d'aquelle dia.

—O ultimo, Vicenta. O ultimo regador.

Cançado, coxeando, derramava-o em chuva sobre as plantas que a recebiam, ensopando-se, com as folhas a brilharem. Toda a atmosphera do jardim, o ar azul, um pouco ennevoado, parecia sorver aquella frescura da agua sobre a terra, e um hausto de balsâmica humidade evo-

lava-se do sol impregnando a copa frondosa das acacias, dos castanheiros da India, das amoreiras, das amendoeiras.

A fachada da casa é um muro gretado, escalavrado, e, apesar de tudo, é uma graciosa fachada, coberta de flores, de rosas amarellas que brotam sobre a porta, junto ás janellas, até ao telhado em cachos espessos. Estes cachos desfolham-se com um sopro de brisa; as pétalas voam esparsas em torno ás janellas, como no jardim. A's vezes entram em remoinho pela casa e caem sobre os moveis.

O ferrageiro pendura aos hombros o casaco, limpa outra vez o rosto, puxa o cachimbo, carrega-o, accende-o.

A ferrageira alinha implacavel as murtas, buscando a sombra das acacias.

Um silencio profundo, uma placida quietação paira sobre todas as cousas e o sol dardeja com luz intensa; o jardim, a casa, os ciprestes, as lombas fronteiras, mergulham, banham-se na atmosphera azul e luminosa. Ouve-se um carro a rodar lentamente na estrada, passa roçando pelos madre-silvas, pelas ramas bravias que se enroscam aos varões de ferro e continua a sua marcha repousada. A grandes intervallos ouve-se uma canção monotonica que vem de um jardim proximo; a canção surge somnolenta e dissipa-se sem acabar, esbatida, vaga. De quando em quando fende o ar um estalido de grade que se abre e fecha. Ouvem-se pancadas seccas como enchadadas; alguém que nas hortas ribeirinhas abre a terra com labor preguiçoso. A folhagem das arvores, tranquilla, embebe-se em sol, transparenta os ramos, recebe o perfume quente que exalam os heliotropios, as

verbenas, os cravos, as madresilvas que trepam e se entrecem nos varões da grade.

A um lado recorta-se o perfil da cidade em linhas rígidas; esboços de torres, de cupulas, de campánarios pontegudos, esfumados na diaphaneidade da distancia. Ao outro lado a linha sinuosa da serra, os picos, os cumes, as ondulações azuladas do Guadarrama, confusas no horisonte esbranquiçado.

Ouvem-se nos jardins proximos arrulhos de pombas. Um relógio de torre dá doze badaladas que soam cristalinas, agudas. Torna o silencio.

Indalecio e Vicenta sentam-se á mesa do jantar. Estão sós os dois, n'uma casa de jantar pequena com janella sobre o jardim. Entra o ar quente e um perfume tambem quente. Niceta, a mulher do jardineiro, vae-lhes pondo na mesa os pratos. Comem calados. Quando acabam de comer trocam algumas palavras. O ferrajeiro fala da ferraria; a valenciana fala do jardim. A sombra das arvores vela a salinha de jantar e dá-lhe frescura. A conversa dos ferrajeiros é languida, cortada e somnolenta; adormecem ambos no quarto sombrio e fresco. Ouvem-se mais claros os arrulhos das pombas; a canção piangente torna a reboar no espaço, a perder-se em notas vagas.

A bomba chia. Indalecio acordá, endireita-se, sae ao jardim, vê que o jardineiro, o Niceto, dá á bomba e tira agua. A frescura da tarde começa a chegar da serra em rajadas suaves que cheiram a tomilho. A folhagem das acacias sacode a verde guedelha. Soam alegres as notas de um piano e os rumores de gente domingueira que passeia na borda do canal.

## XXV

A sineta da porta badala um momento; Indalecio espreita através das arvores; Vicenta vae vêr pela janella da salinha de jantar. São os senhores Krasewski, os da casa ao lado, dois velhinhos altos, seccos, enxutos. Vem todos os domingos cavaquear com os visinhos. Demoram-se uma hora, cavaqueiam risonhos, e depois vão para outro jardim, sempre com o cavaco na ponta da lingua. Elle é um desterrado da Polonia, ella é da Bretanha; mas ambos são já bons hespanhoes e vivem risonhos, satisfeitos, ao sol de Castella que lhes aquece a velhice palradora e risonha. A nostalgia da patria perdida só refulge de vez em quando no olhar. O senhor Krasewski costuma falar da Polonia, e então sim, lembra-a com palavra triste, phrase lenta, de funda melancholia. Ao falar d'ella os seus olhos fusilam, até parecem humidos. Mas então a bretã atalha-o, mostrando-lhe o sol com o indicador:

— Nicolausinho, terias um sol tão lindo na tua Polonia?

Nicolau levanta os olhos para o sol de Hespanha, parece dirigir-lhe uma prece muda e, ao baixal-os á terra, o mesmo calor do sol os enxugou. Scintillam risonhos.

Krasewski é um amavel professor de piano. Educou musicalmente uma geração de meninas madrilenas; introduziu em Hespanha o gosto das *polonesas*, que substituiram com muita vantagem os *nocturnos*, como os *nocturnos* substituiram com a sua chorosa melancholia as *mazurkas* de sala e as *polkas* repenicadas. E pensar que

tudo isso veiu da Polonia! Na aclimação da *polonesa* Nicolau Krasewski teve que sustentar lucta furiosa com a *fantasia*, genero francez que alcançou voga ephemera e que depressa foi entregue ás mãos languidas de meninas simplorias. Começaram por então a vir os grandes, os surprehendentes concertistas de piano, e, como o mais estrondoso do seu repertorio eram as grandes e surprehendentes *polonesas* de concerto, aquelles senhores graves e gadelhudos propiciaram o triumpho do senhor Krasewski, e a *fantasia* ficou derrotada, quasi envilecida. Foram dias de gloria para o pobre desterrado. A toda a hora os ouvidos regalavam-se-lhe com o nostalgico rumor dos echos patrioticos. Parecia que Castella inteira estava gemendo pela Polonia.

Os Inchaurrendieta recebiam com amavel agasalho os Krasewski. O exotico das suas pessoas impressionava sem duvida os ferrageiros. Sentavam-se no jardim, falavam de flores, falavam de musica; a bretã falava ás vezes da sua patria. D. Indalecio costumava falar-lhes da ferraria; os Krazewski escutavam-no risonhos, como se o trafico do ferro fosse do maior interesse para um professor de piano. D. Nicolau a tudo respondia com uma exclamação.

Krazewski e a consorte olhavam-se de quando em quando com olhar amoroso; então Vicenta e D. Indalecio entreolhavam-se tambem.

—D. Nicolau, o senhor um dia deve lá chegar a vêr aquillo — dizia Inchaurrendieta — verá o que é ferro, D. Nicolau.

Tratava-o sempre pelo nome de baptismo; nunca pelo appellido. D. Nicolau sempre tratou o ferrageiro pelo appellido.

—Hei de ir, senhor Inchaurrendieta. Hei de ter muito gosto em ver o ferro. E' muito curioso. Agora dou lição ás duas filhas mais velhas de um senhor rico que tem minas de ferro. A maiorzita chegará a tocar alguma cousa; a mais pequenita nunca ha de tocar nada. O pae é grande *aficionado*; é biscainho e todos os biscainhos são *aficionados*. E' muito curioso; parece que ha alguma cousa, qualquer cousa, entre a musica e o ferro. O senhor é biscainho, Inchaurrendieta; o senhor tem commercio de ferro; o senhor deve ser *aficionado*; tem que ouvir alguma cousa para saber se é *aficionado*. O seu filho é grandissimo *aficionado*. Ha duas noutes entrou elle a tomar café comigo e depois tocámos; tocou a minha mulher; eu não toco; as lições aniquillam-me; eu não toco nunca. Aqui, em familia como estamos, ainda me atrevo a dizel-o; aborrece-me a musica, e creio que aborrece a todos os grandes musicos, como aos confeiteiros o doce. Nós cá preparamos a musica e officiamos de musicos; somos os sacrificiões na igreja da arte. O que esculpe um santo perde a fé no santo; eu que tenho esculpido tantas meninas pianistas, perdi a fé na musica e nas meninas. Isto digo-o aqui em familia, e aos senhores, que não têm meninas.

—Têm um filho—protestou a mulher do professor de piano—é um filho que é uma flor; sim, senhora, que perfeito rapaz! Que amavel! Que bom! Que encanto de filho, senhores! Eu e meu marido temos-lhe tomado uma afeição! Que encanto de rapaz! Chama-nos avósinhos. Tambem nos tem tomado um amor! uma cousa por ahi além!... Avósinhos! Nós tambem tivemos uma filha...

—Da Polonia?—perguntou a valenciana.

— Não, senhora. D'aqui; da propria ribeira do *Cana-lillo*. Ah! senhora! Se vivesse a minha filha!...

Krazewski olhou para o ceu, para o sol de Hespanha. Lembrava-se sem duvida da Polonia, porque tinha os olhos humidos.

— Se vivesse a Telva! Chamavamos-lhe Telva... Acompanhava-me ás lições. Não senhora; eu não dou lições; mas sempre acompanho o Nicolau, e a mim ficava a Telva a acompanhar-me. Acompanho-o sempre; é o meu dever: ser sua companheira dedicada. Deixo-o á porta das casas e eu passo a hora em qualquer parte, de qualquer modo. Se ha perto alguma praça, vou e sento-me; tiro o meu livro do sacco e leio. Se está perto o *Retiro*, vou ver os cysnes, levo pão no sacco e passo a horasinha atirando-lhes migalhas. A Telva gostava tanto de deitar migalhas aos cysnes! Tivemos uma lição perto da praça de Santa Anna, que foi as minhas delicias; desde então sou amiga de todos os passarinhos. O que eu gosei com aquella lição! Havendo perto uma igreja, ouço missa, sigo uma novena... o que sae. Para isso trago o livro no sacco. Se ha perto um cafésinho, entro, metto-me n'um canto e almoço... merendo... o que calha; tiro o trabalho do sacco e... uma horasita dá-lhe que dá-lhe... Uma lição tivemos na mesmissima praça do Oriente... Sim senhora. O Nicolau dava lição ás duas pequenas; das dez ás onze; eu, entretanto, via render a guarda. Durou pouco; mudaram a hora por causa das trombetas. Agora temos poucas lições; já estamos velhos, cansados. Já só filhas das nossas discipulas. Dentro de pouco vamos ter netas. Algumas chegavam á janela para me ver. Sabiam pelo Nicolau... E falavam-me. «Adeus, D. Jacoba!» E na lição seguinte

diziam ao Nicolau : «Sr. Krazewski, que feliz que é! que mulher lhe deu o céu!»—Quando morreu a Telva, mandaram-nos corôas, mandaram-nos flôres... algumas até choraram. Passados oito dias continuamos as lições; aqui mettidos sósinhos morriamos de desgosto... Era uma tristeza o *Canalillo*!... Trabalhâmos. N'aquelle anno... n'aquelle anno, quanto pão levei eu aos cysnes do *Retiro*!

Houve um silencio longo. Todos olhavam para o poente, onde o sol ia caindo, grande, vermelho. Os Krazewski levantaram-se; despediram-se. Os Inchaurreandieta acompanharam-nos até á porda do jardim. Ao abrir a meia porta, a sineta repicou tremula; ao fechar repicou outra vez n'uma vibração aguda, como um queixume no silencio da tarde.

Os ferrageiros metteram-se pelo jardim dentro. Todo o jardim estava illuminado pelo crepusculo vermelho. Os raios do sol, baixos, rasteiros, passavam roçando os troncos, poliam os passeios tingindo-os de vermelho, pintavam as murtas com matizes ardentes. Uma atmosphera de ouro resplandecia rés-vés do chão. Da ramaria das acacias, das amoreiras, das amendoeiras, descia a penumbra; o chão, acceso pelo brazeiro do poente era o rescaldo de um dia ardente; sobre elle caia a cinza, a sombra do crepusculo. Nas ramas dos castanheiros da India piavam bandos de passaros. Fendia os ares o aspero chiar da bomba. As roseiras da fachadà, com o peso dos cachos de flor, curvavam-se para o chão, embeben<sup>o</sup>-se na atmosphera de fogo. As janellas, abertas, eram caixilhos negros, tristes, temerosos. A cimalha, saliente, ensombrava a parede; do *Canallilo* vinha um rumor surdo de agua que corre represada; exhalavam-se das

flores aromas penetrantes e da terra um halito quente e humido.

Vicenta dirigiu-se para a bomba como se aquelle chiar agudo a attrahisse, a chamasse.

— Niceto, dize á Niceta que nos fomos embora. Até domingo. Ao senhor Jorge que voltamos domingo.

Cessou o chiar da bomba; parecia que tinha emmüdecido todo o jardim. O Niceto, sem largar a manivela, tambem estava mudo; com os olhitos muito abertos, olhava para a senhora. A senhora olhava para o Niceto.

— Querem o carro? posso chegar a levá-los até ao americano.

— Nada. Vamos de vagarinho; aos poucos.

O Niceto poz-se a dar á bomba que logo soltou o costumado gemido.

— Não tarda nada que não esteja de volta.

— Quem?

— A Niceta.

— Não esperamos. Vamos devagarinho; aos poucos. Voltamos domingo.

Tilintava a sineta da porta. Os ferrageiros saíram para a estrada; Vicenta levava uma braçada de flores. Ao principio caminharam em silencio; a estrada estava cheia de pó; aos lados verdejavam campos de trigo; pela frente viam a linha negra da cidade sobre o ceu vermelho; scintillavam luzinhas; umas encarnadas, outras pallidas. Da linha negra sobresaíam as torres ponteagudas, recortados no ceu de carmim. Indalecio disse qualquer cousa a Vicenta; era cousa de casa, da ferraria. Vicenta disse tambem qualquer cousa da filha que tinha morrido aos Krazewski.

Iam ao longo da valla do Hippodromo; cruzavam-se

com gente que ia para o *Canallilo*. Passou um homem n'um cavalicoque; depois uma carrocita que ia muito devagar; o carreiro cantarolava. Os Inchaurrandietas caminhavam sem pressa. Indalecio disse que pela manhãzinha, muito cedo, devia chegar o carro de Miraflores, e tinham que dar volta a meia loja. Vicenta ouvia-o falar do carro serrano a pensava na filha dos Krazewski.

— Tu dirás o que quizeres, Indalecio; mas eu gostava de que a Telva fosse viva.

Indalecio olhou perplexo para a valenciana; parou a olhar para eila. Vicenta parou tambem e voltou o rosto para o *Canallilo*. Sobre os cerros escuros, recortava-se a serra angulosa no horizonte diaphano; sobre o azul da serra recortava-se um cypreste altissimo, ponteagudo.

## XXVI

Na manhã seguinte, o Niceto enchia regadores ao jorro da bomba e, com as pernas cambas de gotoso, acarretava-os através do jardim para despejal-os nos alegretes. Ia e vinha com preguiçosa lentidão, com passo arrastado. As flores molhadas como que rebentavam e abriam com a frescura da rega matutina. Todo o jardim resplandecia, humido, a escorrer. A luz da manhã era de brancura deslumbrante. Ouvia-se no arvoredo do *Canallilo* o pipilar dos passaros.

O Niceto, com o regador a trasbordar de agua, passou junto a um banco.

— Isto que diacho é?

Pousou no chão o regador e estendeu as manoplas para

um chapellino de palha com violetas de panno que estava em cima d'um banco de madeira. No chão um par de luvas.

—Diacho!—repetiu o Niceto, esfregando as manoplas humidas nas calças. Depois de bem esfregadas e enxutas não se atreveu a tocar n'aquillo. Contentou-se com puxar a cigarreira, tirar tabaco, enrolar um cigarro, pô-la na bocca; e, sem o accender, tornou a empunhar o regador e murmurou em tom roufenho, entre dentes:

—Anda p'a diante, Iceto... E' que aportou o patrão... Boa vae ella! Diacho!

Y, manco, com as suas pernas cambadas, o velho *Iceto* continuou a regar. Despejado um regador, pô-o no chão. Accendeu o cigarro e puxou uma fumaça.

—Boa vae ella, boa! As mulheres! O femeaço!... Eu cá, femeas... femeas... mulherio... Anda p'a diante, Iceto.

Com o regedor vasio voltou á bomba; deu-lhe quatro ou cinco avançadas. Depois largou-a para accender outra vez o cigarro.

—Eu não digo só de agora; já d'antes... Diacho!... Apanha-se uma?... bom. Não se apanha?... bom, tambem. Nem agora nem d'antes... Talqualmente... Por esta cruz...

Com o pollegar e o indicador da mão direita fez uma cruz, com o polgar e o indicador da esquerda tirou o cigarro da bocca, applicou á cruz os labios e beijou forte, com ruido. Depois pôz-se desenfastiadamente a dar á bomba.

Estava n'isso quando de repente se abriu o portão grande do *atelier* de Inchaurreandieta. No umbral apresentou-se sorrindo a Casa-Nieve; os olhos abriram-se-lhe

muito, como para abarcar toda a belleza do jardim. A sua voz fresca entoou o hymno wagneriano á primavera; os passaros entre a folhagem faziam cõro.

Do jardim visinho chegavam notas de um piano, a caricia melodiosa de uma poloneza.

A Casa-Nieve interrompeu o hymno e chamou Jorge que estava no *atelier*.

—Jorge... que linda manhã! Hoje não se trabalha, sabes?... Ficas sem modelõ... não me fales em bustõs... Que manhã!

Jorge appareceu por trás do aristocratico modelo; estava já de blusa, prompto pna a tarefa.

—Menina... por este andar chegaremos a fazer desconfiar o teu marido.

—Não está em Madrid, descança.

—Onde?

—Foram caçar patos ás lagoas de Fonsagrada... Patinhos, sabes? patinhos. Como tu tens o jardim! Está melhor que o meu; tens o primeiro jardineiro... Appetece-me uma cousa... Jorge, uma cousa; queres?... Sair até ao *Canalillo*... correr por esses cerros... correremos ambos como dois cabritos... atirar-me ao *Canalillo* como um patinho...

—E que te cace?

—Que parvo!

Deitou a correr pelo jardim. Jorge, sem se mover, chamou-a.

—Louca, louca... patinho, já aqui.

A Casa-Nieve estava junto á portinha que abria para a ribeira.

—Adeus! Adeus, britador! Fujo, escapo-me para o canal, atiro-me á agua, suicido-me.

Jorge foi ter com ella. Ella soltou uma gargalhada, que retiniu no jardim como um gorgeio.

— Não sejas louca. Póde passar alguém... Podem ver-nos.

— E que vejam! E' boa! Como se os modelos não descançassem!... Os visinhos é que nos hão de ver... Que visinhos tens tu?

— Olha, aqui á direita dois velinhos que são muito meus amigos. Sobretudo ella... filha, sempre *ella, ella*. São deliciosos, adoraveis. São estrangeiros. Chamam-se Krasweski. Gostas do nome?

— Krasweski! Krasweski?... o Nicolausinho?

— O Nicolausinho.

— Filho... E' o meu mestre de piano... D. Nicolau, D. Jacoba.

— Os mesmíssimos. Sou seu neto adoptivo.

— Pois menino, parabens, porque ali onde os vêes são muito ricos, riquíssimos. Têm feito uma fortuna com as *polonezas*. Tem um tanto por cento por cada *poloneza* que entra em Hespanha... Anda, vamos.

Abriu a portinha e saiu para o canal. Á beira das aguas escuras, poz-se a contemplar n'ellas o reflexo da sua imagem. O vestido de piqué branco traçou como uma claridade na corrente esverdeada; ao lado, outro reflexo tambem branco da blusa do artista. O sitio estava deserto. Jorge disse ao modelo:

— Vê, Manolita, repara: as nossas imagens brancas a reflectir-se na nossa consciencia negra.

— Ave Maria Purissima! Que vulgaridade! Merecias estar a caçar patos... Espera... vou mas é descaçar-me; tenho uma vontade de metter ali as patinhas! metter o pé na nossa consciencia... Ha de

estar mais frio, mais frio! Desata-me este atacador. Tem um nó.

— Não sejas louca... Basta... Não consinto... Podem vir... Pode fazer-te mal.

— As patinhas; mais nada. Como as *galatheas*. Eu quero ser uma *galathea* que se banha nos arroios e corre pelos prados. Ai, meu Jorge! Estas manhãs de primavera manda-os Deus para nos banharmos no *Canalillo* e retouçarmos nos prados.

A Condessinha estava descalça. Ao sentir na planta do pé a frescura da areia estremeceu n'um goso voluptuoso. Dava saltos de alegria. Olhava com deleite as bombas fronteiras, esmaltadas de flores silvestres. Com os olhos a brilharem de um riso fresco, tentador, convidou Jorge a transpôr a pontesinha proxima, a passar á outra margem e mergulhar os pés descalços n'aquelle matagal viçoso, macio.

A face de Jorge enturvou-se, um tanto carrancuda. N'um d'aquelles prados pastavam borregos. A' borda do canal passou um mendigo velho, de grandes melenas com um sacco sujo, gurdurento, ao hombro. O mendigo passou de largo, sem pedir esmoia. Ao vel-o passar, Manolita approximou-se de Jorge. Viu-o afastar-se ribeiro abaixo. Então tomou as mãos do amante nas suas:

— Anda, Jorgesinho; vem comigo. Sejamos artistas; façamos arte nós mesmos. Não me fales em imitações de granito, em estatuas, em pataratices... As estatuas para os cemiterios, para os pantheons; para nós a vida... A vida! Vem; anda, vem comigo. Vamos fazer de pastores d'aquelles borregos; vamos deitar-nos n'aquelle Prado. Anda, não sejas tu civilisado... Deixa-te de at-

lier... Deixa-te d'isso... Anda, vamos... Sim, meu Jorge, sim...

Jorge pegou no calçado da condessinha.

— Juízo, Manolita, ou ficas ahi descalça.

— Ora vejam o artista! Depois has-de vir dizer-me que adoras a natureza... Tu?... Tu, a natureza!... Olha para ella, parvo. Não a estás vendo?

No jardim visinho abriu-se uma portinha pequena como uma fresta. N'ella appareceu D. Jacoba.

## XXVII

D. Jacoba vestia saia preta e penteador branco. O penteador pendia-lhe com muita roda, quasi com magestade, sobre a saia. As mangas perdidas deixavam a descoberto os seus braços de velha, seccos, engelhados. A senhora Krazewski estava, como de costume, muito penteada e brunida; o seu rosto sorria com a caricia da primavera.

Os visinhos complimentaram-se. A condessa, descalça, ficou perplexa, procurando occultar os pésinhos debaixo da saia. Entretanto, Jorge approximou-se da visinha. Pareciam-lhe indispensaveis umas summarias explicações. Ainda tinha na mão as lindas botinhas e as meias de seda.

— E' o modelo; uma senhora... Coitada! ia caindo n'agua... Não ouviu os gritos? Talvez a D. Jacoba estivesse a tocar piano. Eu estava no *atelier* e vim logo a correr. Sáfa, que susto!... Condessa! Venha cá; estou contando a esta senhora que por pouco não ia caindo n'agua... Venha, que já estão seccas as botas.

— Ah! a nossa discipulasinha!

—Ah! a minha querida D. Jacoba...

Houve um momento de terna effusão, simples, patriarcal.

—Entrem; entre, Manolita. Desculpe, para mim ha de ser sempre a Manolita... Não faltava mais nada; entrem, entrem... Venha ao meu toucador; nunca tão honrado... Mas que susto!... E como foi? Dê cá essas meias. Vamos pol-as a seccar... Veja lá... a mim quer-me parecer que ainda estão um pouco humidas... Lá as botas completamente seccas... Ora sempre esta Manolita... A Manolita! Sempre assim foi a Manolita; mas já linda, linda, linda; a mais bonita das nossas discipulas. O Nicolau queria-lhe mais! tinha-lhe tomado um carinho por ahi além... Eu tambem lhe tinha tomado um carinho!... Ainda me lembro... E tambem o Nicolau se lembra... Ainda tenho umas poucochinhas de violetas... da corôa de violetas que a Manolita nos mandou para a Telva, para a minha filha... O Nicolau vae ter uma surpresa! Logo vamos ter com elle; agora está a trabalhar. Sabe, Jorge, que o Krazewski sempre se resolveu afinal a escrever as suas memorias! As memorias de um artista expatriado... Pobre Nicolau! E graças ás lindas discipulas que lhe alegraram a vida triste... A sua triste vida! Em quanto elle está a trabalhar nas suas memorias, eu toco polonezas ao piano. Escreve a ouvil-as; acalentam-no. Pobre Nicolau-sinho!

Estavamos já dentro do jardim da D. Jacoba; aquelle jardim era uma matta de flores. Tudo eram flores abertas, de tons quentes, de matizes vigorosos. Um jardim sem arvores que ensombrassém os alegretes nem estorvassem a vista do ceu.

— Sim, sim, Manolita, muitas flores. E' do que mais gostamos, eu e o Nicolau; das flores de Hespanha e do ceu... Olhe-me para este ceu!

Todos tres olharam ao mesmo tempo para o ceu. Depois todos tres olharam uns para os outros. Todos tres sorriram, mas a velhinha era a mais risonha.

Subiram quatro degraus de marmore branco, guarnecidos por dupla fileira de vasos. D. Jacoba levou-os para a salinha de jantar. Ali, tomando a Casa-Nieve pela mão:

— Pobre Manolita!... Descalça! Espere ahi... Em quanto as meias seccam vou lhe buscar umas chinelas. Espere ahi.

— Não, minha senhora, não. Já devem estar seccas...

— A humidade nos pés é muito má. Depressa. Espere, espere... as minhas chinellas.

A senhora Krazewski saiu da casa do jantar, que era um quarto forrado de cretone cõr de palha, com grandes ramos vermelhos e azulados. Nas janellas e nas portas cortinados da mesma fazenda. Na mesa havia flôres, uma cafeteira, uma chavena de porcelana e um assucareiro. O ambiente estava perfumado pelo aroma do café.

Apenas a Krazewski saíu, Jorge e Manola aproximaram-se. Ella, descalça, andava em bicos de pés com medo de se magoar.

— Sempre esta!

— Não te dizia eu?

— Pois olha, ainda bem! Estou-divertidissima.

— Vaes apanhar uma constipação mestra. Senta-te aqui.

A' força, Jorge sentou a amante n'uma poltrona, tambem forrada de cretone. A Casa-Nieve, já sentada, arregaçou as saias quasi até aos joelhos; estendeu no ar as

pernas nuas, brancas, niveas, nacaradas. Tingia-lhe os pés um suave colorido. Movia-os inquieta, agitava-os delectada; eram como pombas a bater as asas.

—Olha para elles, anda... gosa esta vista... Não estás encantado? Caras bonitas ha poucas, mas sempre ha algumas... Agora pésinhos!... Jorge, como estes, nenhum, nenhum... Quer-los para modelo?

De repente as pombas desappareceram; aninharam-se debaixo da asa; metteram-se timidias debaixo da saia.

D. Jacoba appareceu com um par de pantufas na mão. Todos soltaram uma alegre gargalhada.

A senhora Krasewski cortou aquellas risadas juvenis pondo o indicador nos labios.

—Psch!... silencio, pouca bulha... Psch! O pobre Nicolausinho está a trabalhar nas memorias... Calce-se, Manolita.

Manolita calçou-se no meio de grandes risadas.

—Mas D. Jacoba... se me estão curtissimas!

—Ah!... E' que eu tambem... tambem tive o pé pequeno... pequenino... pequenino.

Dizendo isto, D. Jacoba arregaçou um pouco a saia preta, e mostrou os pésinhos, mostrou o principio da perna delgada, com uns tregeitos de coquettismo juvenil, de pudica garridice.

—E' para que vejam... pequeninos... pequeninos...

## XXVIII

As segundas feiras são dias muito tristes para a ferra-geira. Lembra-se do seu jardim do *Canalillo*, e das ruas de murta que deixou meio tosquiadas ao domingo e que

ha de continuar a tosquiar no domingo seguinte e no outro.

Um domingo levou a tesoura grande á ferraria para lh'a afiarem. Afiada havia de tosquiar melhor a murta indomavel, bravia.

Vicenta passa a segunda feira mettida pelos cantos mais escuros da sua masmorra. Sente uma tristeza inquieta; tem as palpebras doridas; cerram-se-lhe pesadas á luz fraca depois de um dia de luz deslumbradora. De bom grado as deixaria fecharem-se, para adormecer, para mergulhar no somno durante aquellas horas tristes. Mas a tristeza não a deixa dormir; uma agitação de tempestade excita-a, põe-na em movimento; e para aplacar aquella inquietação, afadiga-se nos trabalhos domesticos. Ás vezes, afadigada, canta. É um cantar inconsciente. Os caixeiros na loja ouvem-na cantar; olham uns para os outros, parecendo perguntar-se: E' a D. Vicenta que está a cantar? Porque estará a cantar a D. Vicenta?

Passada a segunda feira volta a calma tranquillidade, uma tristeza mansa um tanto oppressiva. Esta tristeza pacifica, suave, enche completamente as terças-feiras. As terças-feiras são sempre dias de muito somno para a valenciana. Fica na cama até tarde e depois de levantar-se torna a dormitar meia hora antes do jantar. Janta em silencio; Indalecio vê-a comer somnolenta, com os lindos olhos vermelhos. Depois do jantar recosta-se n'um canapé de palhinha e adormece uma hõra, duas horas. No meio do pesado somno, n'aquella modorra de chumbo, julga ouvir os rumores apagados da loja, o arrastar tetrico do ferro, as pancadas no subterraneo. São ruidos que n'aquella somnolencia resoam n'um tom mysterioso, e ella relaciona-os com as estranhas visões d'um sonho.

A meia tarde sente na cabeça um grande peso doloroso; parece-lhe què lá dentro no cerebro ha tambem o arrastar de correntes de ferro, de barras, de traves, de pranchas de cobre. Borrifa a cara com agua fria, e a cara, afogueada, arde-lhe. Ao apagar-se aquelle ardor, parece que a testa ficou calcinada e uma dôr intensa faz-lhe palpitár as fontes, com martelladas fortes. Deita-se sêm esperar a ceia e no outro dia sente em todo o corpo um canção doloroso, um desejo invencivel de chorar, e uma desusada facilidade para o pranto. Tudo a faz chorar. Vicenta chora ás quartas-feiras pelas cousas mais insignificantes, por todas as minudencias da vida.

Ainda costuma derramar lagrimas, chorar com amargura a meio da semana. Mas aquelle pranto já é menos desconsolado; succede-lhe ás quintas-feiras o que succede nos dias chuvosos de primavera; chove, chove; a chuva é abundante, a chuva é forte; mas n'um momento apartam-se as nuvens, e listas de ceu azul, transparente, luminoso, aparecem alegres. E aos dias de pranto succede o dia de actividade caseira. Vicenta vae e vem, entra e sae; a valenciana aceiada e trabalhadeira recobra o dominio da sua natureza levantina. Uma rajada de juventude agita-a, estimulante e calorosa. E' um movimento incessante, um vae e vem continuo e agitado. Esta agitação reproduz-se quasi todas as sextas-feiras e cresce com vertiginoso impeto aos sabados. Os sabados são para a Inchaurrendieta dias de indescriptivel azafama; o sabado é a preparação do domingo.

Temos de levar isto; faz lá falta aquell'outro; no domingo passado esqueceram os guardanapos para o chocolate. . . e depois vão os Krasewski e não temos guardanapos para o chocolate; e o Niceto recommendou muito

semente de petunia; e a Niceta encomendou-me um lenço de seda para a cabeça; e a portinha do canal precisa de aldrava nova; e á guiseira faltam-lhe tres guisos; e na janella da escada, em logar do estore que está roto temos que pôr uma cortina. . . . Tai era o sabado da Valenciana, cheio de alegre agitação, de frenetica actividade.

E amanhecia o domingo. Madrugava; levantava-se ao raiar do dia, e com o primeiro frescor da manhã lá ia ella para a casa do *Canalillo*, *Castellana* acima, sem esperar o Indalecio, mais pachorrento, mais ronceiro. Ella ia depressa, *Castellana* acima, para gosar da manhãzinha fresca no jardim fresco, recém-regado pelo Niceto. Ia com passo vivo; quando chegava á *Huerta de Canovas*, no fim do passeio, costumava ouvir o rodar distante do primeiro americano da manhã. Então detinha-se um instante; respirava fundo, como se alguém tivesse vindo a perseguil-a. N'aquelle remanso ouvia cantar os passaros na *Huerta de Canovas*; milhares de passaros n'aquella espessura, e um aroma suave de jasmims e de madresilva que a envolvia na fragrancia da frescura matutina. Junto á grade a valenciana aspirava com deleite aquella atmospherá humida e embalsamada. Sem perder a alegria, que lhe brincava na alma, a ferrageira recordava o homem de Estado, ouvindo os passaros que trinavam, e respirando aquelle aroma da madresilva e dos jasmims.

—Coitadinho! ouviria estes passaros, cheiraria estas flores. Coitadinho! Que maus são os homens! Eu tinha-o enterrado aqui mesmo, com os seus passaros, os seus livros, as suas flores. . . . E pensar que um dia o vieram matar aqui mesmo! . . . E pensar que o mataram como se mata um passarinho, pum! um tiro. . . e morto!

Coitadinho! Se o não tivessem morto, ainda podia muito bem ouvir estes passaros e cheirar estas flores... Os seus passaros, os seus livros, as suas flores...

Estes pensamentos um pouco tristes da ferrageira eram um esvoaçar da sua propria alegria. As grandes alegrias são generosas, costumam dilluir-se em effusões compassivas; a ferrageira todos os domingos, ao passar muito cedo pela *Huerta de Cánovas*, sentia-se profundamente compassiva; depois, sem perder a sua generosa alegria, punha-se outra vez a caminho em direcção ao *Canalillo*.

Um domingo, parando diante da *Huerta*, Vicenta notou que a compaixão lhe vinha mais perra, mais difficil, menos effusiva. Custou-lhe um leve esforço sentir-se, como outras vezes, compassiva. A cousa mais simples basta para fazer-nos maus, faltos de compaixão. Vicenta lembrava-se de que na sua linda bolsa das encommen<sup>3</sup> das domingueiras, levava n'aquelle dia, recém-afiada, a tesoura podadeira, e só pensava em como ficaria bonito quando tosquiasse os passeios de buxo indomito, os rebentos do buxo bravo.

D'esta lembrança manava uma alegria intensa, um goso tambem bravo. A tesoura podadeira bem afiada. ras, ras, ras.

## XXIX

Vicenta chegou ao *Canalillo* e empurrou a porta; a sineta deu signal e ella achou-se dentro. Percebeu que alguém discutia com phrases calorosas, vivas. Parou a valenciana e, com o ouvido á escuta, conseguiu distinguir as vozes do filho e de Paternina. Ficou estarrecida:

Paternina acalorado, quasi iracundo, a uma hora tão matinal! Paternina e o seu filho em azeda disputa!

A ferrageira avançou pelo jardim fóra muito devagar. As vozes soavam dentro do *atelier* cuja porta estava aberta de par em par. Occultando-se entre a verdura, poz-se a espreitar o que se passava lá dentro. O italiano estava em pé diante da porta, de costas; vestia de preto com um chapéu de palha desabado, muito branco. Jorge passeava em toda a extensão do *atelier*. De vez em quando ella via-o passar diante da porta; ás vezes parava defronte de Paternina para atirar-lhe palavras e mais palavras, que lhe saíam dos labios duras, violentas, altivas. Jorge estava em mangas de camisa; com o colete desabotoado e a camisa, sem gomme, tambem mal abotoada. A mãe não ouvia claramente as phrases, mas, pelo tom, pela accentuação, pelas attitudes, pôde comprehender que se tratava d'uma disputa já esgotada, exhausta. Sem duvida aquelles homens estavam discutindo desde o romper d'alva, talvez desde a meia noute.

Calaram-se os dois. Paternina conservava-se immovel. Jorge apparecia o desaparecia rapidamente na abertura da porta. A attitude de Paternina, ainda visto como o via Vicenta, denotava resignação, conformidade com alguma grandissima desgraça. A attitude de Jorge nos suas fugazes appareções denotava firmeza inabalavel, resolução indomita.

De repente Inchaurrendieta assomou á porta do jardim e, em altas vozes, chamou pela Niceta:

— Niceta! A garrafa de genebra que está em cima do aparador! E dois copos!

Paternina mostrou com gestos de extraordinaria elo-

quencia que não queria beber cousa nenhuma. Depois estendeu a mão ao discípulo, em attitude de despedida; puxou o relógio e, consultando-o, abreviou a despedida.

A ferrageira apenas teve tempo de sair do esconderijo de folhagem, para que a não surprehendessem no feio delicto de espionagem. Saíu para uma rua por onde já caminhava o esculptor italiano; acharam-se defronte um do outro. O italiano complimentou-a com extremada cortezia, tirando completamente o grande chapéu de grandes abas, e descobrindo ao sol, que começava a piçar, a sua bella, limpa, branquissima cabeça. A turbacção interna dava algum tremor á voz do excellente Paternina. A excitação do espirito transparecia tambem no italianisado da saudação.

— *Signora, minha signora.* Por aqui, *in questa bella mattina.* Ahi está seu filho... o meu queridissimo discípulo... Ahi está... *Questa bella mattina!*... Seu filho é um rebelde, um incorrigivel, *ma e un egregio artista,* e quero-lhe de dentro, senhora, quero-lhe porque eu quero á arte *sopra tutto.*

A valenciana inconscientemente repetiu a phrase final de Paternina; parecia-lhe aquillo um arremedo do seu dialecto levantino:— *Sopra tutto!*

E que bem soavam essas phrases n'aquella manhã de resplandecente luz levantina, n'aquelle jardim de florescencia levantina! Resoavam com tal doçura que parecia impossivel que semelhantes palayras encerrassem venenosos rancores. E depois aquella face sorridente do bondoso Paternina... Não, não era possivel que ali se tivesse travado nenhuma discussão azeda.

— Pareceu-me, quando entrei, que estavam altercando, mas já vejo que não. Entre os dois não póde haver

desavença; nunca se hão de pôr mal. O senhor é muito bom e o meu Jorge também é muito bom. Elle ao senhor quer-lhe muito, muito.

—Nós, mal?... Nós dois? Oh! senhora! Nunca, nunca, nunca. Que artista! *Ma e indocile*, é novo e a mocidade é *indocile*. Por lhe quere: muito é que vim. Quero ver se o trago ao bom caminho.

—Ao bom caminho? — perguntou a ferrageira, um pouco, só muito pouco, inquieta.

—Quero dizer, senhora, ao caminho... *onorato*...

—Onorato?...

Vicenta comprehendia a palavra mas duvidava do verdadeiro sentido.

—Não se assuste! Rapaziadas! Não falo da honra; falo do honesto... que é cousa differente. Aqui não se fala de... *d'affari di danaro*, de cousa feia... Oh! senhora! Fala-se de... de uma *donna*.

Na face de Paternina esboçou-se um sorriso suave. Houve uma pausa. Os passaros piavam na ramaria do jardim e na do *Canalillo*, alegrando a manhã radiante, *la bella mattina*.

—Era d'isso que falavamos... Já se sabe... uma senhora... uma senhora acabada... e o Jorge, o seu querido filho, o meu amado discipulo, o Jorge... abandona-m'a! não quer saber d'ella!

A formosa valenciana abriu um pouco a boca, e um pouco mais os olhos que a luz solar tinha meio cerrados. O esculptor proseguiu a sua arenga simples, com voz palpitante, mas sempre doce, risonha, impregnada de bondade:

—A Casa-Nieve abandonada! E' a condessinha de Casa-Nieve... A senhora já ha de saber...

—Eu não sei nada, senhor—disse Vicenta n'um duro arremesso de fêmea levantina — Eu cá não sei nada, não sei nada.

—A senhora não sabe quem é a condessinha de Casa-Nieve? Uma dama da côrte, *egregia*, de antiga linhagem e formosa, formosa como uma *Madonna*. Ella quer-lhe muito, adora-o, é louca por elle, e *innamorata*, e elle abandona-a!... Abandonal-a, senhora, quando passou o perigo, *tutto pelicoro!*... Está viúva ha quinze dias! A senhora não ouviu falar n'um conde ferido, n'um desastre da caça, n'um conde que morreu? Andavam á caça de rezes grandes... Precisamente quando se recebeu a noticia, estava ella... estava... estava...

—Aonde, senhor, aonde?

—*In questo giardino*... E agora... agora abandonada, agora que está viuva... Duas vezes viuva! *Due vece vedova*... A *poverina* foi á minha casa, foi ao meu *atelier* chorando a sua desgraça.

—Qual?

—*Questa disgrazia*.

Houve outra pausa. Vicenta tinha pendente do braço direito a bolsa em que trazia, todos os domingos, as mil trapalhadas. N'aquella manhã vinha na bolsa a grande tesoura podadeira. A mãe de Jorge pensou vagamente n'aquella tesoura; passou-lhe na mente a imagem indistincta de uma grande tesoura, muito afiada; ouvia-lhe as folhas a cortarem com ancia alguma cousa invisivel, alguma cousa que rangia ao cortar.

Na alêa havia um banco. Vicenta largou a bolsa no banco; depois sentou-se tambem ali. Estava ao sol; em frente espriava-se o circulo de sombra de uma acacia. N'esse circulo metteu-se Paternina. Na verdura d'aquella

sombra, verdejava-lhe o fato preto, verdejava-lhe tambem o grande chapéu branco. A levantina estava linda com a pallida face ao sol; os olhos fuzilavam aveludados. O ar quente estava saturado de aromas. Piavam os passaros sobre a cabeça de Paternina e na ramagem da acacia.

Sem sair do circulo de sombra, Paternina continuou a falar; falava agora contendo um pouco a voz, com intonação de mysterio suave, muito intimo.

—Foi á minha casa a *innamorata*, e a chorar, a chorar, contou-me o segredo... *ma per la signora* não pode ser segredo... Ha outra *donna*.

—Outra?—perguntou n'um sussurro a valenciana.

—*Altra donna* — respondeu, tambem n'um sussurro, Paternina.

A ferrageira pegou na bolsa e pôl-a sobre os joelhos. O esculptor inclinou o busto para a Inchaurrendieta e, assim inclinado, em tom de intima confidencia, de revelação mysteriosa, disse:

—*Altra donna, ma questa donna* é das perigosas; é femea plebeia, tem outro homem... A minha condessinha sabe tudo.

A mãe de Jorge poz-se em pé; a bolsa de palha caiu ao chão. Paternina repetiu tres vezes seguidas que a sua condessinha sabia tudo, que a *altra donna* era plebeia, era perigosa, tinha outro homem. E, depois de isto bem repetido, tirou o grande chapéu de abas, despediu-se muito cortezmente da valenciana e partiu. A valenciana viu-o afastar-se pelo jardim fóra, viu o grande chapéu de abas afastar-se por cima da murta.

## XXX

A valenciana, de pé, ao sol refulgente, quedou-se immovel. Na cabeça, aquecida pelos ardores solares, borbulhavam em cachão palavras dispersas, sem ilação e sem sentido, que pareciam trazidas pelo vento, quentes como o ar d'aquella manhã. Eram as palavras de Paterina.

Levantou a bolsa e lentamente encaminhou-se ao *atelier* do filho. Elle estava a trabalhar. Ao ver a mãe, mergulhou as mãos n'um balde d'agua; enxugou-as á pressa, e abraçou estreitamente a ferrageira, cobrindo-a de festas, de caricias infantis.

—Ai mãesinha, ha que infinidade de dias que te não vejo! Não pude lá ir. Não, não pude. Estou cheio de trabalho. Já te esperava; estava aqui á tua espera. Veiu agora uma onda de trabalho. Quiz ir jantar contigo e com o papásinho. Bem recebi o teu recado: na quinta feira *paella* á valenciana... Que bella havia de estar!... mas não pude, mamanzinha. Chovem as encommendas. Com a volta da Exposição, decidiram-se todas... O busto da condessa foi o grande chamariz... Depois a medalha... Estas senhoras pellam-se por se verem retratadas por *uma primeira medalha!*... Mas agora a primeira, primeira causa, em que ponho mão é a tua *Dolorosa*. Já a tenho pensada; já a apanhei; é só põr-me a isso. Já cá está; já cá está, mamanzinha. Encontrei um modelo; vale mais que o de Florença. Que modelo, minha mãe! Que modelosinho! Espera-me amanhã para o jantar; e dá-me *paella*. Dás-me *paella* á valen-

ciana?... E o papá não vem?... Tu trazes-me? trazes-me?... Que semaninha! Todas as contas de chofre: os marmores, os transportes... Que boa, que boasinha que tu és!

A ferrageira tirou do seio um embrulhinho e entregou-o a Jorge, dizendo-lhe com muito amor:

—Toma, meu filho... São as tres mil e quinhentas. Guarda-os bem. Cala-te; cala-te. Teu pae não sabe.

Jorge pegou no embrulhinho, apertou-o nos dedos magros um pouco sujos do barro; beijou a mãe com ternura infinita, beijou o embrulhinho e depois de beijado metteu-o, feito n'uma torcida, na camisa sem gomma, desabotoada.

Jorge estava pallido, intensamente pallido, com fundas olheiras roxas nos olhos verdes, penetrantes e frios. A barba loura parecia mais dourada sobre a tez empallidada; o cabello caía em revolto desdem sobre a formosa testa, de brancura mate, de uma pallidez triste; até os labios, sempre tão vermelhos, estavam esbranquiçados.

Vicenta olhava para elle com tristeza. Quiz falar; não se atreveu a dizer nada; não soube dizer nada. Olhou em torno, e, sem saber como, sem querer, sem pensar, saiu-lhe dos labios uma phrase:

—Trabalhas muito, filho?

A' porta do *atelier* appareceu D. Indalecio. O seu corpanzil quadrado, recortava-se com proporções giganteas no vão luminoso da porta.

—Papásinho, adiante. Aqui estamos todos.

Inchaurrandieta avançou com passo mal seguro: aquelle *atelier* de tanta brancura deslumbrava-o. Era ferrageiro.

O rosto, um tanto denegrido pelo pó ferreo da loja,

estava n'aquella manhã tinto de um suave colorido; o olhar era um resplendor de honradez biscainha.

D. Indaiecio olhou com estranha curiosidade para todos aquelles marmorees que o rodeavam. Depois olhou para a mulher; depois olhou para o filho. Sem duvida lhe pareceram tambem de brancura marmorea aquelles rostos.

— Vocês estão pallidos — disse o vasconso, com indubitavel vaidade da sua tez vermelha e sã. Sentou-se onde pôde e, tirando o chapeo, descobriu a cabeça grisalha, empoada.

A mulher e o filho olharam-se; comprehenderam que Inchaurrendieta ia falar de alguma causa séria. Quando os homens sobrios de expressão se dispõem a falar, presente-se, fareja-se-lhes o rebentar do discurso; surprehende-se-lhes o forjar da phrase, deitando a idea no duro molde da palavra. A saúdação do filho: aqui estamos todos, serviu a Inchaurrendieta de primeiro elo. Puxou; os outros iriam saindo.

— Sim, cá estamos todos; muito estimo que a gente cá esteja todos.

E, depois, de golpe:

— Quantos annos pensas tu que tem o teu pae?

Não esperou resposta; respondeu elle mesmo:

— Teu pae anda... anda... anda ahi por seus setenta. A gente esquece-se porque se vê com esta cara. Esta cara é a minha vida, é o ferro. Não ha nada como o ferro: tu não quizeste nada com o ferro; tua mãe tão pouco. Ahi tem ambos; cõr na cara viste-la! Estou perto dos setenta; a minha idade é esta! O capital... vamos lá a ver, tu que capital julgas que tem o teu pae? Pergunta-o á mãe.

Todos olhavam uns para os outros. Houve um silencio grave ; parecia que até as figuras de marmore escutavam em silencio ancioso, palpitante. O ferrageiro inclinou um pouco o forte busto para diante, inclinou os largos hombros para diante ; apoiou nos joelhos as palmas das mãos. A sua attitude era a de uma grande simplicidade bondosa. Na mesma attitude simples continuou falando d'esta maneira :

—Teu pae não se deixa enforçar por um milhão de pesetas.

E, a seguir, sem a mais leve pausa :

—Teu pae veio descalço de Bermeo quando tinha quatorze annos. Descalço . . . descalço . . . A meio caminho atirei fóra as alpargatas que minha avó me tinha comprado á partida. Já sabes o que tem teu pae : um milhão de pesetas e setenta annos. Pois o milhão de pesetas chega de sobra para tu viveres ; e os setenta annos tambem chegam de sobra para eu morrer. Bem, pois para os annos que me restam, pensei que, em lugar de viver lá em baixo, e dar de vez em quando uma volta até cá a cima, o melhor é eu e tua mãe fazermos o contrario : vivermos cá em cima e, de vez em quando, darmos uma volta até lá a baixo.

Dito isto, o corpulento biscainho poz-se de pé, olhou pela porta que enquadrava meio jardim, encaminhou-se para ella, e, já no humbral, voltou-se para dizer á mulher e ao filho que o sol picava muito e que ia deitar mão ao regador.

Já Inchaurrendieta estava com o regador ao pé da bomba quando veio a mulher e lhe tocou no hombro :

—Indalecio . . . Indalecio, encontraste o Paternina ?

—Sim ; encontrei o Paternina.

—E falou-te, o Paternina?

—Sim, mulher; falou-me, o Paternina.

—Bem, Indalecio.

Um momento depois, ouvia-se no jardim o chiar da bomba e o repenicar da tesoura nas ruas de buxo e de murta.

### XXXI

Pela fresca da tarde vieram os Krazewski. D. Nicolau participou a D. Indalecio que levava muito adiantadas as suas memorias; que muito brevemente as daria ao prelo, porque estava decidido a dal-as ao prelo. Era verdade que a edição havia de ser muito limitada; uns duzentos exemplares numerados que repartiria entre as discipulas. Vinte ou trinta exemplares para vinte ou trinta amigos. Já tinha a lista feita. Aos senhores Inchaurrendietas correspondia-lhes o exemplar numero 139. O numero 138 era para a condessinha de Casa-Nieve. O numero 140 era para Paternina. Krazewski tinha conhecido Paternina havia muitos annos, quando um seu compatriota Skodopol, estivera de director de orchestra no *Teatro Real*. A casa de Skodopol iam as tiple e os tenores. Elle, D. Nicolau, tambem ia, como polaco desterrado, e como collega na musica. Eram os bons tempos de Krazewski. N'aquella casa conheceu Paternina e a sua senhora, quer dizer, n'aquelle tempo ainda não era sua senhora; era a segunda tiple do real colyseu.

E Krazewski expandiu-se em largas recordações d'aquelles tempos. O ferrageiro ouviu-o falar de cousas estranhas; ouviu que por aquelles tempos ainda se não falava de Wagner; isso veiu depois, veiu como uma onda,

foi como maré que avança e recua; mas por fim o mar ganhou terreno á terra. As primeiras notas wagnerianas que os madrilenos ouviram, soaram nos *Campos Eliseos*.

—O senhor talvez se não recorde dos *Campos Eliseos*?

D. Indalecio não se recordava d'aquelles campos. D. Nicolau continuou a sua verbosa arenga.

—Pois, sim senhor, ali é que soaram as primeiras notas; sob a batuta de Gaztambide. Eu não o ouvi; ainda então me não aquentava o sol de Castella, mas contou-m'o o proprio Gaztambide: foi a symphonia do *Tanhauser*. Foi ouvida em silencio. Ao terminar a symphonia, Gaztambide ficou indeciso, com a batuta na mão; os senhores professores ficaram tambem indecisos, empunhando os instrumentos. Os professores olhavam para o regente; o regente olhava para os professores. Foi um momento solemne: Wagner entrava em Hespanha. Os hespanhoes que nos *Campos Eliseos* presencaram a sua entrada, ficaram como o regente e os professores: indecisos e olhando com caras muito parvas uns para os outros. D'este modo entrou Wagner em Hespanha. Foi como primeira ondasinha mansa e longa que a maré baixa envia á praia secca. Assim o digo nas minhas memorias, ao falar do meu amigo, o bom Gaztambide. Depois d'aquelle pasmo nem Barbieri nem Monasterio se atreveram... Jesus<sup>1</sup> era um grande maestro, mas estava em Meyerbeer; Meyerbeer era seu amigo; acabavam de tocar juntos em Berlim. Jesus sentia pouco as grandes massas instrumentaes; Meyerbeer sim, porque era seu amigo. O quarteto emigrou. A musica sympho-

<sup>1</sup> D. Jesus de Monasterio.

nica é pintura a fresco; Jesus preferia os quadros de cavallette. Assim o digo nas minhas memorias. Para Jesus a batuta era uma brocha muito grossa; o pincel era o arco. Sempre que pegava na brocha imaginava que tinha um pincel na mão. Foi então que o bom do meu Skodopol introduziu, no *Real, Rienzi*. Depois Mariano, o bondoso Mariano, o faiscante Mariano... o senhor sabe, o Marianito Vázquez introduziu o *Sigfrid* na *Zarzuela*. Que tardes aquellas para os que eramos então grandissimamente *aficionados!* Que formidaveis batalhas! A's grandes sonoridades orchestraes o publico respondia com outras grandes sonoridades; ali tudo era wagnerismo, e os que protestavam contra musica tão ruidosa, levantavam ainda mais ruido. Começou então, então é que começou a invasão no piano. Terriveis dias! Eu não podia consentir n'aquillo. Tive desgostos serios, semsaborias graves. Esta é a pagina mais interessante das minhas memorias. Não; eu não podia consentir n'aquillo; eu não podia consentir em que abastardassem o piano, que pretendessem metter dentro da sua caixa harmonica trompas, trombones e timbales. O senhor entende que se possa metter uma leão na gaiola de um canario? O sr. Inchaurrendieta crê que se pode metter a musica wagneriana na caixa de um piano?

O ferrageiro na cria nada; ouvia com muita attenção todas estas cousas que o amavel professor de piano lhe contava. O mais extraordinario para D. Indalecio era que todas aquellas cousas fossem cousas madrilenas, acontecidas dentro de Madrid. Tres ou quatro vezes estivera a ponto de interromper o polaco para perguntar-lhe se todos aquelles acontecimentos tão extraordinarios tinham occorrido em Hespanha ou na Polonia.

Entretanto as duas vizinhas também papagueavam. D. Jacobita sentiu uma alegria immensa quando soube dos labios da valenciana que ali residiriam o mais e melhor do anno. Quando tal ouviu, D. Jacobita abriu e fechou cinco vezes successivas o leque; outras cinco vezes abriu e fechou os olhos n'um pestanejar nervoso; depois com o polegar e o indicador da mão esquerda afagou de cima abaixo uma correntesinha de ouro, antiga, que lhe pendia ao pescoço. No fim abriu o leque para utilisal-o na sua funcção natural de abanar a cara. O abanar-se é uma funcção feminina muito pouco estudada; sabe-se d'ella pouco mais que o que os poetas tem dito nas folhas dos albuns. Não ha duas mulheres que se abanem do mesmo modo. D. Jacoba abanava-se como se abanaria uma gatinha, se as gatas se abanassem; realmente era suave, era gracioso e felino aquelle abanar-se da senhora Krazewski.

E' de grandissima importancia, de imponderavel transcendencia n'esta historia vulgarissima, saber que n'aquella tarde o leque de D. Jacoba era japonéz. Na sua paisagem muito simples voejavam passaros japonezas. Aquella paisagem, os passarolas japonezes, até as varetas com o seu verniz brilhante, evocaram á mente da valenciana a lembrança do biombo japonéz atrás do qual a Rita Láinez se acolhia na sua nivea loja da praça da *Feria*. Lembrou-se da amiga; sobretudo lembrou-se da filha da amiga. Que bem estaria a Celita n'aquelle jardim, tratando das flores com o seu avental branco, de peitilho bordado, com as cintas cruzadas nas costas! A Celita era muito bonita. Agora reconhecia que a Celita era muito bonita; aquelle monete ao desdem, sobre a nuca, tinha muita graça; como tinha muita graça o

aventalinho branco, muito branco. A Celita havia de ficar ali muito bem a tratar das flores e a passear na ribeira do *Canalillo*.

Entretanto D. Jacoba abanava-se e falava.

—Tambem o Nicolau vae ficar muito contente. Havemos de cá vir muitas vezes. Que agora tambem vimos. Temos-lhe tomado um carinho, ao Jorge, . . . uma cousa por ahi além. . . Quemos-lhe mais, eu e o Nicolau! Que lindo rapaz! Eu comprehendo que as mulheres percam a cabeça por homens assim. . . Que flor de rapaz! Cá a mim ninguem me tira do cabeça que a Condessinha de Casa-Nieve estava apaixonada, apaixonada loucamente. O Nicolau diz que a condessinha de Casa-Nieve foi sempre uma das suas discipulas mais serias; e eu digolhe qua se pôde sèr muito séria, muito séria, e estar perdidamente apaixonada. Ella já por aqui não apparece. O Jorge acabou o busto. Lindo, lindo busto! Segundo parece, o marido não chegou a velo acabado.

—Pois D. Jacoba. . . pode ser que a gente não venha os dois sós, eu e o Indalecio. . . Póde. . . póde ser. . . pode muito bem ser que a gente não venha sós os dois.

O leque japonéz tornou a abrir-se e a fechar-se outras cinco vezes successivas e rapidas. A volateria japoneza apparecia e desaparecia como se entrasse e saísse de uma gaiola n'um revolutear impetuoso.

—Pode. . . pode ser que venha passar connosco o verão uma amiga.

—Uma amiga?

—A filha d'uma amiga.

Os passaros do leque voaram n'um vigoroso adejar; os passaros do jardim tambem revoluteavam entre a ra-

maria das acacias. D. Nicolau explicava a D. Indalecio as discordancias da harmonia wagneriana. A bomba do jardim começou aos guinchos agudos porque o Niceto se dispunha para a rega da tarde.

—A que vem agora ao *atelier* do Jorge é uma perfeita mocetona—disse D. Jacoba—Vimol-a o outro dia; uma rapariga mais perfeita! só um bocadinho morena demais; será que cá para mim prefiro as que são um bocadinho louras... A filha da sua amiga é loura?

—Loura.

—Pois esta que agora vem de modelo, eu cá acho-a muito morena. Uma tarde d'estas disse-o ao Jorge; atrevi-me a dizer-lh'o : este modelo é uma linda rapariga, mas muito morena. Elle tambem disse-me logo que a côr que lhe não importava; procura mas é a forma. Naturalmente, a um esculptor não lhe importam as côres; um esculptor procura é a forma. E deve ser um excelente modelo. É alegre! Do meu jardim oiço todos os dias as risadas. E' gargalhada bravia! Uma tarde d'estas eram taes as gargalhadas que elles davam, que me approximei devagarinho, muito devagarinho, mas logo me viu o Jorge, e o mesmo foi ver-me que obrigar-me a entrar—Entre, D. Jacoba, entre... Aqui somos todos de confiança; tome. Não?... Pois então uma azeitona. Para não fazer desfeita tive de comer uma azeitona. Muito bonita! uma perfeita rapariga... mas cá para mim hão de ser um bocadinho louras e um bocadinho mais finas. Eu cá gostava muito da condessinha de Casa-Nieve... Tive que sentar-me. Tive de comer ontra azeitona; empenharam-se os dois por força em que havia de comer outra azeitona.

## XXXII

Na semana seguinte os ferrageiros instalaram-se na casa do *Canalillo*. A Celia Láinez foi com elles.

Uma tarde Vicenta entrou no cacifo japonéz da sua amiga e sem rodeios, claramente, disse-lhe que vinha resolvida, completamente resolvida, firmemente resolvida a levar a Celia consigo. Assim mesmo, leval-a por todo o verão e por todo o outono para o *Canalillo*; e que fizessem de conta que lh'a tinham levado para a China, porque, pelo menos nos seis mezes mais chegados, não a tornariam a vêr na praça da *Feria*.

A Láinez ouviu a amiga sem largar o trabalho da mão; só no rosto se lhe divisou um leve e fugaz sorriso. O biombo japonéz resplandecia; chegou a crer a Rita Láinez que lhe tinham avivado as intensas cores envernizando-o de novo; aquelles florões despediam labaredas de tons carminados, rutilos. Quando a ferrageira lhe disse que fizessem de conta que lhes levavam a Celita para a China, obcecou-a por um momento a idea extraordinaria de que realmente lh'a levavam para a China, para um paiz distante, muito distante, de sol refulgente, onde haveria folhagens de arvores como aquella folhagem do biombo, onde haveria flores como aquellas flores grandes, estranhas, que embalsamariam o ar com intensos, riquissimos aromas; chegou a sentir essa suave perturbação que produzem os aromas intensos; mas aquillo passou depressa; voltou logo a si e respondeu por meias palavras á amiga.

—Ella, assim de golpe, não resolvia; era preciso falar com o Pascual e falar com a Celia.

— Talvez que a Celita não queira. Uma semana duas semanas inteiras... não digo; mas assim, mezes e mezes... A mim parece-me muito, Vicenta, muito.

Vicenta atalhou aquelles repards com inequivocas manifestações de calorosa ternura... Não admittia escrupulos, não admittia essas tolices... entre amigas, entre irmãs como ellas:

— Não, não, Rita, entre nós não quero que haja cêremónias tolas. A que proposito vem isso agora? Fazes-me julgar outra cousa; dás-me motivo para acreditar... Sim, estou quasi em pensar, e ha de pensal-o tambem o Indalecio, que nos negam a filha porque somos uns pobres ferrageiros. Por isso, por isso. Ha muito tempo que se tem ido apartando de nós; passam mezes inteiros sem nos vermos.

A Láinez deixou cair o trabalho no regaço. Vicenta fez uma pausa. Julgou que a amiga ia dizer allguma cousa; mas, vendo que a amiga não dizia nada, continuou ella a falar.

— E' egoismo; é uma grande falta de amizade verdadeira. Vocês tem muitos filhos; e eu não tenho senão um... um, Rita; só um.

A valenciana puxou o lenço e passou-o nos olhos. Aquelles olhos negros, levantinos, aveilúdados, estavam humidos.

Rita sentiu-se ternamente commovida; pareceu-lhe que tambem os olhos se lhe humedeciam. As duas mulheres olharam-se chorasas; guardaram silencio e depois olharam-se outra vez, sorrindo serenas.

## XXXIII

Celita quasi todas as tardes, á hora da sesta, entrava em casa da D. Jacoba; punha o chapelão de palha para defeza dos raios solares e levava sombrinha.

No silencio d'aquellas horas caniculares, D. Jacoba, do gabinete, ouvia chegar a Celita; ouvia-lhe os passos no jardim; ouvia-a abrir a porta. Esperava-a no patamar da escada:

—Suba, suba; já me tardava; suba, menina. O Nicolau tambem não dorme a sesta; está de volta oom as memorias.

Mettiam-se no gabinete que era um quarto pequenino, de intimidade juvenil, e, como todos os d'aquella casa, forrado de cretone de ramagens. O fundo de cretone que adornava o gabinete de D. Jacoba era côr de perola, e sobre esse fundo raminhos meudos de florinhas azues atadas com fitas de variadas côres. A janella era um painel luminoso entre os apanhados das nitidas cortinas. A'quella hora de calor intenso a luz entrava no gabinete através do crivo de um store esverdeado; depois passava através de uns tules; e depois ainda era coada pelas espumosas cassas de cortinas fluctuantes. Já dentro do quarto era uma luz de um leve verde aquatico, fraca, discreta e fresca.

Era ali que a velhinha tagarelava com a filha dos Láinez. Contava-lhe as doces historias amorosas das *suas discipulas predilectas*. Umhas historias acabavam em casamento, outras historias tinham um fim esbatido, outras acabavam de qualque modo, quasi não acabavam. Muitos d'aquelles nomes mencionados pela senhora

Krazewski evocavam em Celita recordações da sua casa, nomes que a mãe, a Rita Láinez, lhe tinha repetido muitas vezes. Primeiro soube d'essas pessoas pela roupa, pelos adornos; agora pelos dotes pessoases. Como a vida prepara e tece as cousas! E que extranho desacordo entre os dotes Moraes e o resto! Que extraordinarias cousas aprendeu Celita durante aquellas horas caniculares, no gabinetesinho da D. Jacoba, frouxamente iluminado por claridades aquaticas!

E aquellas historias intimas podiam dizer-se ornadas por illustrações authenticas; nunca faltava o retrato da heroína com dedicatória e assignatura. Era sempre a mesma dedicatória; lá isso, sim. Aquellas lindas heroínas teriam o fogo do amor muito accesso, mas o da litteratura estava completamente em cinzas: *Ao meu presado professor D. Nicolau Krazewski: Fulana de tal.*

Aquelles retratos, conservava-os D. Jacoba carinhosamente. A sua memoria era archivo em que se guardavam com ordem admiravel e maravilhosa pontualidade as historias amenas de todas as retratadas. Celita divertia-se immenso revolvendo o museu de retratos e o archivo das memorias. Por isso vinha sempre ás horas da sesta.

Assim ouviu uma tarde a historia da Casa-Nieve; ouvia-a tendo na mão o retrato da protagonista que era uma senhora nobre, de physionomia doce e attrahente, revelando até na dedicatória, até no typo de letra, a precia estirpe de uma pessoa bem nascida.

—Uma grande senhora, fidalga dos quatro costados —dizia D. Jacoba—E' para se ouvir o Nicolausinho a falar n'ella: a discipula mais senhora que tem tido no seu fongo professorado; de uma das casas mais austeras en-

tre as de mais antiga linhagem. O Jorge fez-lhe o retrato em marmore; bello marmore, digno da retratada. Ah! o Jorge é um artista consummado, minha amiguinha. Um artista consummado. Nós cá gostamos muito d'elle, muito. Eu e o Nicolau temos-lhe tomado um amor!... Sim senhores; pois aqui veiu varias vezes a condessinha; sempre mais bonita, mais elegante! Mas agora, é claro, já não vem, não senhora. Desde que enviuvou não a tomámos a ver. O Nicolau, sim; o Nicolau foi dar-lhe os pezames e ella recebeu-o n'um valle de lagrimas. Foi uma tragedia horrivel: sair de Madrid são e escorreito e quarenta e oito horas depois, trazerem-no de corpo presente! E' a historia mais dramatica de todas as *nos-sas discipulas*. O Nicolau vinha verdadeiramente impressionado. Bom trabalho me custou fazel-o comer n'essa noute! volta e meia punha-se-me quasi a chorar. O Nicolau toma muito amor ás discipulas; sente por todas que é uma cousa por demais... E á menina?... O Jorge á menina não lhe faz um retrato?

Celita cõrou á inesperada pergunta. O seu rubor de cereja resaltava mais n'aquelle ambiente verde aquatico. D. Jacobita juntou as photographias que a Láinez tinha no regaço e guardou-as n'um bufetesinho. Depois tornou a sentar-se ao lado da visinha.

—Pois sim; eu cá sei que elle lhe quer fazer um busto... Sei-o, porque o proprio Jorge m'o disse. O Jorge é muito nosso amigo. Tem-nos tomado um amor!... Um rapaz mais perfeito! Pois não é, Celita? Um lindo rapaz!... Pois sim; elle cá a mim já m'o disse. Eu tenho para elle o que se chama *privilegio da idade*... Eu sou para elle o que é para mim esse bufetesinho: receptaculo de segredos amorosos. E' o *privilegio*. O co-

ração da mulher é arca 'de amores e de amorinhos: quando é nova tem os proprios; quando é já velha tem os alheios. . . Celita, minha querida Celita, a menina é um anjo do ceu. Que lh'o diga uma velha já sei que lhe não importa nada. . . mesmo nada. Não é isto verdade? Mas não sou eu só que o digo. . . Celita, minha querida Celita, no meu bufetesinho já está 'a fazer falta outro retrato.

### XXXIV

Era a silenciosa hora da sesta. D. Jacobita, no seu gabinete de colorido aquatico, esperava a quotidiana visita da Celia Láinez; esperava-a n'aquella tarde com um bocadinho de impaciencia, com um desejo mais vivo que outras vezes de que ella apparecesse para dar-lhe noticias que transbordavam do seu coração bom. Tinha cousas muito boas para dizer á Celita. Jorge tinha lá estado na vespera á noute; tambem tinha ido o sr. Paternina, e os dois com o sr. Krazewski, todos de cavaco na sala de jantar, até ás duas horas da madrugada. Jacobita tinha estado inquieta por D. Nicolau que nunca se deitava tarde. Mas enfim ao outro dia dormiria a manhã na cama, porque agora já acabou as memorias e no verão não ha lições. Com dormir a manhã já repunha o somno perdido; o que se não repunha tão facilmente era a garrafa de cognac, quasi no fundo. Era excellente: dos *Tres Eles*; procedia de um dos presentès de Natal ao amavel professor de piano. Ella não estivera com elles; ella só tinha lá entrado tres vezes: uma para levar-lhes o café; outra para levar-lhes a garrafa; outra para retirar o café e a garrafa. N'esta ultima vez já pas-

sava da uma. Jacobita não tinha estado com elles; mas, entrando e saindo, ouvira cousas... Cousas... O marido falava da viuva—a *viuva* era a Casa-Nieve—porque o Nicolau tinha-lhe ido levar o volume das suas memorias, fresco, ainda humido, recém-saído do prelo. E lá se entretiveu horas inteiras. Manolita não o deixava ir-se embora: falava-lhe de todos, perguntava por todos; perguntou pelo Jorge e perguntou pela Celita. Viu o busto de marmore; ainda não estava no seu logar, mas n'um gabinetinho intimo, porque ella ainda não tinha tido animo, atormentada como estava, de leval-o para o seu logar: a sala branca.

Tudo isto foi ouvido por Jacobita a primeira vez que entrou com a cafeteira. A segunda vez, a da garrafa dos *Tres Eles*, estavam já a falar de outra cousa, d'aquella lindissima morena. D'isto D. Jacoba não diria á Celita nem uma só palavra. Nem uma palavra... nem uma. A terceira vez que entrou estavam falando da menina Láinez. Soube depois, por boca do Nicolau, o que tinham falado a respeito da Celita; tambem soube que o Jorge ia passar um tempo no estrangeiro... Ella só é que diria á Celita era que tirasse o retrato porque na sua collecção ia faltar um retrato. Ia-lhe n'este ponto o fio dos pensamentos quando ouviu que alguem subia a escada. Saíu ao patamar:

—Suba, Celita, suba.

—Não, não é a Celita; sou eu, D. Jacoba, sou eu... Sou eu que venho agradecer ao D. Nicolau; já li as suas memorias.

—Suba, Manolita... suba.

D. Jacoba e a Casa-Nieve entraram no gabinete. A condessa vinha de lucto com um veu pequeno na cara.

A Krazewski contemplou risonha a sua antiga amiga, antiga discipula.

—Ai, Manolita!... Com esse fato preto está linda, está lindissima. Sente-se; descance. Vir com este calor; vir a estas horas! Vou avisar o Nicolausinho. Elle quer-lhe muito... tomou-lhe um amor! uma cousa desconforme! Pelas discipulas, só pelas discipulas, esqueceu a sua Polonia... Pobre Nicolau! Vou a correr.

—Não, não, não, D. Jacoba; espere um momeno. Vinha dar-lhe os agradecimentos, mas tambem vinha, sabe? tambem vinha para falarmos nós ambas um bocadinho. Temos que falar um bocadinho. Tem um gabinete encantador. Têm uma casinha encantadora. O jardim é lindo. Desejava muito falar um bocadinho com a D. Jacoba.

D. Jacoba, até então de pé, sentou-se n'uma poltrona. O rosto estava-lhe banhado em sincera complacencia. A condessa, que estava sentada, poz-se de pé, tomou uma cadeira volante e, collocando-a de lado junto á poltrona da senhora Krazewski, sentou-se com agitação até então enfreada, reprimida.

—Aconteceu alguma cousa? Aconteceu alguma cousa, Manolita?

—Não se inquiete... Não aconteceu nada; talvez não chegue a acontecer nada. Ah! D. Jacoba! Nós imaginamos sempre que as cousas extraordinarias na vida não acontecem senão no theatro... Não é verdade, não é verdade que quando acontece alguma cousa extraordinaria na vida, dizemos sempre: não parece senão cousa de romance; não parece senão cousa de theatro?... Veja lá: a catastrophe do meu pobre marido! Quem havia nunca de pensar que o meu pobre

marido!... E eu tão alheia, tão descaçada, a fazer o busto! Não é verdade, não é verdade que todos, todos, todos... a D. Jacoba, eu, o D. Nicolau... todos temos um cantinho de romance na nossa vida... Não é verdade? Não é verdade, D. Jacoba? Pois vae ver... é horrivel. Assim, estes dias parece-me que estou a viver uma vida de romance... Não, não se assuste, por enquanto não ha motivo... Agora eu, ainda debaixo da impressão do que aconteceu ao meu pobre marido... vir outra afflicção... uma cousa horrivel. Já vae ver; eu soube-o pela minha cabelleira. Uma irmã d'ella que tambem penteia é visinha d'essa mulher que agora serve de modelo ao Jorge; essa mulher a quem o Jorge agora... Bem... São visinhas. Ella, a mulher, o modelo, vive na companhia da mãe. A mãe queria dedical-a ao theatro, quer dizer, ao theatro... Foram dizer-lhe, foram propôr-lhe que n'um d'esses... salões, não sei qual, o vermelho, o verde, o amarello... lhe offerciam ganhar cada noute não sei quanto dinheiro. Com quinze dias de preparação n'uma academia de dança que ha não sei em que rua, era bastante para se apresentar. Da academia encarregavam-se os proprios. Vê como são as cousas? Eu sei tudo, tudo, pela irmã da minha cabelleira... que conta tudo, tudo á minha cabelleira. A mãe primeiro fez boa cara aos offercimentos, mas soube-o logo o namorado, o namorado da filha, que é marceneiro e que á noute está de servente n'um gremio, justamente o gremio aonde ia o meu pobre marido. Está de servente na sala de jogo. Apenas deu fé do caso, o namorado disse á mãe que se a Ignacia... chama-se Ignacia essa mulher... que se a Ignacia fosse áquillo, tinha certa uma punhalada que elle lhe dava...

A mãe teve medo, contou-o á vizinha, á irmã da minha cabelleireira, que é quem penteia a Ignacia. Que mães! Que mães, D. Jacoba! Estava desesperada porque tinha posto na idéa ganhar... ganhar muito dinheiro, e a final acobardava-se... todos os dias se estão a ler cousas nos jornaes... Foi n'isto que começou cá a historia do Jorge... O Jorge sabe muito bem quem é o namorado porque tambem vae ao gremio. Pois hontem á tarde estava a irmã da minha cabelleireira a pentear a Ignacia quando se apresentou o marceneiro em pessoa... Que scena! Contou-m'a esta manhã a cabelleireira em quanto me estava a pentear. Acho que chegou a puxar a navalha... imagine isto, D. Jacoba!... puxou a navalha e disse á Ignacia que sabia perfeitamente que ella andava mettida com um *canteiro*, com um sугeitinho lá do gremio...

De fóra uma voz suave chamou por D. Jacobita.

—Quem chama?—perguntou a Casa Nieve.

—Continue, continue—pediu D. Jacoba.

Fóra tornou a ouvir-se a voz de Celita. Entreabriu-se a porta e a Láinez entrou. Vinha afogueada, com o grande chapelão de palha já na mão, e, como sempre, com o alvo avental de peitilho e as cintas em cruz nas costas.

### XXXV

Ao entrar, a Láinez turbou-se um tanto com a presença inesperada d'aquella senhora, e sobre tudo com o ar de agitação, de alvoroço que revelava o rosto sempre placido de D. Jacoba. Houve um momento de perpie-

xidade nas tres mulheres até que por fim a Casa-Nieve, avançando para a recém-chegada, disse:

— E' a Celita? . . . a filha dos senhores Láinez?

Mais que em tom de pergunta murmurou-o em tom de cortezia mimosa, com uma ternura tão doce que, ao pronunciar-lhe o nome, parecia afagal-o.

— Sim, minha senhora. Celia Láinez.

— Sabia que estava cá no *Canalillo*. Soube-o pelos seus paes. Eu conheço muito os seus paes; excellentes pessoas! Eu já sabia que a menina era muito bonita. . . mas parece-me que ainda o é mais, muito mais do que me tinham dito. . . Não é verdade, D. Jácoba, que ella é uma formosura?

E, ao dizer isto, impelliu suavemente Celita para uma poltrona, onde a fez sentar, sentando-se-lhe ao lado.

— Tinha um desejo de a conhecer! A Celita! Quantas vezes tenho falado na menina! . . . Com o senho-Inchaurrandieta, em quanto me fazia o retrato. . . Quantas vezes, Celita!

A condessa conservou nas suas a mão da filha dos Láinez, afagando-a com muita meiguice. A senhora Krazewski, sentada na poltrona defronte, parecia sorrir com a sua cara de velhinha risonha. Sem duvida a perturbação tinha passado. Celita Láinez olhava de frente a condessa, deixando-se afagar pelas suas palavras e pelas suas mãos. Era verdadeiramente amavel aquella senhora que, d'esde o primeiro momento, a mimoseava com tão brandas caricias. A mãe tinha razão: estas senhoras da aristocracia serão. . . o que se quizer, mas o seu trato é tão ameno, tão suave. . . Serão o que se quizer, mas ninguem pode negar que são encantadoras.

—Sim; a minha mãe também me falou muitas vezes da senhora condessa.

—Nunca consentiu que a menina descesse á loja para eu a conhecer... Tanto desejo como eu tinha de a conhecer!... Sempre a dizer-me que outro dia, que outro dia.

—Eu vi o retrato da senhora condessa no *atelier* do Jorge... Ficou um busto lindo...

—Sim, sim. O Inchaurrendieta favorece; é muito amavel; é um artista. Não é verdade, D. Jacoba, que é um grande artista?

D. Jacoba confirmou, mais que com palavras, com discretos, expressivos acenos de cabeça quanto o seu amigo e visinho era artista.

—Por em quanto tenho o meu busto retirado, quasi escondido, não quero mostral-o... A menina hade saber... havia de ouvir contar... Todo Madrid falou do caso.

—Sim, minha senhora. Foi uma desgraça horrivel. Como a senhora condessa deve ter soffrido!

—Muito, muito, Celita.

Celita viu os olhos da Casa-Nieve arrasados de lagrimas. Aos seus acudiram lagrimas também. D. Jacoba olhava para as suas duas amigas, irradiando-lhe no rosto uma bondade serena.

—Por isso o tenho quasi escondido. Parece-me que aquelle meu retrato é de uma vida passada, de uma mocidade morta. Agora, Celita, agora, o que sou eu? Aqui me tem uma viuva, uma desgraçada... Agora, agora, quem me dêra outro retrato, assim, como me vê, triste, enluctada, dolorida... Quem me dêra outro retrato!

E ao dizel-o com entoação de dôr, afagava meigamente a mão de Celita.

—Diga ao Inchaurrendieta que me viu, diga-lh'o... é que estimo muito... diga-lh'o... que estimo muito que case depressa. Isto é: a menina, é claro que não lhe pôde dizer isto... mas a D. Jacoba diz-lh'o, não diz?

—Sim, Manolita; dizemos-lh'o ambas, a Celia e eu. Eu supponho que é cousa para pouco tempo, para muito pouco tempo—affirmou D. Jacoba.

A filha dos Láinez esforçava-se muito por dizer alguma cousa; tentou soltar as palavras confusas que em borbotões lhe affluíam aos labios. A condessa poz-se de pé a calçar as luvas. Depois de enluvada tomou com mimo entre as mãos a cabeça da Celia Láinez e depoz-lhe dois beijos grandes, sonoros, nas faces rosadas.

D. Jacoba saiu do gabinete com a condessa.

Celita ficou só, de pé, com o olhar perdido na luz esverdeada do quarto, forrado, com menineira garridice, de cretone de fundo côr de perola.

A Krazewski demorou-se. Quando ella voltou, a Láinez notou nova turbação, novo desassocego n'aquelle rosto habitualmente sereno. Deu tres voltas no quarto como se procurasse alguma cousa; depois, tomando folgo, e com intensa mágoa, a velha bretã disse:

—De todas, todas as discipulasinhas do meu Nicolau, esta foi a mais desgraçada. Onde a vê é uma grande desgraçada. Desgraçada!... Eu sei lá!... A vida... historias, contos largos.

As ultimas palavras disse-as D. Jacoba n'um tom juvenil, quasi jovial, alegre e risonho. Mas depressa voltou ao ar de inquietação, de fundo desassocego. De repente tomou as mãos da amiga e, com tremor na voz e lagri-

mas nos olhos, disse-lhe que toda aquellá agitação que devia estar notando na sua pessoa era porque tencionava n'aquella tarde tirar de uma gavetinha, da gavetinha de segredo, um retrato para lh'o mostrar a ella, a ella só. Ninguem, ninguem, ninguem o tinha visto; ninguem. Só ella e o Nicolau; só os dois. Ninguem mais n'este mundo.—Eu não quiz que ninguem n'este mundo o visse: o retrato da Telva, o retrato da minha filha. A menina vae vel-o, mas não quero que mais ninguem o veja. Comprehende agora, Celita... comprehende a minha turbação, comprehende porque me tremem as mãos?

Com effeito, magras e engelhadadas, as mãos de D. Jacoba tremelicavam. Tremelicando abriu o bufetesinho, depois abriu uma gaveta de segredo, e do fundo tirou uma caixinha de madeira aromatica. Tomou-a entre as mãos como arca que guardasse uma reliquia. As duas mulheres dirigiram-se juntas ao quadro luminoso riscado pela cortina da janella. Nenhuma falava. As mãos delgadas de D. Jacoba abriram a caixinha a tremer. Tirou d'ali um retrato. Olhou para elle um momento, só um momento: beijou-o com os seus labios de velha e passou-o a Celita.

—A Telva... é a Telva.

Celita contemplou o rosto de Telva. A filha dos senhores Krazewski era uma corcundinha de peito e costas; tinha a cabeça enterrada nos hombros; a testa era uma planicie chata, quadrada; os bracinhos curtos, tão curtos que as mãos mal chegavam á cintura disforme.

Entreabriu-se a porta do gabinete e appareceu o polaco.

D. Nicolau approximou-se das duas mulheres. D. Jacoba, olhando-o com amorosa ternura, disse-lhe:

—É a Telva.

Então o polaco desatou a chorar como uma criança; sentando-se n'uma poltrona, chorou amargamente. A breia correu completamente as cortinas que vedavam a luz estival e uma onda de sol entrou no gabinete.

—Nicolau . . . Nicolausinho, olha que bonito, olha que bonito é o sol de Hespanha.

### XXXVI

N'aquella noute, como todas as noutes, Celia Láinez abriu a janella do seu quarto e apoiou-se ao peitoril. Primeiro olhou para o ceu; começou a contar as estrellas, e conforme ia contando e buscando nas trevas, iam saindo estrellas e mais estrellas. N'uma muito verde pousou a vista e, sem saber porquê, lembrou-se da corcundinha. Depois foi outra vez contando. Perdia a conta e começava outra vez. Que tinha! Contar por contar.— Bem sei que são milhões de milhões. Tambem ao pé do mar se contam as ondas. Que tem! . . . contar as ondas do mar ou as estrellas do ceu . . . A estas horas já a mamá fechou a loja, já apagaram as luzes, já estarão todos a dormir . . . Eu não tenho somno . . . Póde ser que aquella grande seja a Polar. Sempre gostava de saber como se chamam as maiores, as maiores de todas; mas não tenho quem me ensine. O Niceto sabe os nomes de uma infinidade de flores e vae-m'os dizendo; e aprendo. Agora dos nomes das estrellas, d'isso o Niceto não pesca nada. Cada homem sabe lá da sua cousa; por exemplo, o que sabe de flores não sabe de estrellas. Um pescador, conforme

vae tirando os peixes, vae dizendo : este chama-se assim, aquelle chama-se assado. Mas apresentem-lhe uma espiga de trigo e outra de cevada . . . ia apostar que o pescador não sabe qual é a de trigo nem qual é a de cevada . . . Eu cá imagino que ha de ser o mesmo com todos, todos, todos os sabios . . . A mãe ás escuras distingue as differentes qualidades de panno. Pega n'uma com uma mão e n'outra com a outra e, com os olhos fechados, só com apalpal-as, diz logo : esta é tal, esta é qual. Mas ia apostar que a mãe não sabe qual é a estrella Polar ? . . . E porque será que a Polar me fez agora lembrar um dia . . . ha annos . . . um dia em que o Jorge quiz levar-me á Moncloa para ver a nevada ? Porque será ? Tambem tem que se lhe diga isto de lembrar-se a gente de umas cousas, e de outras cousas, sem mais quê nem para quê. São recordações que se põem a sair claras, claras, claras, como essas estrellinhas que parece que estão sempre a sair quando a gente se põe a olhar . . . Terá voltado o Jorge ? Virá ? Ha tres dias que não vem ! Quem me faz muita pena é a D. Vicenta. Agora que me estima tanto, tanto, tanto ! . . . Esta tarde aquelle pobre pediu-lhe esmola pela saude da sua filha. E a D. Vicenta, eu bem vi, bem vi . . . deu-lhe uma esmola tão grande . . . Como parece que brilham agora mais as estrellas todas !

Heide comprar um livro . . . que elle hade haver um livro que diga o nome das estrèllas todas . . . Que bulha será está ? E' o *Canalillo*. Talvez alguém que passa . . . Se olho para o jardim está tão escuro que me mette medo . . . Que fresquinho tão bom vem da serra agora ! Cheira a alfazema e a tomilho . . . Para ali está a serra. Para ali não dá medo olhar. O que me faz medo é o jardim. Se é escuro como breu ! Ao longe vêem-se cou-

sas; aqui em baixo não se vê nada... nada. Outra vez... Que bulha é essa? Que é isso?... Eh? Jorge!... Jorge!... Que parva! São as arvores. Os dois cyprestes muito direitos, muito altos, muito agudos... O mais alto parece que se move... é com o ar da serra Quem é? Quem é? Quem anda ahí?... Jorge!... Niceto!... D. Vicenta!... Jorge!... E's tu, Jorge... Chamavas-me?

Com voz estrangulada Celia chamou ainda Jorge. Uma rajada de vento agitou a folhagem; o sussurro apagou a voz da Láinez. Restabeceu-se o silencio. Celia escutava ansiosa, anhelante.

Era um silencio angustioso, triste. Ella apertava os punhos contra as faces, escutava com a alma toda. Pareceu-lhe ouvir o seu nome a distancia, com voz abafada, como se dentro do atelier de Jorge alguem a chamasse.

Ouviu o doloroso gemido de uma porta.

—Será o Jorge?... Viria embriagado?... Quem será?

Quiz chamar Jorge; fez um esforço para gritar, mas a voz não lhe saiu da garganta. O nome de Jorge afofava-a, sem ella o poder atirar ao espaço negro. A rama das acacias tornou a levantar murmurio de folhas, que era como risada da noite escura. Ladrou um cão com latido agudo; outro cão mais longe ladrou furiosamente. Continuaram a ladrar muito tempo, com desespero, sem tomar folgo.

.....  
.....  
A voz do Niceto soou clara no jardim.

—Quem foi? leve o diabo!... Quem diacho?

Celia olhou para baixo. Uma luzinha vacillante vagueava entre as arvores. A luz deslisou até ao portão do *atelier*. Sem duvida estava aberto porque a luz se sumiu ali. O jardim era uma matta negra.

Tornou a apparecer a luzinha pequena, vacillante como estrella que tivesse caído do ceu.

Celita, inconscientemente, gritou chamando pelo Niceto. O Niceto respondeu do portão com grunhidos guturaes. A luzinha continuou a vacillar-lhe nas mãos. Abriu-se de repente uma janella e a voz aspera do ferrageiro soou vigorosa:

— Quem chama?

— Aqui... senhor... Senhor, aqui!... O senhor Jorge! Valha-nos Deus! o senhor Jorge!

Outra baforada de vento fez estremecer a folhagem, e a voz do Niceto perdeu-se no sussurro.

Celita saiu do quarto, procurou a escada ás apalpa-delas, e ahi deu com Vicenta que tambem descia. As duas mulheres atravessaram o jardim n'uma carreira. Ao chegarem ao portão do *atelier*, Indalecio deteve-as no umbral.

— Não mulher, não, não; não se pode entrar.

De trás do ferrageiro estava Niceto com uma lanterna na mão.

Indalecio com o seu enorme corpanzil tomava a entrada. As duas mulheres queriam entrar; gritavam com desespero. Indalecio abria os braços para impedir a entrada e com voz firme repetia:

— Não, Vicenta... não Vicenta... não, não, não se pode entrar.

Vicenta viu as mãos de Indalecio, que estavam ensanguentadas.

Caiu de joelhos, quiz apoiar as mãos em alguma cousa; julgou talvez que as apoiava ao balcão da ferraria. Sem consciencia o corpo baqueou-lhe, caíu de bruços; e com o corpo unido ao chão ella beijava-o, talvez julgando beijar o chão sujo da ferraria, julgando ter defronte uma imagem da *Dolorosa* entre dois florões de latão.

Niceto largou a lanterninha no chão, sobre o umbral. A frouxa claridade estendia-se pelo chão, alumando o sobrado do *atelier*.

Indalecio acudiu a levantar Vicenta; inclinou o corpanzil para levantá-la, mas aprumou-se dizendo ao jardineiro:

Tu... Tu, Niceto.

E, ao dizel-o, mostrava-lhe as mãos.

Celia, livre já a entrada, metteu-se no *atelier*.

Os cães continuavam a ladrar. As rajadas de vento agitavam a ramaria das acacias. A agulha do typressete balouçava-se como sombra errante por noute negra. As aguas do canal, produziam, a espaços, ruidos roucos.

FIM





# Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

## VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

### LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

#### Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 240 paginas, em corpo 8 ou 10,  
excellente edição, em optimo papel.

Preço de cada volume 200 ra. brochado, ou 300 rs.  
elegantemente encadernado em percalina.

Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada volume

#### Volumes publicados

- |  |  |
|--|--|
| 1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.                      | 6 — As batalhas da vida, por Guiomar Torreção.                             |
| 2 — Contos no luar, por Julio Cesar Machado.                         | 7 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.                                |
| 3 — Carmen, trad. de Mariano Level.                                  | 18 e 19 — Em segredo, trad. de M. de Sequeira.                             |
| 4 — A Feira de Paris, por Iriel.                                     | 20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves. |
| 5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.                          | 22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.                       |
| 6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.                      | 23 — A cruz de brilhantes, por A. Campos.                                  |
| 7 — Esgotado.  | 24 — Contos, por Affonso Botelho.  |
| 8 — Esgotado.  | 25 — Esgotado.   |
| 9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.                               | 26 — O mysterio da estrada de Cintra, por Eça de Queiroz e R. Ortigão.     |
| 10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.                | 27 — O naufragio de Vicente Sodrê, por Pinheiro Chagas.                    |
| 11 — Hora d'artista, trad. de P. Chagas.                             | 28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.                                    |
| 12 — Esgotado.   | 29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.                        |
| 13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho. | 30 e 31 — Amor á antiga, por Caêl.   |
| 15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.                      |  |

- 32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.
- 33 — Contos, por Pedro Ivo.
- 34 — O correio de Lyão, por Pierre Zacone.
- 35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
- 36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
- 37 — Obras primas, por Chateaubriand.
- 38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
- 39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
- 40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
- 42 e 43 — Espelho de portuguezes, por Alberto Pimentel.
- 44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
- 45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
- 46 — Sêca e Méca, por Lino d'Assumpção.
- 47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
- 48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
- 49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
- 50 — Luz conda por ferros, por D. Anna A. Placido.
- 51 — A flor sêca, por P. Chagas.
- 52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
- 53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
- 54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
- 55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Castel.
- 56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
- 57 — Dramas da corte, por Alberto de Castro.
- 58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
- 59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
- 60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
- 61 — Insularca, por Meniz de Bettencourt.
- 62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
- 64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
- 65 — Retalhos de verdade, por Castel.
- 66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
- 67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
- 68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
- 69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
- 71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
- 72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
- 73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
- 74 — Individualidades, por Henrique das Neves.
- 75 — Affacibas, por Alfredo de Mesquita.
- 76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
- 77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
- 78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves.
- 79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
- 80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
- 81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
- 82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
- 83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
- 84 — Um drama de ciuime, por Maria O'Neill.
- 85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
- 87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
- 88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo

## OUTRAS OBRAS

### Azevedo (Domingos de)

- Diccionario (Grande) contemporaneo francez-portuguez e v. v. No prelo a 2.<sup>a</sup> edição, muito correcta e extremamente augmentada, enc. 12\$000 rs.  
Grammatica da lingua franceza, enc. 900 rs.  
Grammatica Nacional, para aprender portuguez sem mestre, enc. 15\$000 rs.  
Lições praticas de conversação franceza, enc. 400 rs.  
Ollendorff aperfeiçoado para aprender francez sem mestre, (2 vol.) enc. 2\$500 rs.

### Carvalho (D. Maria Amalia Vaz de)

- Ao correr do tempo, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Arte de viver na sociedade, br. 1\$000 rs., enc. 1\$400 rs.  
Aventura de um polaco, (2 vol.), br. 400 rs., enc. 600 rs.  
Cartas a uma noiva, br. 700 rs., enc. 900 rs.  
Cerebros e corações, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Chronicas de Valentina br. 700 rs., enc. 900 rs.  
Coisas d'agora, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Contos e phantasias, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Em Portugal e no estrangeiro, br. 800 rs., enc. 1\$100 rs.  
Figuras de hoje e de hontem, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Heroismo do clero, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Impressões de historia, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
No meu cantinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Nossas filhas, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Pelo mundo fóra, br. 500 rs., enc. 700 rs.

Raphael, trad. de Lamartine, (ed. de luxo), enc. 3\$200 rs.

### Pinto (Silva)

#### (COLLEÇÃO D'ALGUEIRA)

A 500 rs. br. e 700 rs. enc.

- A queimar castuchos.  
A torto e a direito.  
Ao correr do pello.  
Entre nós.  
Frente a frente.  
Moral de João Braz.  
Mundo (O) furta-córes.  
Na Procella.  
Na travessia.  
N'este valle de lagrimas.  
No colyseu.  
No mar morto.  
Para o fim.  
Philosophia de João Braz.  
Por este mundo.  
Riso amarello.  
Rompendo o fogo.  
Velha historia.

### Queiroz (Dr. Teixeira de)

- Amores... amores... br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Arvoredo, br. 800 rs., enc. 1\$000 rs.  
Cantadeira (A) br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Caridade (A) em Lisboa (2 vol.), br. 1\$000 rs., enc. 1\$400 rs.  
Cartas d'amor, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
D Agostinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Morte de D. Agostinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.  
Noivos (Os) (2 vol.), br. 1\$000 rs., enc. 1\$400 rs.  
Nossa (A) gente, br. 500 rs., enc. 700 rs.  
Sallustio Nogueira (2 vol.), br. 1\$000 rs., enc. 1\$400 rs.  
Amor Divino, br. 600 rs., enc. 800 rs.

PARCERIA  
ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA-EDITORIA

OFFICINAS

TYPOGRAPHICA E DE ENCADERRAÇÃO

*MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

44a54-Rua Augusta-44a54

LISBOA

